

JULIANA BEN BRIZOLA DA SILVA

A GANGORRA DO AMOR:  
DISCURSOS SOBRE GÊNERO, SAÚDE E EMOÇÕES  
NA INSTITUIÇÃO MADA  
(MULHERES QUE AMAM DEMAIS ANÔNIMAS)

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Antropologia Social da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina, como requisito para a  
obtenção do título de Mestra em  
Antropologia Social.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia  
Weidner Maluf

Florianópolis  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Juliana Ben Brizola da Silva

A gangorra do amor: discursos sobre gênero, saúde e emoções na instituição MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas) / Juliana Ben Brizola da Silva ; orientador, Sônia Weidner Maluf Maluf, 2018.

148 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Antropologia das emoções. 3. Estudos de gênero. 4. Antropologia da saúde e doença. 5. Antropologia da política. I. Maluf, Sônia Weidner Maluf. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL


**A gangorra do amor: discursos sobre gênero, saúde e emoções  
na instituição MADA (Mulheres Que Amam Demais Anônimas)**

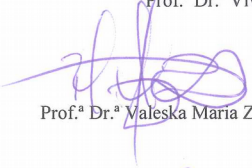
**Juliana Ben Brizola da Silva**

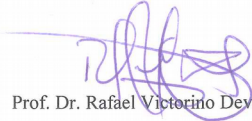
Orientador(a): Prof.ª Dr.ª Sônia Weidner Maluf

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos(as) seguintes professores(as):

  
Prof.ª Dr.ª Sônia Weidner Maluf (Presidente - PPGAS/UFSC)

  
Prof.ª Dr.ª Viviane Vedana (PPGAS/UFSC)

  
Prof.ª Dr.ª Valeska Maria Zanello de Loyola (UNB) \*vídeoconferência

  
Prof. Dr. Rafael Victorino Devos (Coordenador do PPGAS/UFSC)

Florianópolis, 12 de setembro de 2018.



*Às integrantes da MADA, que tanto  
me ensinaram sobre coragem,  
honestidade e manifestação do desejo*



## AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente e imensamente, às participantes dos grupos MADA Curitiba por terem me recebido com tanto carinho, pela confiança depositada, pela partilha de experiências íntimas e, muitas vezes, dolorosas, por terem tornado possível o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao meu companheiro Márcio Fontoura pelo amor, pelos lanchinhos preparados enquanto eu dissertava e pela compreensão durante a finalização da dissertação, momento em que precisei me ausentar do convívio familiar e social. Ao meu pai e à minha mãe que muito me ensinaram sobre fazer o que se gosta, sobre seguir os próprios sonhos e ideais e que sempre acreditaram no meu potencial e apoiaram minhas escolhas, mesmo quando elas apontavam para caminhos difíceis de serem percorridos. Às famílias Pinto Ben e Brizola, pelo amor e apoio, hoje e sempre.

À minha orientadora, Sônia Maluf, pelo incentivo, pelos comentários, pelas críticas e pela leitura atenta dos meus textos ao longo da escrita da dissertação. Aos professores Scott Head e Mériti de Souza pelas contribuições na banca de qualificação. Às professoras Viviane Vedana e Valeska Zanello, pelas análises refinadas do meu trabalho e pela generosidade com que expuseram suas críticas e elogios na banca de defesa da dissertação.

Aos colegas de PPGAS pelo compartilhar de ideias e afetos ao longo destes dois anos e meio de curso. Em especial, agradeço às colegas e amigas Alessandra Ghiorzi, Matilde Castellano, Natália Dothling, Carla Ribeiro, Camila Dutra, Isadora Zuza e ao colega Alberto Andrade, pela curiosidade demonstrada em relação ao meu tema de pesquisa e pelos comentários generosos aos textos lidos durante o processo de escrita.

Aos colegas de TRANSES, “melhor grupo de pesquisa”, parafraseando o Éverson Fernandes, pelos infundáveis debates foucatianos e butlerianos, pelo afeto, pelas risadas e pela troca de ideias, sempre tão produtiva, meu muito obrigada!

Aos professores Márcio Teixeira, Teófilos Rifiotis e Oscar Saez e à professora Antonella Tassinari, dos/da quais/qual tive o prazer de ser aluna e com os/a quais/qual tanto aprendi. À coordenadora do PPGAS e

professora Vânia Cardoso, sempre tão atenciosa e prestativa às minhas solicitações como discente. À professora e diretora do CFH Mirian Hartung pela parceria no projeto de extensão Antropologia e Cidadania no ano de 2016.

Agradeço, por fim, à Universidade Federal de Santa Catarina, por me possibilitar o acesso a um ensino público, gratuito e de qualidade; à CAPES, à FAPESC e ao IBP (Instituto Brasil Plural) pelo financiamento desta pesquisa, por terem possibilitado minha imersão em campo, durante cinco meses ininterruptos, fato fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.



*O desejo diz: "Eu, eu não queria ser obrigado a entrar nessa ordem incerta do discurso; não queria ter nada que ver com ele naquilo que tem de peremptório e de decisivo; queria que ele estivesse muito próximo de mim como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, e que os outros respondessem à minha expectativa, e que as verdades, uma de cada vez, se erguessem; bastaria apenas deixar-me levar, nele e por ele, como um barco à deriva, feliz." E a instituição responde: "Tu não deves ter receio em começar; estamos aqui para te fazer ver que o discurso está na ordem das leis; que sempre vigiamos o seu aparecimento; que lhe concedemos um lugar, que o honra, mas que o desarma; e se ele tem algum poder, é de nós, e de nós apenas, que o recebe."*

*Mas talvez esta instituição e este desejo não sejam mais do que duas réplicas a uma mesma inquietação: inquietação face àquilo que o discurso é na sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação face a essa existência transitória destinada sem dúvida a apagar-se, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação por sentir nessa atividade, cotidiana e banal porém, poderes e perigos que sequer adivinhamos; inquietação por suspeitarmos das lutas, das vitórias, das feridas, das dominações, das servidões que atravessam tantas palavras em cujo uso há muito se reduziram as suas rugosidades.*

Michel Foucault

*Regresso para mim  
e de mim falo  
e desdigo de mim  
em reencontro.*

Maria Teresa Horta



## RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar as narrativas de mulheres que frequentam a instituição Mulheres que Amam Demais Anônimas, bem como o discurso institucional que pretende guiar as trajetórias das participantes na instituição. As narrativas nos conduzem às experiências de sofrimento e superação vivenciadas por estas mulheres e também nos informam sobre a dinâmica de tratamento da MADA. O recorte de gênero e o potencial terapêutico da instituição são aqui problematizados no sentido de perceber como o discurso institucional, com seus regimes de verdade, produz sujeitos que amam demais, ao mesmo tempo em que abre espaço para a emergência de outros discursos, que expressam as singularidades das sujeitas em questão. A experiência de “estar em recuperação” na MADA produz efeitos, que se evidenciam nos discursos sobre gênero, saúde e emoções das interlocutoras.

**Palavras-chave:** Mulheres. Instituição. Gênero. Experiência. Amor. Relacionamento.

## ABSTRACT

This paper proposes to analyze the narratives of women at MADA institution (Women Who Love Too much), as well as the institutional discourse that intends to guide the trajectories of the participants in the institution. The narratives lead us to the experiences of suffering and overcoming experienced by these women and also inform us about the dynamics of treatment of MADA. The gender perspective and the therapeutic potential of the institution are here problematized in the sense of perceiving how the institutional discourse, with its regimes of truth, produces subjects who love too much, at the same time as it opens space for the emergence of other discourses that express the singularities of these subjects. The experience of "being in recovery" in MADA has effects, which are evident in the discourses about gender, health and emotions of the interlocutors.

**Key-words:** Women. Institution. Gender. Experience. Love. Relationship.

## SUMÁRIO

<b><u>PRÓLOGO.....</u></b>	<b><u>15</u></b>
<b><u>INTRODUÇÃO.....</u></b>	<b><u>17</u></b>
<b><u>1 A INSTITUIÇÃO MADA: REGRAS, FREQUENTADORAS E RITOS.....</u></b>	<b><u>21</u></b>
<u>1.1 CHEGADA NO CAMPO: PERCEPÇÕES, DESCOBERTAS E ACONTECIMENTOS.....</u>	<u>21</u>
<u>1.2 O QUE É A MADA E COMO ELA FUNCIONA.....</u>	<u>25</u>
<u>1.5 AS FREQUENTADORAS DA MADA: PERFIS, IDENTIDADES E SINGULARIDADES.....</u>	<u>38</u>
<u>1.6 GRATIDÃO, SERVIDÃO E ESPIRITUALIDADE: A ENTREGA AO PODER SUPERIOR NA “RECUPERAÇÃO” E OS ENCONTROS DA MADA COMO ACONTECIMENTOS.....</u>	<u>46</u>
<u>1.7 A INSTITUIÇÃO MADA NO CONTEXTO DE GRUPOS DE AJUDA MÚTUA: ESPECIFICIDADES E CONVERGÊNCIAS.....</u>	<u>56</u>
<b><u>2 AS ESTRATÉGIAS TERAPÊUTICAS DA MADA E SEUS EFEITOS NA “RECUPERAÇÃO”.....</u></b>	<b><u>61</u></b>
<u>2.1 ETAPAS DO PROGRAMA MADA E TRAJETÓRIAS POSSÍVEIS NA INSTITUIÇÃO.....</u>	<u>61</u>
<u>2.2 AS TRÊS DIMENSÕES DA “TERAPIA DE ESPELHOS”: SINGULARIZAÇÃO E DESSINGULARIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA.....</u>	<u>64</u>
<u>2.3 AS DIMENSÕES DA DISCIPLINA NA DINÂMICA INSTITUCIONAL.....</u>	<u>72</u>
<u>2.4 A AUTORRESPONSABILIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE TRATAMENTO NA MADA E SEUS EFEITOS NAS TRAJETÓRIAS DAS INTERLOCUTORAS.....</u>	<u>76</u>
<u>2.5 ASSERTIVIDADE, EMPODERAMENTO E AUTONOMIA: INTERSECÇÕES ENTRE OS DISCURSOS NA MADA E OS DISCURSOS FEMINISTAS.....</u>	<u>85</u>

<u>2.6 DINÂMICAS PRÓPRIAS DE “RECUPERAÇÃO” E PROCESSOS DE RESISTÊNCIA: TRAJETÓRIAS SINGULARES.....</u>	<u>92</u>
<b><u>3 DISCURSOS SOBRE GÊNERO, SAÚDE E EMOÇÕES: DOS BINARISMOS ÀS CONFLUÊNCIAS.....</u></b>	<b><u>99</u></b>
<u>3.1 A BUSCA DO “AMOR SAUDÁVEL”: IDEAIS E BINARISMOS NO CAMPO.....</u>	<u>99</u>
<u>3.2 EU PRECISO, TU PRECISAS, NÓS PRECISAMOS: A PRECISÃO E O “CONTROLE” COMO CARACTERÍSTICAS DA “MULHER QUE AMA DEMAIS” NO CONTEXTO DA SOCIEDADE PATRIARCAL</u>	<u>111</u>
<u>3.3 GÊNERO E EMOÇÕES: ATRAVESSAMENTOS POSSÍVEIS.....</u>	<u>120</u>
<u>3.4 A GANGORRA DO AMOR.....</u>	<u>128</u>
<b><u>CONCLUSÃO.....</u></b>	<b><u>137</u></b>
<b><u>REFERÊNCIA.....</u></b>	<b><u>141</u></b>
<b><u>ANEXOS.....</u></b>	<b><u>147</u></b>

## PRÓLOGO

### Por que falar de amor?

Essa é uma pergunta retórica e fundamental ao mesmo tempo. Falar de amor é comum à experiência dos sujeitos no mundo. Fala-se de amor na arte, na filosofia, na ciência, na religião e na vida cotidiana. O amor está na cama, na mesa e nas conversas de bar; na pregação do pastor evangélico, na oferenda à Yemanjá e nos crucifixos dos tribunais brasileiros; está na boca dos poetas, nos muros pichados, no imaginário coletivo e nas instituições. *Por amor*, matrimônios são contraídos. *Por amor*, feminicídios são cometidos. *Por amor*, escolhas são feitas, caminhos são seguidos. *Por amor*, sujeitos se constituem e são constituídos.

Na filosofia clássica ocidental, em várias filosofias orientais e em quase todas as religiões fala-se muito sobre amor, sendo este, inclusive, um dos principais temas sobre os quais se fala. Historicamente, são os homens que dissertam sobre o amor. São eles que definem o amor, que traçam suas origens, que arbitram sobre sua finitude ou infinitude. São eles que validam e medem o amor, que o legitimam ou deslegitimam. Foram eles que criaram a figura do Deus masculino, a quem *devemos amar sobre todas as coisas*. A ideia do amor como princípio universal está na maior parte das religiões – se não em todas – e também em algumas correntes filosóficas e científicas.

As concepções e as falas de amor são diversas e polissêmicas e se transformam no tempo e no espaço. Hoje, muitas vezes têm voz quando o assunto é amor, ainda que algumas tenham mais ouvidos do que outras. O que parece que não muda é o desejo de falar de amor. Mas do que se fala quando se fala de amor? Que emoções e sentimentos estão implicados nas falas sobre amor? Quem pode falar de amor? Que sujeitos se constituem nessas falas? Que lugares permitem os discursos amorosos? Que discursos são legitimados e que outros são silenciados?

Essas são algumas perguntas que guiarão a leitora e o leitor neste texto, e já começo por advertir: este trabalho não pretende apresentar as teorias sobre o amor, muito menos de uma perspectiva histórica linear; da mesma forma, não pretende compreendê-las. No máximo, situará a leitora e o leitor nos debates sobre o amor romântico – o grande ideal de amor que fundamenta a experiência amorosa da maioria dos sujeitos

contemporâneos, assim como fundamenta os discursos sobre o amor numa perspectiva mais ampla (GIDDENS, 1993). Falar de amor romântico hoje é também falar da sua desconstrução. As desconstruções vêm sendo feitas tanto na academia como na política da vida cotidiana e se dão em um contexto de novas configurações sociais e políticas. As pautas feministas, que estão no centro deste movimento, reivindicam transformações nos espaços público e privado, assim como questionam a própria separação entre eles. O privado também é público. O amor também é político.

O tema da desconstrução nos leva à ideia de jogo, onde ausência e presença se realizam de forma alternada, onde a lógica cartesiana é desconstruída e as oposições que a sustentam passam a ser maleáveis e conjecturais (DERRIDA, 1971). Nesse sentido, o amor também é jogo, é gangorra, pois as posições na relação amorosa não são fixas, os sujeitos não são fixos, a história não é fixa. Se pensamos a história como jogo, nos termos de Foucault, admitimos o imprevisível e o acaso como parte da vida e do processo histórico, admitimos que só se faz a história participando de seu próprio jogo (1984). Participar do jogo é se colocar nele, perceber-se dentro e fora, transitar pelos espaços de forma estratégica e intencional, mas também fluir por eles, estando atenta ao acaso e à perdição; e é assim que me coloco nesta pesquisa, como uma sujeita que transita e que nesse trânsito vai conhecendo e reconhecendo a si mesma e as outras, tensionando os meus lugares de fala e os das minhas interlocutoras, percebendo os dilemas, desejos e paradoxos que ora são meus, ora são delas, ora são nossos.

Eu falo de amor porque não falar é deixar que falem por mim. Eu falo de amor porque ele me atravessa e me constitui como sujeito mulher. Eu falo de amor porque me definiram como aquela que acolhe e ama incondicionalmente. Eu falo de amor porque resisto, resisto ao lugar da ausência – de falo, de razão – e do excesso – de amor, de raiva – onde nós mulheres somos circunscritas. Eu falo de amor porque persisto e persistir ainda não é lugar comum para uma mulher.



## INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a analisar as narrativas de mulheres que frequentam a MADA, bem como o discurso institucional que pretende guiar as trajetórias das últimas na instituição. As narrativas nos conduzem às experiências de sofrimento e superação vivenciadas por essas mulheres e também nos informam sobre a dinâmica de tratamento da MADA. O recorte de gênero e o potencial terapêutico da instituição são aqui problematizados no sentido de perceber como o discurso institucional, com seus regimes de verdade, produz sujeitos que amam demais, ao mesmo tempo em que abre espaço para a emergência de outros discursos, que expressam as singularidades das sujeitas em questão.

A partir da escuta dos relatos das interlocutoras e da minha vivência em dois grupos MADA, na cidade de Curitiba, Paraná, busco analisar o modelo terapêutico da instituição e o modo como a mesma opera o duplo movimento que nomeei de singularização e dessingularização da experiência. Este movimento evidencia alguns paradoxos que embasam o discurso MADA, particularmente no que se refere às questões de gênero. No entanto, este duplo movimento, que conforma discursos e práticas ao mesmo tempo em que promove a expressão das singularidades, parece frequentemente previsto pela instituição MADA que, ora está interessada em promover a identificação entre suas participantes, ora deixa frestas para a expressão das singularidades.

Partindo da ideia deleuziana de que os paradoxos são inerentes ao puro devir, e o acontecimento é efeito e devir ilimitado (Deleuze, 1974), percebo o percurso das integrantes na MADA como um acontecimento que vai além da incorporação de padrões institucionais preestabelecidos. Os regimes de verdade (FOUCAULT, [1971] 1996) da MADA, ainda que sejam norteadores dos relatos e das experiências das participantes durante o “processo de recuperação”, são também questionados em vários momentos por algumas destas mulheres. As resistências se mostraram no campo de diferentes formas e nem sempre geraram tensionamentos dentro do grupo. Resistir às vezes significava ignorar determinadas estratégias de tratamento ou criar suas próprias, e não expor estas escolhas nas reuniões. Outras vezes, resistir significava

propor alterações na dinâmica dos encontros ou no material instrucional que dessem conta da diversidade de orientação sexual e de gênero existente nos grupos MADA.

No discurso MADA coexistem premissas que afirmam padrões tradicionais de gênero e refutam estes mesmos padrões; esta dualidade se reflete e também se complexifica nas narrativas das interlocutoras. Se por um lado o ideário da MADA aceita e reproduz padrões normativos de gênero, por outro ele os ressignifica no contato com outras discursividades, como o individualismo relacional (CAMPOS, 2005) e as reivindicações feministas. A questão central aqui não é enquadrar a MADA como promotora ou não da igualdade de gênero, mas sim tensionar as premissas gendradas que estruturam a instituição, percebendo em que medida estas guiam as concepções de gênero das participantes da MADA durante suas trajetórias terapêuticas.

No que diz respeito aos aspectos metodológicos, o presente trabalho resulta em uma etnografia, na qual a observação participante e as entrevistas semiestruturadas foram as principais técnicas de pesquisa utilizadas. A aplicação destas técnicas se desenvolveu a partir da pesquisa narrativa. A imersão em campo, durante cinco meses corridos, me permitiu uma aproximação intensa da MADA e de suas frequentadoras, que extrapolou os encontros semanais. Além de frequentar às reuniões dos grupos MADA, na cidade de Curitiba, de duas a três vezes por semana, participei de almoços, cafés e passeios no parque com algumas das minhas principais interlocutoras. Os diários de campo – em papel e digital – me acompanharam durante toda a pesquisa, tendo sido uma das principais fontes desta etnografia. No último mês do campo, realizei seis entrevistas individuais semiestruturadas, as quais foram gravadas na íntegra e transcritas posteriormente. Após o retorno à Florianópolis, realizei mais duas entrevistas, uma por e-mail, e outra por áudios via rede social. O material bruto dos cadernos de campo e entrevistas resultou em mais de 100 páginas digitadas em folha A4.

Percebo o campo como experiência vivida de pesquisadores, pesquisadoras, interlocutores e interlocutoras não neutros, sujeitos não lineares, que também se contradizem e que inventam cultura, nos termos de Roy Wagner (2014). Se o nosso trabalho, como antropólogos e antropólogas, passa, necessariamente, por incluir a nós mesmos e o

nosso próprio modo de vida em nossos estudos, ao investigar o outro e a outra, investigamos também a nós mesmos. E é justamente neste exercício de percepção do modo de vida do outro e da outra que nos inteiramos das singularidades e relatividades da nossa cultura, assim “no ato de inventar outra cultura, o antropólogo inventa a sua própria e acaba por reinventar a própria noção de cultura” (WAGNER, 2014, p.43).

Se inventamos cultura ao fazer antropologia é porque passamos a questionar os limites entre realidade e ficção, é porque passamos a duvidar da ideia de real como algo pronto e preestabelecido. A objetividade, tão conectada com a ideia de realidade numa perspectiva cartesiana, já não é algo anterior à experiência do sujeito, mas se constitui na prática, na percepção (MERLEAU-PONTY, 1994). Nesse sentido, percebo o campo, um campo que se constituiu a partir da experiência de sujeitos que se relacionaram num dado tempo e espaço. Um campo que abarcou o corpo, o acaso, a poesia, o devir, os afetos e afetações e o assombro<sup>1</sup> como partes legítimas do fazer científico.

Entendo minha experiência no campo como uma sucessão de acontecimentos, que são lidos e interpretados por uma antropologia em constante diálogo com a filosofia e com estudos interdisciplinares de gênero. Para Foucault, os acontecimentos são sempre singulares e devem ser entendidos como uma relação de forças. Essas forças “não se manifestam como formas sucessivas de uma intenção primordial; como também não têm o aspecto de um resultado. Elas aparecem sempre na álea singular do acontecimento” (JÚNIOR apud FOUCAULT, p. 95, 2004). Deleuze pensa o acontecimento como “sempre qualquer coisa que acabou de passar ou que vai se passar, simultaneamente, jamais qualquer coisa que se passa” (DELEUZE, 1974, p. 79).

Pensar o campo como acontecimento é estar atenta às singularidades, ao acaso, ao assombro da existência (INGOLD, 2013). Foucault fala sobre o acaso das lutas, o acaso como possibilidade e como agente dos processos sociais no curso da história. Derrida toma o acaso como aquilo que foge à lógica formal, o que escapa, o disruptivo, o indecível (DERRIDA, 1971). Clarice Lispector percebe o acaso na ideia de vida oblíqua:

---

<sup>1</sup> Penso o assombro no sentido dado por Tim Ingold (2013) como um estado de percepção em um mundo em contínuo nascimento.

Só agora pressenti o oblíquo da vida. Antes só via através de cortes retos e paralelos. Não percebia o sonso traço enviesado. Agora adivinho que a vida é outra. Que viver não é só desenrolar sentimentos grossos — é algo mais sortilégico e mais grácil, sem por isso perder o seu fino vigor animal. Sobre essa vida insolitamente enviesada tenho posto minha pata que pesa, fazendo assim com que a existência feneça no que tem de oblíquo e fortuito e, no entanto, ao mesmo tempo sutilmente fatal. Compreendi a fatalidade do acaso e não existe nisso contradição. (LISPECTOR, 1998, p.31).

A fatalidade do acaso e os atravessamentos possíveis de uma vida oblíqua encontram eco no conceito de acontecimento de Foucault, na teoria da desconstrução de Derrida e Deleuze e na ideia de *vida como nascimento contínuo* que Ingold toma emprestado de seus interlocutores indígenas. Emaranhada nestas percepções de vida oblíqua, devir intermitente e assombro da existência, percebo o campo MADA.

Este trabalho está inscrito no campo da antropologia das emoções e dos estudos interdisciplinares de gênero e dialoga com diversas áreas do conhecimento, como a filosofia, a psicologia social e a sociologia da saúde e das emoções. Na busca de referenciais teóricos, pude identificar que a maior parte das pesquisas sobre a MADA e sobre grupos de ajuda mútua em geral, partem de saberes da psicologia e da sociologia, havendo poucos trabalhos sobre a MADA na antropologia.<sup>2</sup> Neste sentido, o desenvolvimento desta pesquisa foi o desbravar de um campo, e as análises aqui apresentadas nos trazem mais perguntas e caminhos para a investigação do que respostas assertivas ou teorias estabelecidas sobre a MADA e sobre suas frequentadoras.

---

<sup>2</sup> Encontrei apenas dois trabalhos sobre a MADA no campo da antropologia: minha monografia de conclusão de curso (SILVA, 2008) e um artigo intitulado “Mulheres que amam demais: conjugalidades e narrativas de experiências de sofrimento” (HEILBORN e PEIXOTO, 2016).

## 1 A INSTITUIÇÃO MADA: REGRAS, FREQUENTADORAS E RITOS

A MADA é uma instituição terapêutica para mulheres que se reconhecem, ou vêm a se reconhecer, como mulheres que amam demais. A MADA possui premissas, regras e preceitos de conduta, que se afirmam nos rituais performatizados e se refletem nas formas de ser, pensar, agir e sentir das integrantes da instituição. Neste capítulo, apresentarei a MADA e suas frequentadoras, situando a referida instituição no universo de grupos de ajuda mútua e evidenciando tanto as identidades formadas no interior dos grupos MADA como as singularidades das sujeitas pesquisadas. Falarei também da minha inserção em campo e das experiências pregressas que vivi na instituição.

### 1.1 CHEGADA NO CAMPO: PERCEPÇÕES, DESCOBERTAS E ACONTECIMENTOS

Minha chegada no campo foi permeada por uma efusão de sentimentos e por algumas surpresas positivas. Era minha primeira viagem à Curitiba e a segunda ao estado do Paraná. Eu estava bastante ansiosa e animada com a pesquisa por vir, mas também preocupada com a possibilidade de não ser aceita como pesquisadora da MADA. Era uma terça-feira, dia de encontro do Grupo MADA São Gonçalo.<sup>3</sup> Cheguei alguns minutos mais cedo com o intuito de me apresentar e de me informar sobre a possibilidade de desenvolver a pesquisa que daria origem a esta dissertação. Estava preparada para, talvez, não poder assistir àquela reunião, pois já sabia, pelas informações disponíveis na internet e pela minha experiência anterior na MADA, em Porto Alegre,<sup>4</sup> que alguns grupos permitem o livre acesso de pesquisadoras, e outros

---

<sup>3</sup> Os nomes dos grupos, das paróquias e das interlocutoras foram trocados para manter os respectivos anonimatos.

<sup>4</sup> Pesquisa etnográfica que originou o trabalho de conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais (UFRGS), intitulado “Quando amar é um problema: os significados de amar demais a partir do MADA – Mulheres que Amam Demais” (2008).

não; e os que permitem, muitas vezes só o fazem após uma consulta ao grande grupo.

Na sala destinada aos encontros, na Paróquia São Gonçalo, localizada em um bairro tradicional da cidade, estavam Maria e Ana, frequentadoras da MADA, as quais se tornariam duas das minhas principais interlocutoras. Elas, que viriam a coordenar e secretariar àquela reunião, estavam “arrumando a sala”, o que significa preparar o terreno para a sequência de rituais que se realizam nos encontros da MADA. Lembro que Maria estava tirando do armário os cartazes que seriam afixados nas paredes, enquanto Ana preparava a mesa lateral com o chá e o café. Elas estavam em pé e eu também. Disse meu nome, minha profissão e expus minha intenção de frequentar as reuniões, durante alguns meses, para desenvolver a pesquisa de mestrado. Elas sorriram, me cumprimentaram e, sem nenhum questionamento, Maria disse que sim, eu poderia frequentar as reuniões pelo tempo que fosse necessário. Sentei ao lado da mesa em que Ana fazia o café, e ela me indagou, em tom curioso e levemente provocativo, “então, você que é pesquisadora, que estuda o amor e essas coisas aí: quantos tipos de amor existem?” Como se pode imaginar, a pergunta me desconcertou e de forma um pouco impulsiva e honesta respondi “não faço a menor ideia, mas quando eu descobrir, eu te conto”. Nós duas rimos, e nesse momento começavam a chegar outras mulheres para a reunião.

No dia seguinte, 15 de fevereiro de 2017, cheguei pela primeira vez no segundo Grupo MADA que frequentei, o Santa Tereza, localizado no bairro centro, em uma grande igreja, talvez a maior da cidade. A sala destinada à MADA, nesta sede, ficava num grande corredor cheio de salas, no segundo andar de uma das construções que compõe o complexo da igreja. O prédio é antigo e as salas possuem grandes janelas de madeira maciça. O local estava movimentado e já neste primeiro momento percebi que era ocupado por pessoas de diferentes classes sociais e origens étnico-raciais. Posteriormente, vim a saber que ali funcionavam várias atividades, entre elas, outros grupos de ajuda mútua – Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos – e o Centro de Acolhida do Imigrante, que recebia, principalmente, imigrantes haitianos.

Quando cheguei na sala da MADA, a porta estava fechada e havia uma menina, de pé, em frente à porta, com um lenço na mão. Seus olhos

estavam vermelhos e inchados e ela parecia desconfortável ali. Eu a cumprimentei e ela fez um sinal com a cabeça, olhando de relance na minha direção. Alguns minutos depois, chegou uma jovem senhora negra – a primeira mulher não branca que vi no campo e uma das poucas negras que frequentaram a MADA ao longo dos cinco meses desta pesquisa – que nos cumprimentou e abriu a sala. Antes de iniciar a reunião, eu me apresentei e expus minhas intenções como pesquisadora. Ela, cordialmente, sem fazer perguntas, disse que eu poderia assistir às reuniões.

O acesso facilitado que tive ao campo diz muito sobre os grupos MADA de Curitiba, sobre seus regimes de verdade e suas dinâmicas de funcionamento. O ambiente acolhedor, solidário e gentil – características seguidamente associadas ao feminino – é a base para a expressão das emoções das mulheres que frequentam a instituição. Não por acaso, os relatos, gestos, choros e risos expressos nas reuniões da MADA costumam reverberar a atmosfera de acolhida que caracteriza a MADA. As poucas falas e expressões das emoções raivosas ou indignadas que presenciei nos encontros eram claramente dissidentes e, embora não fossem apontadas como tal, embora não fossem recriminadas ou rechaçadas diretamente, eram sutilmente discriminadas de diferentes modos. Falarei mais sobre isso no capítulo II.

Após assistir a essas duas reuniões, nos dois grupos MADA de Curitiba, retornei à Florianópolis, já pensando sobre a possibilidade de me mudar para a capital paranaense durante os meses destinados ao campo. Duas semanas depois, retornei à Curitiba e no fim da viagem já estava decidida a fixar residência lá durante a pesquisa. As cinco reuniões que assisti nestas duas primeiras idas à campo mexeram muito comigo. Os relatos das participantes da MADA e o ambiente institucional onde se realizam aguçaram minha curiosidade antropológica, me mobilizando a mergulhar no campo.

Além disso, para minha surpresa, senti uma forte identificação com os relatos de algumas interlocutoras. Num primeiro momento, me assustou tal identificação, inclusive me questionei se eu não estaria afetada demais para desenvolver a pesquisa. Contudo, num segundo momento, depois de algumas semanas em campo, a afetação foi se ramificando, tomando diversas formas que conviviam entre si. Passei a me ver – e, talvez, a ser vista – antes de mais nada, como uma mulher,

no sentido singular e coletivo, como uma sujeita antropóloga, feminista, recém-separada, que se percebe assumindo diferentes posições no campo, em diferentes momentos. Aos poucos, fui percebendo que muitos aspectos me levavam a sentir uma identificação com várias frequentadoras da MADA, entre eles questões de gênero, classe, raça, idade e orientação sexual. As formas de ser, pensar, agir e sentir de algumas interlocutoras me soavam bastante feministas, e ainda que a maior parte destas mulheres não se identificasse como feminista, este era um fator de aproximação entre nós.

Os encontros da MADA, embora sejam recheados com diferentes momentos ritualísticos, são focados nas “partilhas”,<sup>5</sup> ou seja, nos relatos de experiência das participantes. Os convites à “partilha”, que se faziam por meio de olhares e sorrisos, que tanto me constrangiam no início do campo, passaram rapidamente a me sensibilizar a falar. Minhas falas, embora muitas vezes dissonantes e pouco ancoradas nos preceitos institucionais, foram me aproximando das outras mulheres, foram me colocando em um lugar singular no campo, que pouco a pouco eu fui desenvolvendo e compreendendo.

Neste percurso, me vi tensionando as delimitações dos papéis sociais que nos definem – pesquisadora e interlocutoras – e marcam identidades no campo. Busquei me despir da preocupação em separar a antropóloga, da mulher que vivencia uma grande identificação com muitas das histórias de vida compartilhadas, assim como evitei encaixar as minhas interlocutoras em estereótipos ou perfis de “mada”. Percebi que, assim como eu, elas operavam constantemente o exercício da alteridade. Antropólogos e antropólogas têm falado sobre uma antropologia simétrica e sobre o modo como os interlocutores e as interlocutoras das pesquisas antropológicas pensam, questionam, agem e reagem a partir do olhar da pesquisadora ou do pesquisador, porém no campo MADA há que se considerar uma particularidade fundamental: a proposta terapêutica do programa de recuperação prevê e promove o olhar para si e o olhar para a outra e para o outro. A via de mão de dupla “falar e ouvir”, apontada por uma das interlocutoras desta pesquisa como principal característica da MADA, aproxima-se do fazer antropológico e do constante exercício de alteridade que lhe é próprio.

---

<sup>5</sup> O uso das aspas assinala categorias nativas.



## 1.2 O QUE É A MADA E COMO ELA FUNCIONA

Eu me surpreendo, se você perguntasse pra um homem o que ele acha que é o MADA talvez ele diria “é uma fofocaiada”, mas não, é um dos grupos [de ajuda mútua] mais silenciosos, que as pessoas respeitam, não tem muita intervenção, é um respeito solene da tua palavra, independente se você tá gaguejando, se você tá falando português claro, são seus cinco minutos de fama (risos) que você vai ser ouvida por aquelas mulheres que estão ali. (...) O MADA é especificamente um grupo de mulheres que se ajudam partilhando suas experiências e parando para ouvir as experiências das outras. Eu acho que essa é a via de mão dupla principal do MADA: falar e ouvir (...) O MADA é um lugar de encontro, um lugar não só de ficar bem, mas de lidar com as coisas, encarar (...) pra mim o MADA é um tratamento, é uma maneira de eu não me perder de mim mesma, de eu ter sempre um parâmetro”. (Boni, i.n.i,<sup>6</sup> entrevista)

É porque assim, a origem de doze passos é o AA, depois disso Narcóticos Anônimos, Comedores Compulsivos, são os grupos mais antigos, e cada vez estão surgindo mais grupos, então grupo bebê pra mim é um grupo que foi criado há poucos anos. O MADA de Curitiba tem 15 anos e Rio tem 20, 20 e poucos anos. O primeiro [MADA] no Brasil não tem mais que 20 e poucos anos, perto de uma outra irmandade [AA] que tem quase 100 anos... então é um grupo bebê, porque agora que a gente tá começando a se organizar; um grupo bebê em quantidade de grupos, porque agora a gente tá pegando o modelo de outros grupos e montando aqui.

(Rosa, 45 anos, entrevista)

---

<sup>6</sup> Idade não informada.

A MADA, na perspectiva das interlocutoras desta pesquisa, é, ao mesmo tempo: um grupo de ajuda mútua formado exclusivamente por mulheres, uma irmandade, um tratamento que visa à recuperação da dependência de relacionamentos, um “grupo-bebê” no universo dos grupos de ajuda mútua, como definiu uma das interlocutoras, um lugar para compartilhar experiências, onde a fala e a escuta são “uma via de mão dupla”. Em determinados momentos, e para determinadas frequentadoras, a MADA é um espaço de encontros e de trocas situado, no qual se busca respeitar e valorizar a singularidade de cada sujeito; em outros momentos, a MADA figura como irmandade, “comunidade imaginada” (ANDERSON, 1989; FERREIRA, 2012),<sup>7</sup> na qual suas integrantes se reconhecem como servidoras, como “material humano” necessário ao funcionamento da instituição.

De acordo com o site oficial,<sup>8</sup> MADA é uma irmandade de mulheres, cujo objetivo principal é a recuperação da dependência de relacionamentos destrutivos, a partir do desenvolvimento de novas formas de se relacionar consigo mesma, com os outros e com as outras. Este processo ocorre, principalmente, por meio da troca de experiências dentro e fora dos encontros da MADA. A dinâmica da recuperação consiste na prática do programa de doze passos e doze tradições<sup>9</sup> adaptado dos Alcoólicos Anônimos para as Mulheres que Amam Demais Anônimas. Em linhas gerais, pode-se dizer que os doze passos são as etapas que uma pessoa percorre – ou deve percorrer – ao longo de sua recuperação. As doze tradições são os princípios e as regras que regem a instituição e que devem ser seguidos por todas. Nos grupos MADA pelos quais circulei, uma “quebra de tradição” era considerado algo grave, que deveria ser constantemente evitado.

Os Alcoólicos Anônimos têm sua origem nos EUA e configuram como a primeira instituição do gênero autoajuda no mundo – hoje são chamados de grupos de ajuda mútua –, tendo seu primeiro grupo formado no final da década 30, no estado de Ohio. De acordo com dados do site oficial,<sup>10</sup> no Brasil, o primeiro grupo AA forma-se no final dos

<sup>7</sup> Termo utilizado por Carolina Ferreira influenciada pela discussão de Benedict Anderson sobre a comunidade, as nações e a consciência nacional.

<sup>8</sup> <https://grupomadabrasil.com.br/>

<sup>9</sup> Ver os doze passos e as doze tradições no item Anexos (anexo A e B).

<sup>10</sup> <http://www.aabr.com.br/>

anos 40 pela iniciativa do publicitário estadunidense Herbert L, que veio ao Rio de Janeiro para cumprir um contrato de três anos como diretor de arte numa grande companhia internacional de publicidade. Conta-se que Herbert frequentava a AA em Chicago, EUA, e, para manter sua sobriedade, resolve criar o primeiro grupo AA no Brasil.

A instituição Alcoólicos Anônimos tem como principal objetivo a recuperação de pessoas que se reconhecem como alcoólicas, ou seja, que se identifiquem como dependentes da substância química conhecida como álcool. Para tanto, a AA incita seus participantes a frequentar as reuniões do grupo e a seguir os doze passos e as doze tradições que são a base de seu programa de recuperação. A dinâmica de tratamento e as regras da AA formam o modelo institucional a ser seguido por todos os grupos de ajuda mútua que surgem e que possuem em sua sigla o A de Anônimos.

Há uma compreensão compartilhada pelos membros de grupos de ajuda mútua de que não apenas substâncias químicas sejam passíveis de causar dependência nos sujeitos, podendo estes também tornarem-se dependentes de sentimentos, pessoas ou qualquer coisa que desencadeie uma obsessão ou uma compulsão.<sup>11</sup> Assim, surgem grupos de Comedores Compulsivos Anônimos (CCA), Gastadores Compulsivos Anônimos (GCA), Dependentes de Amor e Sexo Anônimos (DASA) e Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA). Nesta perspectiva, formas de ser, pensar, agir e sentir obsessivas ou compulsivas, que sejam geradoras de sofrimento recorrente para o sujeito, e para outros, e que tenham levado o último a “perder o controle” sobre sua vida, são enquadradas como vícios, dependências ou adicções. No caso da MADA, as participantes se reconhecem como dependentes de pessoas ou relacionamentos.

A MADA surge, no Brasil, a partir da iniciativa de uma mulher que se identificou com o livro *Mulheres que Amam Demais*, de Robin Norwood. Como muitas das personagens do livro, pacientes da terapeuta que escreve a obra, a mulher que formou o primeiro grupo MADA no Brasil era casada com um homem que se identificava como dependente

---

<sup>11</sup> Nos critérios de diagnóstico CID 10 e DSM não há referência à compulsão ou obsessão por relacionamentos, mas nos critérios da CID 10 para dependência de substâncias está “forte desejo ou senso de compulsão para consumir a substância”.

químico. De acordo com dados do site oficial, a primeira reunião da MADA em terras brasileiras foi realizada em 16 de abril de 1994, no bairro Jardins, na cidade de São Paulo. Desde então, muitos grupos se formaram e, atualmente, funcionam 54 grupos MADA no Brasil, em 25 municípios, distribuídos por 14 estados, com um total de 66 reuniões semanais. O número de reuniões e de grupos cresce constantemente, principalmente nas regiões nordeste e sudeste.<sup>12</sup>

O fato do primeiro grupo MADA no Brasil ter surgido no bairro Jardins é significativo, já que este é um bairro nobre de uma megalópole, nos indicando que a instituição nasce no seio de uma classe privilegiada em um meio urbano e cosmopolita. Vinte e três anos depois, a instituição segue concentrando-se em bairros privilegiados em grandes cidades, porém, atualmente, o perfil social das participantes é heterogêneo (HEILBORN e PEIXOTO, 2016; FERREIRA, 2012; SILVA, 2008).

Na cidade de Curitiba, funcionam três grupos MADA, localizados em bairros de classe média e classe média alta. Um dos grupos foi formado no final do meu campo, logo, não fez parte desta pesquisa. Ao todo, são sete encontros semanais, sendo cinco deles “encontros regulares de recuperação”. Os outros dois têm propósitos específicos: debater questões sobre sexualidade e fazer treinamento de HI (Hospitais e Instituições). O treinamento de HI é um projeto de “levar a palavra MADA a quem mais necessita”, ou seja, fazer chegar a instituição a quem dificilmente chegaria até ela. Nestas reuniões, se ensaia a abordagem que será feita nos hospitais (psiquiátricos) e instituições (carcerárias).

Os encontros da MADA têm duas horas de duração e seguem um roteiro preestabelecido – padrão dentro dos grupos de ajuda mútua anônimos – que prevê cinco momentos: a oração da serenidade,<sup>13</sup> a leitura do texto selecionado para aquela reunião, os comentários sobre o texto, os depoimentos pessoais e a oração da unidade.<sup>14</sup> Eventualmente, há um sexto momento chamado de entrega da pulseira, que ocorre

<sup>12</sup> Dados extraídos da página oficial do grupo MADA Brasil: <https://grupomadabrasil.com.br>

<sup>13</sup> “Concedei-nos senhor a serenidade para aceitar as coisas que não podemos modificar, coragem para modificar as que podemos e sabedoria para distinguir umas das outras”.

quando uma integrante manifesta o desejo de receber alguma das pulseiras que indicam o tempo em que ela está frequentando a instituição, que pode ser seis reuniões (pulseira de ingresso), um, dois ou três anos (pulseira da serenidade).

O texto selecionado para cada reunião é escolhido pela coordenadora do dia, porém deve estar de acordo com as seguintes diretrizes: ser um texto extraído da apostila de textos organizada pela MADA ou de algum dos livros aprovados pelo comitê de literatura dos grupos MADA Curitiba; ser um texto que esteja de acordo com o propósito daquela reunião, já que, previamente, nas “reuniões de serviço”, se determinam temas específicos para encontros específicos. Por exemplo, na primeira terça-feira do mês, se estudam as tradições; na segunda terça-feira, os passos e na última segunda-feira do mês, o livro *Mulheres que Correm com os Lobos*, de Clarissa Pinkola. Embora exista uma autonomia dos grupos na escolha dos livros a serem trabalhados na instituição, percebe-se que há uma tendência à escolha de livros de autoajuda. Além do livro *Mulheres que Amam Demais Anônimas* (1985), nos grupos onde realizei esta pesquisa, na cidade de Curitiba, eram também lidos *Codependência nunca mais*, de Melody Beattie (1997), *O vício de amar*, de Pia Mellody, *Isso não é amor*, de Patrick Carnes, entre outros. Saliento ainda que livro de Clarissa Pinkola, citado acima, foi inserido na literatura dos grupos MADA Curitiba, não sendo um livro recomendado pela instituição em nível nacional ou regional.

A maior parte dos encontros da MADA são “encontros regulares de recuperação”, nos quais o foco está no estudo da literatura MADA e nas “partilhas”. Após a leitura do texto selecionado – que costuma ser lido em jogral – cada mulher tem até cinco minutos para comentar o texto lido e depois mais cinco minutos – após o intervalo – para compartilhar experiências, pensamentos, sentimentos associados às questões que levaram estas mulheres ao MADA. Nem sempre todas as mulheres falam em todas as reuniões, até porque o tempo é limitado e, às vezes, o número de mulheres é extenso, porém sempre que há uma “recém-chegada”, abre-se um espaço, no retorno do intervalo, para que ela fale como descobriu o MADA e o que a trouxe até lá. Uma recém-chegada, ou novata, é uma mulher que está vindo ao grupo pela primeira

<sup>14</sup> “Eu seguro minha mão na sua e uno o meu coração ao seu, para que juntas possamos fazer aquilo que sozinha eu não consigo”.

vez. Contudo, se considera as seis reuniões como a primeira e se aconselha que as novatas assistam a seis reuniões para se avaliarem como mada<sup>15</sup> ou não.

A presença de uma recém-chegada costuma mobilizar as frequentadoras a mostrar com clareza o que é a MADA e como ela funciona. Há também um esforço para fazer com que aquela mulher que chega sinta-se acolhida e siga frequentando as reuniões; neste sentido, é comum ouvir das frequentadoras as seguintes frases, direcionadas às recém-chegadas: “você é a pessoa mais importante desta reunião”, “continue voltando, o segredo está na próxima”, “continue voltando, mais lhe será revelado”, como se percebe no relato de Boni, que participa da MADA há dois anos:

Eu acho que as reuniões que tem recém-chegadas são as mais... quando você sabe que tem uma recém-chegada na sala, por mais que você não queira, você acaba modificando o que você vai falar, pra que a pessoa de repente entenda, faça parte ali de alguma forma, tenha esse acolhimento (...) eu tô escrevendo um papel pra recém-chegada e uma das coisas que eu coloquei é que ela é uma vencedora por estar ali naquele momento, porque ela tá viva, conseguiu sobreviver, passou por um monte de coisas e chegou lá, naquele momento, naquela circunstância, naquele grupo, porque às vezes a gente banaliza, e nossa, é tão especial, quantas variáveis aconteceram para eu estar no mesmo lugar que outra pessoa, né? Milhões de coisas poderiam ter acontecido para que a gente não estivesse ali. (Boni, i.n.i.)

O tempo transcorrido entre as seis primeiras reuniões da MADA que uma mulher frequenta são tempo suficiente para que ela se perceba como uma “mulher que ama demais”, passando a iniciar seus depoimentos com a seguinte frase: meu nome é fulana e eu sou uma

<sup>15</sup> A sigla mada, em letras minúsculas, refere-se à “mulher que ama demais”, enquanto a mesma sigla, em letras maiúsculas, refere-se à instituição Mulheres que Amam Demais Anônimas.

mada em recuperação. A maior parte das mulheres assume a identidade de mada no segundo ou terceiro encontro e, não raro, já se reconhecem como tal na primeira reunião da qual participam. Durante os cinco meses de pesquisa de campo vi poucas mulheres, talvez duas ou três, chegarem à MADA pela primeira vez e não aparecerem mais, uma inclusive disse abertamente que não havia se identificado com o grupo ou com a proposta de tratamento do mesmo. Essas mulheres não chegaram a ir a uma segunda reunião, de modo que todas as que chegaram a ir a uma segunda, foram a uma terceira e assim sucessivamente. Nem todas se tornaram frequentadoras assíduas, porém todas, se identificaram como madas em alguma das seis primeiras reuniões.

As reuniões de sexualidade ocorrem uma vez por semana, em um dos grupos, e seguem a mesma dinâmica dos encontros regulares, porém com o diferencial de estimular relatos sobre a vivência da sexualidade e sua relação com os problemas que levaram as frequentadoras a buscar a MADA. Estes encontros são guiados por uma apostila própria, que reúne trechos dos livros já citados, destacando as questões de sexualidade. Uma peculiaridade destes encontros é a instrução que é lida, pela coordenadora do dia, antes do momento destinado aos depoimentos: “evite relatos de experiências sexuais e terminologias de baixo calão.”

Uma vez ao mês, se fazem reuniões de serviço e uma vez a cada dois meses, reuniões de serviço do intergrupos. O intergrupos é o grupo que agrega todos os grupos MADA da cidade; ele tem por função unir e representar as demandas de cada grupo, mostrando o caráter institucional da MADA. Nestas reuniões, que ocorrem nos finais de semana e tem três horas de duração, se debatem questões institucionais, como, por exemplo: arrecadação financeira, literatura MADA – inserções/exclusões de livros e também reformulações nas apostilas de textos –, escalas de serviço e estratégias de recuperação. Nas reuniões de serviço são constantemente afirmadas e reafirmadas, por algumas integrantes mais antigas da MADA, os compromissos com a instituição.

A estrutura política e administrativa da instituição MADA funciona em nível local, observando algumas regras institucionais que são seguidas pelos grupos MADA espalhados pelo Brasil. Cada um possui ou deve possuir: uma secretária, uma secretária suplente, uma

tesoureira, uma tesoureira suplente e uma coordenadora. O intergrupos também possui todos estes cargos. Estas funções, chamadas na instituição de encargos, são ocupadas por mulheres que se reconhecem como servidoras. Ao “prestar serviço”, as servidoras não se veem como possuidoras de autoridade institucional, ou seja, não se veem como chefes, líderes ou ocupantes de cargos hierárquicos. Não existe uma coordenadora geral, nacional, nem regional.

Os cargos na MADA são temporários e eleitos por votação nas reuniões de serviço anualmente. Todos os pontos de pauta que demandem decisões institucionais são votados por votação aberta e a maioria é soberana. A coordenadora da reunião de serviço – que é sempre a coordenadora do grupo – é a única que não vota nenhum ponto da pauta. Todas as presentes podem votar, assim como podem abster-se do voto. As reuniões são coordenadas e secretariadas por todas as mulheres que se dispõem a essas tarefas, porém constantemente se reitera na instituição a ideia de que exercer é fundamental e que faz parte da “recuperação”.

A secretária de cada grupo MADA tem a função de repor materiais: desde as apostilas, folhetos de divulgação, livros de apoio, cartazes com os passos e as tradições, até chá, café e bolachas que são oferecidos nas reuniões. A tesoureira é responsável por gerir os recursos financeiros, pagar o aluguel da sala de MADA, repassar o dinheiro necessário para a secretária fazer a reposição dos materiais, guardar em caixa o excedente, quando há, e prestar contas – com recibos – ao grande grupo nas reuniões de serviço.

A coordenadora de cada grupo MADA representa a instituição perante órgãos externos como, por exemplo, a Igreja onde são realizados os encontros na cidade de Curitiba. Todos os grupos MADA da cidade de Curitiba funcionam em paróquias. Embora a instituição afirme e reafirme constantemente sua autonomia, há uma tendência, conforme será discutido mais adiante, de que os grupos MADA sejam sediados por ambientes religiosos como paróquias e casas espíritas. Em Porto alegre, um dos grupos que pesquisei tinha sede numa casa espírita.

Uma vez, numa reunião de serviço do grupo MADA São Gonçalo, quando estávamos debatendo uma troca temporária de sede por conta de obras na paróquia, perguntei se era uma opção alugar uma sala num prédio comercial. Elas me responderam que sim, porém tornava-se



complicado pelas questões contratuais, já que a instituição não possui CNPJ ou responsável legal, além disso, ao que tudo indica, se tornaria mais custoso financeiramente.

As coordenações das reuniões, exceto das reuniões de serviço, são feitas por escala nas quais, como já dito, as frequentadoras se voluntariam para exercer essas tarefas; boa parte das frequentadoras, mesmo as que estão a menos tempo na instituição, coordena e secretaria reuniões. As secretárias das reuniões são as auxiliares, que fazem a ata e auxiliam a coordenadora no que for preciso, como, por exemplo, preparar o café e arrumar a mesa principal, onde estão dispostos materiais da MADA como livros, apostilas, informativos ao público – Ips – e caixa de sugestões.

### 1.3 A SALA DE MADA: RITOS E EXPERIÊNCIAS SITUADAS

A sala de MADA é o local onde ocorrem as reuniões, sendo considerada o principal lócus do “processo de recuperação”, seu ponto de partida e de chegada. É na sala de MADA que as mulheres têm seu primeiro contato com a instituição e é lá também que desenvolvem uma rede de relações, que é apontada como fundamental para as transformações às quais as interlocutoras relatam vivenciar. Embora se compartilhe um entendimento na MADA de que a recuperação é multissituada, já que o programa de tratamento propõe uma série de tarefas que devem ser executadas no espaço-tempo extensivo da “recuperação”, é na sala de MADA que as mulheres se tornam “mulheres que amam demais” e “mulheres que amam demais em recuperação”. Essa diferença entre a “mada” e “mada em recuperação” será retomada mais adiante.

Os encontros da MADA seguem uma série de ritos que são repetidamente performatizados. Os rituais são os mesmos nos diferentes grupos MADA que frequentei, tanto em Curitiba, quanto em Porto Alegre, porém as performances dos ritos variam sutilmente em cada grupo. Por exemplo, no grupo do centro da cidade de Curitiba, que recebia um fluxo maior e mais fluido de frequentadoras, eu percebia uma preocupação menor em seguir à risca os ritos, sendo mais comum nesta sala de MADA algumas quebras de protocolo, como “dar retorno”, algo que, de acordo com as regras institucionais, deve ser evitado. Dar

retorno é manifestar-se pela fala, gestos ou risos durante o relato de uma frequentadora.

A sala de MADA é um lugar supostamente neutro e esta ideia de neutralidade é constantemente destacada pelas frequentadoras mais antigas da instituição. As salas de MADA que frequentei durante o desenvolvimento desta pesquisa eram salas paroquiais alugadas, o que é bastante comum no universo dos grupos de ajuda mútua. Embora o discurso institucional afirme e reafirme que “não se fala em religião na sala”, o espaço destinado aos encontros da instituição está inserido em um ambiente religioso, e esta vinculação não é casual, aparecendo tanto na performance dos ritos, como nos regimes de verdade que sustentam a MADA. A ideia da MADA como irmandade, as orações que iniciam e finalizam as reuniões e a crença em um “poder superior”, ao qual devemos “entregar nossas vidas”, pois ele é capaz de “devolver-nos a sanidade”, evidenciam os aspectos religiosos presentes na MADA.

As salas dos grupos que frequentei, tanto em Porto Alegre como em Curitiba, possuíam uma mesa central, armários nos cantos e cadeiras que eram dispostas em círculo durante as reuniões. A mesa, que é ocupada pela coordenadora e pela secretária do dia, está dentro do círculo e é ritualmente arrumada em cada reunião. Em um dos grupos MADA Curitiba, no qual circulavam menos mulheres e quase sempre as mesmas, a arrumação da sala costumava ser mais meticulosa. A arrumação da sala, realizada pela coordenadora do dia, e, eventualmente, pela secretária do dia, é o primeiro ritual do encontro da MADA.

Já nas primeiras idas a campo, observei o modo como a sala da MADA era organizada para as reuniões, como o café e o chá eram prontamente preparados, o material da instituição disposto cuidadosamente na mesa central e os cartazes ordenadamente pendurados na parede. À coordenadora do dia cabe a tarefa de chegar 10 ou 15 minutos antes do início da reunião para “arrumar a sala”. Algumas mulheres são bastante detalhistas ao realizar esta tarefa, principalmente no que se refere à disposição dos materiais na mesa central. Aparentemente, há uma ordem a ser seguida, elementos que devem ser destacados e outros que podem ficar menos visíveis. Os IPS (informativos ao público), material em formato de *folder* com trechos da literatura MADA, vendidos a 0,25 centavos, devem ficar bem à frente, para que as frequentadoras do grupo,

principalmente as “recém-chegadas”, possam vê-los mais facilmente. Os livros que compõem a literatura MADA ficam no centro da mesa, com as capas bem à mostra. Ao lado dos livros estão a caixa de lenços, que é seguidamente utilizada e a caixa de sugestões, na qual as frequentadoras podem colocar sugestões sobre a dinâmica de funcionamento das reuniões e/ou sugestões de leituras. Esta caixa é aberta uma vez ao mês nas reuniões de serviço e seu conteúdo é debatido por todas.

Nas paredes são pendurados os cartazes de doze passos e doze tradições, a lista do que “deve ser deixado de fora da sala” e as orações (da unidade e da serenidade). Entre as coisas que devem ser deixadas de fora da sala estão: profissões, religiões e afiliações a outros grupos de ajuda mútua. Recomenda-se deixar de fora tudo o que, na perspectiva institucional, possa desviar a frequentadora dos relatos de sua experiência amorosa. Estas recomendações buscam claramente formatar discursos e experiências, abrindo terreno para a “terapia de espelhos”, base da dinâmica institucional. Nos grupos de Curitiba, há também um espelho na mesa central com a seguinte frase escrita logo acima “essa é a única pessoa que você pode modificar”. No grupo MADA de Porto Alegre, havia um grande EU escrito em uma folha A3 que ficava no chão, no centro da sala.

A experiência de estar numa sala de MADA é geral e particular ao mesmo tempo. Geral porque a sala de MADA representa todas as salas de MADA de todos os grupos que existiram e que existirão. A sala é o lugar da instituição, onde se ensina e se aprende as normas, regras e preceitos de conduta, onde se disciplinam os corpos e onde se produzem sujeitos; no caso da MADA, sujeitos que “amam demais”. Como já dito anteriormente, há um movimento por parte das servidoras, que seguem as normas institucionais, no sentido de uniformizar as salas de MADA, para também uniformizar os discursos e práticas que ali se formam.

Todavia, estar numa sala de MADA também é uma experiência particular, tanto no sentido de um particular compartilhado pelas demais integrantes de um grupo MADA específico, já que cada grupo tem uma sala própria e acaba por criar também uma identidade própria, como um particular singularizador da experiência do sujeito, um sujeito que se identifica com os demais por que “ama demais”, porém um sujeito, mulher, que não se reduz à identidade de mada. Ainda que as estratégias institucionais criem condições para que se mostrem apenas as

identidades de mada, nas frestas manifestam-se as singularidades, as resistências. Além disso, os encontros da MADA são situados, e por acontecerem num dado espaço e tempo, são acontecimentos; acontecimentos que nos remetem para uma singularidade da experiência.

Percebo a sala de MADA como o lócus do encontro entre a dimensão macro e micro da instituição, o lugar onde se conformam discursos, mas onde também se produz diferença, onde há espaço, frestas, para o questionamento do estabelecido, onde se reafirma, mas também se reelabora o discurso MADA.

#### 1.4 EXPERIÊNCIAS PREGRESSAS NA MADA: O CAMPO DA GRADUAÇÃO E O DESEJO DE IR ALÉM

Meu primeiro contato com a instituição MADA foi em abril de 2008, durante o último ano da graduação em Ciências Sociais na UFRGS. Desde o ano anterior, quando fazia a disciplina de projeto de monografia, eu ensaiava estudar o amor numa perspectiva de gênero, mas a ideia de como realizar isso ainda era muito vaga. Um dia, durante uma conversa informal com um colega do curso, na qual eu dissertava sobre meus interesses de pesquisa, ele me falou sobre a MADA, contando que uma tia frequentava a instituição. Nesse mesmo dia, eu percebi que havia encontrado meu objeto de estudo para o trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais.

Frequentei um dos grupos MADA, na cidade de Porto Alegre, uma vez por semana, durante três meses. Meu objetivo era compreender os significados de amar demais para minhas interlocutoras. Para tanto, e em diálogo com o meu orientador na época, Prof. Arlei Sander Damo, decidi mergulhar nas teorias sobre o amor numa perspectiva histórico sociológica, traçando uma história linear do amor, que ia desde a ideia do amor cortês, concepção medieval de amor, próprio à baixa idade média (COSTA, 1998), até o amor líquido das sociedades contemporâneas (BAUMAN, 2004), passando pelo famigerado amor romântico, característico do século XIX. Já no início da pesquisa, percebi que o amor cultivado pelas frequentadoras da MADA estava bastante ancorado na ideia de amor romântico e que, na perspectiva institucional, o “amor saudável”, aquele que se buscava encontrar na

*recuperação*, só poderia ser alcançada e “vivido plenamente” a partir da prática que chamei de *centramento no eu*.<sup>16</sup> Esta prática era desenvolvida a partir de várias estratégias que visavam o autocuidado e o desenvolvimento do amor-próprio.

Aliando minha pesquisa de campo com as teorias de Dumont (1997), Giddens (1994) e Ortner (2007) sobre a ideologia individualista e sobre o poder de agência dos sujeitos, pude concluir que as frequentadoras da MADA, em seu percurso na instituição, buscavam “reescrever a narrativa do eu, através da construção de uma nova identidade, baseada numa noção de pessoa individual e independente” (SILVA, 2008, p. 37). Concluí também que este movimento de reescrita da narrativa do eu se dava a partir de uma ideia padronizada de amor, na qual existia um tipo de “amor certo” – equilibrado, independente, saudável – e um “amor errado” – doentio, dependente, ciumento, possessivo.

Os binarismos permeavam o campo a todo instante, porém, ao mesmo tempo, estavam lá a busca de um equilíbrio que eu não soube entender na época. A ancoragem teórica nas leituras de Dumont e Giddens e o consequente enfoque dado ao *centramento no eu* como condutor da “recuperação” das interlocutoras, evidenciaram apenas uma parte da experiência de “amar demais” e dos significados dados ao “amor saudável”. Eu havia interpretado que o pertencimento à MADA havia levado as frequentadoras da mesma a se identificar com o ethos individualista. Eu não problematizei, na época, a ideologia individualista como constituidora da subjetividade dos sujeitos contemporâneos em sociedades capitalistas, ou seja, não problematizei a experiência das frequentadoras da MADA de reconhecer-se – e ser reconhecida – como *mada* inserida em um contexto social que valoriza o processo de individualização.

A sensação de incompletude me motivou a seguir pesquisando a MADA no mestrado. A leitura das etnografias de Edemilson Campos (2005) e Carolina Ferreira (2012), me ajudaram a perceber que o caráter individualista dos programas de recuperação em grupos de ajuda mútua é combinado a um ideal de solidariedade e se baseia numa relação de troca, “na qual o dar, receber e retribuir das experiências vividas

<sup>16</sup> Durante a pesquisa de graduação, nomeei o conjunto de práticas voltadas ao autocuidado e ao desenvolvimento da autoestima como “centramento no eu”.

constituem a base do laço social e das relações de reciprocidade” (CAMPOS, 2005, p. 18). Em sua pesquisa em uma comunidade de ex-bebedores, Campos nos mostra que a ideologia do individualismo moderno não dá conta de interpretar a construção da pessoa em Alcoólicos Anônimos, pois o processo de construção social da identidade do “doente alcoólico em recuperação” desenvolve-se sempre em relação; o olhar para si só pode florescer a partir do olhar para o outro no interior da organização social de A.A.

Carolina Ferreira, em seu extenso campo de pesquisa em grupos MADA, DASA (Dependentes de Amor e Sexo Anônimos) e CODA (Codependentes Anônimos), também aponta as limitações da análise sobre o individualismo moderno. Em diálogo com Christina Toren, Ferreira chama a atenção para as dinâmicas dos processos sociais:

Trabalho com o conceito de socialidade inserido nas linhas de pensamento que denotam e ressaltam a importância de prestar atenção na produção e manutenção de relações, situando-as no âmbito de dinâmicas de processos sociais, nos quais qualquer sujeito está invariavelmente engajado, mais do que em conjuntos de regras, costumes ou estruturas que existem como sistemas independentes das pessoas que são socializadas (FERREIRA, 2012, p.16)

Os conceitos de individualismo relacional e de socialidade utilizados, respectivamente, por Campos (2005) e Ferreira (2012) confluem e suas articulações com as pesquisas de campo em diferentes grupos de ajuda mútua constituem novos campos interpretativos dos estudos destes grupos e é nessa corrente que me insiro hoje como pesquisadora da instituição MADA.

## 1.5 AS FREQUENTADORAS DA MADA: PERFIS, IDENTIDADES E SINGULARIDADES

Como já apontado por diversas autoras que estudaram a MADA, nas quais me incluo, as frequentadoras desta instituição apresentam perfil social heterogêneo (HEILBORN e PEIXOTO, 2016; SILVA,

2008; FERREIRA, 2012). Em um dos grupos que acompanhei, localizado em um bairro tradicional da cidade de Curitiba, há um recorte de classe e raça visível: ali frequentam mulheres brancas de classe média e média-alta. Porém, no outro grupo, localizado no centro da cidade, este recorte é menos evidente. Ainda que a maioria das interlocutoras se encaixe no perfil citado acima – até porque boa parte delas circula pelos dois grupos –, há um considerável número de mulheres negras, assim como de mulheres de classe média-baixa (brancas e negras). No quesito idade, o perfil é bem diverso: há desde frequentadoras na faixa dos 20 anos até senhoras acima dos 60 anos. Contudo, as participantes mais frequentes, que além de estarem na MADA há mais tempo, têm um envolvimento maior com a instituição, encontram-se na faixa dos 35 aos 55 anos. No que diz respeito à identidade de gênero e à orientação sexual, também nota-se uma pluralidade. Embora as leituras que embasem o discurso institucional sejam heteronormativas e a maior parte das participantes da MADA se identifique como mulher cisgênero heterossexual, me deparei com interlocutoras homossexuais, bissexuais, uma pessoa não-binária e uma mulher trans bissexual.

Durante os cinco meses de campo circularam, aproximadamente, 50 mulheres pelos grupos MADA nos quais me inseri pra realizar a pesquisa; destas 50, tive uma interlocução com 22 e uma proximidade maior com 15. Destas 15, realizei entrevistas abertas semiestruturadas com nove, no último mês do campo. Das 22, dois terços formam o grupo que chamarei de frequentadoras mais antigas, que além de frequentarem a MADA há mais tempo – de dois a dez anos – tem um envolvimento maior com a instituição; o terço restante é formado por mulheres que estão de três meses há um ano e meio na MADA. Estas últimas chamarei de frequentadoras recentes.

Entre as quinze frequentadoras com quem tive uma interlocução mais extensa e profunda e que, conseqüentemente, ocupam um lugar mais expressivo neste trabalho, temos: catorze brancas e uma negra; duas de classe alta, cinco de classe média-alta, seis de classe média e duas de classe média-baixa; quatro na faixa dos 55-62 anos, cinco na faixa dos 40-47 anos, quatro na faixa dos 31-39 anos, uma menina de 19 anos e uma que não quis informar sua idade (i.n.i); onze heterossexuais, três homossexuais e uma bissexual; catorze que se reconhecem como

mulheres, uma que se reconhece como não-binária. Destaco ainda que as homossexuais, a bissexual e a não-binária – que, embora se relacione com mulheres no momento, não se identifica com nenhuma orientação sexual específica – estão na faixa dos 19-38 anos. Estes dados foram obtidos a partir das falas das interlocutoras nas entrevistas e nas reuniões da MADA. A classificação das frequentadoras por classes sociais foi realizada a partir dos padrões de consumo relatados por elas e, em alguns casos, por autodeclaração, como se pode ver no Quadro 1, a seguir.



**Quadro 1: perfil das frequentadoras**

Raça	Branca	14
	Negra	1
Orientação Sexual	Heterossexual	11
	Homossexual	2
	Bissexual	2
Idade	19-29	1
	30-39	4
	40-49	6
	50-62	3
Classe	Alta	1
	Média alta	4
	Média	8
	Média baixa	2
	Baixa	0

Fonte: da pesquisa

Em relação às questões que levaram estas mulheres a buscar a MADA, temos uma variedade de casos. Embora a maioria das frequentadoras chegue nos grupos MADA com queixas específicas sobre seus relacionamentos sexo afetivos com parceiros homens, também há mulheres que se reconhecem como dependentes de relacionamentos com seus filhos (homens), irmãos/irmãs e com suas parceiras ou ex-parceiras em relações sexo afetivas. Também acompanhei duas mulheres que se percebem como adictas ao trabalho.

O interessante aqui é que a grande maioria das frequentadoras, embora chegue na MADA queixando-se de um dado relacionamento, ao longo do caminho reconhecido como recuperação, começa a questionar sua forma de se relacionar de uma maneira geral, seja com familiares, vizinhos, amigos ou colegas de trabalho. Há uma compreensão compartilhada pelas interlocutoras de que o “amar demais” está presente, em maior ou menor grau, em todas as relações que o sujeito que “ama demais” estabelece, dificilmente se manifestando em uma única relação ou em um único tipo de relação.

Em relação às identidades assumidas na instituição, as participantes da MADA se reconhecem como companheiras e, depois de algum tempo, também como servidoras – ainda que isso não ocorra com todas. Durante as reuniões, e em conversas informais, seguidamente elas se referem umas às outras como companheiras ou “compa”; já o termo servidora – ou “eu sirvo à irmandade” – é utilizado apenas pelas frequentadoras mais antigas e sempre em primeira pessoa, quando se está destacando um cargo ocupado na instituição, um “serviço prestado” ou ainda para frisar a etapa em que se está no processo de recuperação:

(...) eu sirvo a irmandade, eu sou secretária de um grupo, tem umas tarefas que eu faço, não só por mim, mas pelo grupo, algumas vezes eu tenho que estar lá porque não tem mais ninguém que esteja, eu tenho que abrir mão de algumas coisas da minha vida, às vezes, pra estar servindo outras pessoas, e assim funcionou quando eu cheguei, que tava lá todo mundo organizando e eu nem sabia o que fazer, como funcionava, então é meio que uma forma de retribuir também. (Boni, i.n.i.)

(...) muita gente diz nos grupos, meio que universal, “ah o grupo não precisa de mim”, mentira, eu preciso do grupo e o grupo precisa de mim, eu sou material humano, e na questão do serviço, muito poucas pessoas querem servir, por causa do compromisso, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, tem que tirar um tempo pra fazer as coisas, dependendo do teu encargo, né, e eu acho que é o mínimo que eu posso fazer, porque não tem como retribuir tudo assim, sei lá, talvez era pra mim tá morta, talvez num hospício, não sei, então o máximo que eu posso fazer... hoje, na atualidade, eu sirvo o MADA e sirvo o AA, né, no AA sou secretária e no MADA eu sou tesoureira, então eu vou indo assim, eu acho que o ano que vem eu vou dar uma paradinha no serviço, ficar mais tranquila com algumas coisas, focar em algumas outras coisas e depois voltar. (Ana, 30

anos)

Eu costumo dizer assim, até alguns anos atrás, mais ou menos uns cinco anos atrás, que eu falo, eu tava limpa há quatro anos, mas eu não tinha trabalhado os passos, eu não tinha trabalhado minha recuperação, então eu sofria ainda, eu arrastava corrente, aí eu tive um despertar espiritual, aí eu comecei a trabalhar a recuperação, arranjei uma madrinha, fui trabalhar passos e tudo mais, comecei a amadrinhar, servir à irmandade e minha vida deu uma virada. (Maria, 45 anos)

Prestar serviço é algo fundamental no pertencimento à MADA e isso é lembrado em vários momentos e de várias formas, não apenas durante os encontros periódicos, mas durante todo o espaço-tempo da recuperação. Entre os serviços prestados, estão: coordenar e secretariar reuniões, exercer os cargos de secretária, tesoureira e coordenadora – funções temporárias com duração de um ano –, contribuir financeiramente para a instituição e “receber uma recém-chegada” na reunião. Prestar serviço não é condição obrigatória para frequentar as reuniões dos grupos MADA, porém, de forma sutil, o é para integrar a “irmandade MADA”.

Nos relatos de Boni e Ana, que estão, respectivamente, há dois e sete anos na MADA, percebe-se que “servir à irmandade” está associado a uma doação como retribuição, uma espécie de sacrifício que se faz para um bem maior, para uma coletividade da qual se faz parte a qual se deve muito. A ideia de despertar espiritual também aparece ligada a ideia de servidão, servidão esta que se manifesta por meio de várias identidades que vão se acumulando em algumas frequentadoras mais antigas, como Maria.

As servidoras que, em geral, são as mulheres que estão há mais tempo na instituição, são as mais buscadas como madrinhas. O amadrinhamento é considerado parte fundamental do processo de recuperação e se aconselha que ele seja buscado o quanto antes e que se utilize como critério para buscá-lo a identificação entre as companheiras. Embora a experiência e o tempo de MADA não sejam os

critérios oficiais para o amadrinhamento, eles acabam pesando na escolha da madrinha, fazendo com que as frequentadoras mais antigas sejam mais requisitadas para exercer esta função.

A função de uma madrinha é basicamente acompanhar o processo de recuperação de sua afilhada. Existem várias formas de fazer isso e não há regras formais para o amadrinhamento, porém está implícito que uma madrinha deve estar disponível para ouvir sua afilhada – pessoalmente, por telefone, por e-mail – sempre que ela necessitar de ajuda. Além da escuta atenta, a madrinha costuma ajudar sua afilhada falando sobre si mesma, dizendo como agiu em situações semelhantes e, eventualmente, como agiria se estivesse naquela situação. Seguindo as regras da MADA, evita-se ao máximo dar conselhos, pois “o tratamento é baseado em espelhos e não em conselhos”.<sup>17</sup>

Às afilhadas, cabe fazer o dever de casa, ou seja, buscar suas madrinhas quando se sentirem desamparadas, frequentar as reuniões da MADA, ler os livros sugeridos pela madrinha, “escrever os passos”, quando solicitadas a fazê-lo. Maria, que tem dez anos de MADA e possui um grande número de afilhadas, frisa que procura “trabalhar passos” com as últimas. A escrita de passos é considerada parte importante do trabalho de passos. Por exemplo, no quarto passo está escrito “fizemos um minucioso e destemido inventário moral de nós mesmas”. A escrita deste passo refere-se a fazer o inventário moral de si própria e enviá-lo para madrinha.

Duas das minhas principais interlocutoras, Rosa e Maria, são madrinhas da maior parte das mulheres que conheci no campo, e uma delas – Rosa – é afilhada da outra – Maria. Não por acaso, Rosa e Maria têm um perfil semelhante: são mulheres brancas, heterossexuais, na faixa dos 40 anos, com filhos. As duas seguem à risca as etapas e estratégias institucionalizadas da recuperação. Maria é coordenadora de um dos grupos MADA Curitiba e coordenadora do intergrupos. Além disso, em entrevista, ela me disse que pretende voltar a coordenar outro grupo MADA, localizado no centro da cidade.

Para Maria, as recém-chegadas são um perfil de MADA, assim como as que estão há mais tempo na instituição e “se acomodam” são outro perfil:

---

<sup>17</sup> A terapia de espelhos, base da dinâmica institucional da MADA, será desenvolvida no capítulo 2.

Eu vejo que tem vários perfis, eu acredito que se modifica com o tempo. Um outro tipo das madas são aquelas que já estão há mais tempo na programação, e querem também se trabalhar, entendeu? Existem aquelas que precisam dar alguns passos, precisam abrir mão de algumas coisas na vida mas não querem, então se acomodam, mesmo depois de algum tempo, preferem ficar naquele meio termo e se acomodam então são vários tipos dentro da irmandade, mas a recuperação é pra todo mundo. (Maria, 47 anos)

Julia, quando indagada sobre os perfis de mulheres na MADA, destaca as características que unificam as frequentadoras:

Existe uma coisa que é geral, isso são todas mesmo, essa coisa da afetividade mesmo, de não saber lidar com seu lado afetivo, isso todas, todas, as que não tem já passaram por isso, estão numa outra fase, aquilo que eu falei sobre amizade, e tal, algumas que já passaram e conseguiram superar alguma coisa, outras não, já tão há muito tempo e não conseguem. Existe também, isso é até doutrinário, tá no livro da Robin, ela fala, que é a coisa da família, a família disfuncional, então todas têm uma família disfuncional, por um lado ou por outro, grande parte tem abuso, sofre abuso, [abuso] sexual, seja da família ou do namorado, isso tem bastante também, não são todas, mas tem; e outra característica que todas tem é de servir, servir aos outros para se sentirem amadas. (Julia, 59 anos)

A *família disfuncional*, citada por Julia, é aquela considerada “doentia” ou “desajustada” por Robin Norwood (1997). Uma família desajustada seria aquela “incapaz de discutir problemas enraizados”, na qual “as pessoas não são livres para expressar experiências, vontades,

desejos e sentimentos”. Norwood vai dizer que as mulheres se tornam *mulheres que amam demais* porque vieram de “lares desajustados”, onde suas “necessidades emocionais não foram satisfeitas”. A família funcional, neste sentido, seria a “família saudável”, na qual, independente dos problemas que acometem seus membros, existe diálogo e liberdade para expressão de sentimentos (1997).

É interessante perceber como a ideia de servidão está implicada tanto no diagnóstico do que seria uma *mulher que ama demais*, como na recuperação da mesma. Se servir aos parceiros, às parceiras, aos filhos ou a outros parentes próximos é uma característica da mulher que ama demais, servir à irmandade é uma característica da mulher que está em recuperação de amar demais. Será que as mulheres que frequentam a instituição MADA estão substituindo uma servidão pela outra? Será que a entrega em um relacionamento amoroso pode ser comparada à entrega ao poder superior e à servidão à irmandade MADA? Como a reciprocidade, ou a expectativa de reciprocidade, atua em cada caso de entrega? Será a reciprocidade na relação, ou a falta dela, a definidora de uma servidão desejada ou indesejada? Para apontar alguns caminhos de respostas a estas perguntas, dissertarei sobre a relação entre gratidão, servidão e espiritualidade na MADA.

## 1.6 GRATIDÃO, SERVIDÃO E ESPIRITUALIDADE: A ENTREGA AO PODER SUPERIOR NA “RECUPERAÇÃO” E OS ENCONTROS DA MADA COMO ACONTECIMENTOS

Percebo a ideia de servir à irmandade, que envolve frequentar assiduamente às reuniões, seguir os passos, prestar serviço, buscar uma madrinha e amadrinhar, diretamente associada à ideia de gratidão, que por sua vez refere-se à centralidade conferida a um poder superior na recuperação. Dos doze passos da MADA, seis mencionam o poder superior ou Deus, seja no sentido de “acreditar em um poder superior que poderia devolver-nos a sanidade”, seja no sentido de “entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus”. Embora não se fale em religião na instituição, sendo inclusive sugerido que “deixemos de fora [da sala de MADA] nossas religiões, profissões e afiliações a outros grupos”, está implícito que a crença em um poder superior ou em Deus

deva embasar o processo de recuperação de uma mulher que se identifica como “mada”, como já observado em pesquisa anterior:

A sala do MADA fica no prédio anexo da casa espírita [Nossa Casa], o que confere uma aparente autonomia e isolamento ao grupo. A coordenadora sempre salienta que o grupo não faz parte da Nossa Casa e que questões religiosas não são colocadas durante as reuniões; no entanto, percebe-se claramente, pelo modo como são conduzidos os encontros, que a entrega do problema ao “poder superior” e o crédito num “deus poderoso e amoroso” fazem parte do tratamento. A primeira impressão é que, embora o grupo não seja guiado por um ideal religioso específico, parte-se do princípio de que todos acreditam em um “poder superior”. A fé aparece aqui como condutora do tratamento, a partir do que as *madras* chamam de “despertar espiritual”. (SILVA, 2008, p. 13)

Nas falas das servidoras, o poder superior aparece de diferentes formas e algumas destas mulheres manifestaram, nas entrevistas individuais, suas dificuldades com a palavra Deus e também com a crença em um poder superior. Quando indagada sobre como sua dor “passou” desde que ela começou a frequentar a MADA, Ana me responde:

(...) não sei, se existe deus, sei lá... eu tenho conflito até hoje com essas questões, essas questões, ainda é muito complicado pra mim, é... eu gosto de trazer as coisas pro racional, então não sei te dizer, a espiritualidade, a força ou a esperança, sei lá, aquele povo lá, eu não sei assim...  
(Ana, 31 anos)

A resistência à entrega ao poder superior, para algumas das frequentadoras, como Carla, está associada ao descrédito em relação ao Deus católico:

eu acho que tem essa relação espiritual também, então isso é uma coisa que eu também não entendia, que eu fui entender nesses últimos quatro anos, dessa relação espiritual no MADA, porque como eu vim de uma religião católica, não muito... mais do batismo mesmo, eu tinha essa relação de que Deus era punitivo, tinha uma concepção muito errada do que era a minha relação com Deus, então eu tinha uma resistência muito grande de entregar às mãos do poder superior, como é que eu vou entregar, né? Eu não entendia essa relação e hoje essa relação eu entendo, eu consigo, mesmo sendo controladora, eu consigo entregar bem mais do que há quatro anos atrás. (Carla, 39 anos)

Outras mulheres, como Rosa, talvez por se identificarem com uma religião específica, já não questionam a existência de um poder superior e inclusive, percebem seu processo de recuperação como um aprofundamento de sua busca por autoconhecimento que passa pelo desenvolvimento do que ela entende como espiritualidade:

eu vejo que eu tô me aprofundando no autoconhecimento e cada vez mais, então, por exemplo, lado sombra né, eu tô começando pelo menos a ter uma ideia que ele existe, então tem um caminho gigantesco de autoconhecimento pra fazer, então o que que acontece? Que nem eu, sou espírita, então lá você estuda teoricamente quais seriam os caminhos para a tua evolução espiritual, mas eu sempre perguntava: como é que eu faço isso na prática? Perdoa. Tá, mas como é que eu faço isso na prática? E eu não tinha resposta e dentro dos 12 passos eu achei a resposta de como fazer, então tem vários instrumentos do programa



que fazem com que eu consiga realmente me modificar e tá me modificando, sabe? Por exemplo, ontem de manhã, antes de ontem, eu escrevi pra minha madrinha né, porque agora eu sei que um dos meus padrões de fundo de poço era o isolamento, então eu tenho que partilhar, eu tô tendo ajuda o tempo todo das companheiras e aí eu comecei a partilhar porque eu tava assim puta da cara por causa da questão sexual que eu não tô conseguindo a realização que eu queria, daí ontem, daí eu pensei “Rosa, faz uma lista de gratidão” que é um instrumento do programa fazer uma lista de gratidão, quando eu fiz uma lista de gratidão eu mandei um áudio pra minha madrinha. (Rosa, 45 anos)

Para Rosa, a gratidão aparece como “antídoto da depressão” e fazer esta lista de gratidão e enviá-la para sua madrinha significa estar curando sua alma:

(...) o meu padrão é o que? Pensar negativo sobre tudo. Naturalmente eu fui acostumada a pensar negativo, então pra pensar positivo eu faço uma lista de gratidão, eu posso estar mal, se eu sentar e fizer uma lista de gratidão... Então, como eu fiz a lista, posso até te mostrar, por exemplo assim, eu fiz uma lista de gratidão assim: meu relacionamento com Geraldo, eu tenho abraço, eu tenho sexo do olho no olho, eu tenho dormir de conchinha, a gente cozinha junto, a gente dá risada junto, a gente vai dançar junto, a gente anda de mão dada, a gente tá de aliança, e foi indo a lista de tudo que eu tenho com ele, a gratidão pra mim é o antídoto da depressão. Você entende? E funciona, pedir ajuda funciona. Por que funciona o amadrinhamento? Porque o amadrinhamento e desenvolver uma rede de apoio com outras companheiras que eu tenho confiança, porque por exemplo minha madrinha não existe nada que ela não saiba, ela sabe de todos os segredos que eu

tenho a maior vergonha, de todas as coisas que eu fiz no padrão da doença, quando eu me mostro como eu sou e mesmo assim ela me acolhe, me ama sem me rejeitar, eu tô me curando, a minha alma tá sendo curada porque eu tô sendo acolhida e amada como eu sou. (Rosa, 45 anos)

A gratidão, para Carla, aparece diretamente ligada a sua conexão com o poder superior:

Uma coisa que também o grupo me ajudou, que me faz conectar com o poder superior é a gratidão, eu sempre fui uma pessoa meio ingrata, porque, “ah não basta entrar [no mestrado], porque eu quero se a melhor, não basta passar, eu quero tirar 10”, então daí eu vejo assim, meu companheiro fala muito “você é uma pessoa negativa, você só vê o lado ruim” e eu sei que eu sou assim, então eu tenho que me policiara, e o grupo me ajuda nisso, que eu tenho que ver o lado bom das coisas, que eu tenho que ter gratidão, e eu agradeço pelas coisas boas, eu vejo que a minha vida hoje é bem melhor, nas 24 horas do dia ela é mais boa do que ruim, bem mais boa do que ruim. (Carla, 39 anos)

Tanto para Carla, como para Rosa, a gratidão está associada à superação do pensamento negativo que, segundo elas, define suas personalidades. Para Carla, frequentadora e servidora da MADA há oito anos, o pensamento negativo está também ligado ao perfeccionismo, ao controle e à auto-suficiência com os quais ela se identifica. A entrega ao poder superior aparece para Carla como uma forma de superar as características citadas acima. Quando indagada sobre o que significa o espiritual e como ocorre essa entrega, ela responde:

Eu acho que eu comecei a entender que, por exemplo, o meu relacionamento anterior que me trouxe ao MADA é algo que eu não tenho controle, que eu não consigo mudar a pessoa, é

quando você vê que realmente algo foge das tuas mãos e você não tem o que fazer, então você deixa pra alguém, pra uma força maior, porque não... você simplesmente não consegue dar conta de algo que achava que era bom pra você, que você queria, e até coisas minhas, eu vejo, de aceitar, de entender que por exemplo, essa minha relação com a comida, essa minha codependência que é uma adicção, como alguém que é adicto a drogas, é algo que foge do meu controle, assim, não é... se você falasse pra mim “ah, tem que parar de comer” e isso resolvesse, mas é algo que foge ao meu controle, então eu tenho que entregar e falar eu não dou conta, me ajuda a dar conta dessa insanidade, nesse sentido de entender que eu também não dou conta de algumas coisas minhas mesmo. (...) eu acho que esse meu contato com o poder superior é a minha humildade, porque como eu sou controladora, eu sou muito autossuficiente, eu vejo que tendo humildade eu consigo me conectar mais com o poder superior e ver que eu não sou tudo aquilo do ego, desses problemas, de que eu vou continuar sendo algumas coisas, mesmo buscando melhorar, que não adianta eu falar que amanhã eu vou melhorar se eu ainda não consigo dar conta de muitas coisas minhas, então eu acho que a humildade é um ponto central, que faz eu me conectar com o poder superior e com as outras pessoas do grupo.(Carla, 39 anos)

No relato de Carla, a percepção de que ela não consegue “dar conta de tudo” está vinculada à entrega ao poder superior, à humildade e à conexão que ela estabelece com as outras mulheres na MADA. Carla, que se identifica como uma “pessoa fechada”, que tem dificuldade de estabelecer vínculos com outras pessoas, relata que a vivência na MADA possibilita que ela trabalhe esta dificuldade se conectando com as companheiras, seja a partir da escuta e da fala atentas nas reuniões, das conversas no intervalo, ou ainda dos encontros para cafés e almoços fora da instituição:

Eu acho que nos últimos dois anos eu tenho compreendido que eu sou muito individualista, essa coisa de ser autossuficiente, de resolver sozinha, e como eu já me ferrei algumas vezes, não só em questão de relacionamento, então eu to nessa compreensão de que sozinha eu não consigo, então eu me conecto mais às pessoas, eu busco mais ajuda com a minha madrinha, é...eu fico mais próxima das pessoas, então, eu acho que isso também ajuda, e que nem quarta feira eu fui numa reunião e tinha duas meninas: uma mulher mais velha e uma mais nova, que elas vieram pra Curitiba fazer mestrado, daí uma tinha o sotaque de nordestina, a outra veio de Minas fazer o mestrado aqui, então eu pensei, eu achei bacana assim, mas de ver assim, que bacana que as pessoas da academia se aproximando do grupo, indo pra uma proposta pessoal, eu fiquei bem tocada com os relatos, muito emocionada, mexeu profundamente comigo, sabe quando te dá aquele arrepio, que toca na tua alma? Então eu vejo que ali é o contato com o poder superior, você tá naquele momento ali, ouvindo aquelas pessoas, que vem da academia, que de alguma maneira me identifico com elas nesse sentido, mas que são humanas e que elas estão lá buscando ajuda pra elas mesmas, nesse sentido pra mim me tocou muito, sabe? Então acho que nesse sentido eu vejo que é o meu contato com o poder superior, de ver uma recém chegada que tá muito abalada emocionalmente e você de novo lembra da onde que você veio e você se emociona porque você se identifica, você revive algumas situações então eu acho que nesse sentido me renova. (Carla, 39 anos)

Carla, ao se identificar com as duas recém chegadas, atribui esta identificação ao pertencimento compartilhado pelas três ao universo acadêmico, mas Carla também percebe essa identificação, esta emoção

que vem da identificação, como algo extraordinário, como uma conexão sua com o poder superior; talvez, justamente porque Carla se reconheça como uma pessoa reservada que, antes de chegar à MADA, apresentava dificuldade de expressar suas emoções e de se conectar com as pessoas, a emoção que agora ela sente e expressa é tão intensa e nova que ela percebe esta emoção como ação do poder superior. A entrega ao poder superior que Carla relata ter conseguido realizar depois de alguns anos de MADA é indissociável de sua nova capacidade de expressar suas emoções no contexto institucional.

A identificação com os relatos e histórias de vida que acontece na MADA é seguidamente associada à ação do poder superior nas reuniões e ao despertar espiritual que muitas relatam viver durante a “recuperação”. O despertar espiritual é uma espécie de *insight* que algumas interlocutoras relatam vivenciar, é como um estalo, um “click” – ou vários clicks – que faz com que elas cheguem na MADA, acessem um novo estágio da recuperação ou se certifiquem de que estão no “caminho certo”:

Eu tive uma série de relacionamentos frustrados que acabaram de forma péssima. E eu acredito que [a chegada na MADA] foi um despertar [espiritual]. No término de um desses relacionamentos eu tive um click, eu pensei comigo “não é possível que todas as pessoas estejam erradas e eu esteja certa”, me deu um click assim, sabe? (Maria, 47 anos).

No dia em que tive essa conversa com Maria, estávamos num café, dentro de um centro comercial, e no meio da entrevista, começou a tocar um som ao vivo próximo ao local onde estávamos:

(...) Red hot chili pepers tá tocando no fundo, eu fiz um acordo com Deus que cada vez que eu escutasse Red hot chili pepers significaria que Deus tá comigo. Nada é por acaso, o meu padrinho [de outro grupo de ajuda mútua] quando escuta Red Hot chili pepers, ele me manda e diz “olha Maria o que eu tô ouvindo”, então é sinal de

que eu tô fazendo a coisa certa pelo motivo certo.  
(Maria, 47 anos)

Para Boni, outra servidora da MADA, o contato com a dimensão espiritual está associado a identificar as suas prioridades na vida, a conseguir verbalizar e organizar suas ideias e sentimentos, a valorizar a vida e o momento presente:

(...) eu acho que o MADA tem um aspecto importante com relação à parte espiritual, porque às vezes a gente está desconectado da nossa própria natureza, do nosso próprio lugar nesse mundo, da nossa própria dádiva de estar vivo, de entender que é uma grande coisa estar vivo, não é qualquer coisa, e eu acho que a gente pode fazer tudo, mas a gente não pode fazer qualquer coisa, porque é isso, a gente tem que dar importância pro que é importante, às vezes a gente banaliza, banaliza o nosso tempo. Já que a gente tem essa vida, não se sabe se vai ter outras, partindo do pressuposto que é isso que a gente tem hoje e que a gente não vai ter mais essa idade, depois só vai aumentar, a não ser que a gente morra bem linda como a Marlyn Monroe, a gente vai ficar velha, então aproveitemos a fase que estamos vivendo, qualquer que seja ela. Eu sinto que fazer esses relatos da sua vida, do que é importante, colocar algumas coisas em caixinhas, organizar isso, te dá um contato mesmo com o espiritual assim. (Boni, i.n.i.)

A ênfase dada às experiências vividas no tempo presente das reuniões aparece nos relatos das interlocutoras como associada à dimensão espiritual, nos remetendo à ideia do encontro como acontecimento, no sentido de um momento único, singular:

Aquele momento, com aquelas pessoas, aquele encontro com aquelas pessoas que estão ali não vai mais se repetir, mesmo que tenha a presença

das mesmas pessoas que fizeram parte da primeira reunião dela [recém chegada], daqui a dois dias vão ser as mesmas pessoas depois de dois dias, então é aquele momento único, é ímpar (...) então a partir do momento que eu escuto, que eu me escuto em você, a gente trabalha com o livro “Mulheres que correm com os lobos”, que tem uma pegada junguiana, então a gente não tá completamente alienada do que tá acontecendo nesse sentido, é sincronicidade mesmo, tudo tá sendo trabalhado ali e a gente dá condições pra todo mundo saber que é dessa forma que é trabalhado mesmo, do encontro, da importância do encontro, de estar em círculo, de todo mundo poder se enxergar, tem outros formatos de reunião em outras irmandades, mas a nossa é em círculo quando é possível, quando a sala permite. (Boni, i.n.i)

Os encontros da MADA são seguidamente apontados como momento únicos, que não se repetirão, pelo menos não da mesma forma; neste sentido, as reuniões da MADA são acontecimentos. Para Derrida, um acontecimento supõe a surpresa, a exposição, o inantecipável (2001). Para Paul Veyne, historiador francês, contemporâneo de Foucault, o que define a singularidade do acontecimento é o fato dele acontecer em um determinado momento e carregar um dado valor para nós, não intrínseco ou essencial, mas atribuído; os acontecimentos são aqueles fatos que não se repetirão, mesmo que, aparentemente, se repitam (1971). Assim, “é acontecimento tudo que não é evidente” (VEYNE, 1971, p. 18), tudo aquilo que é extraordinário, que mobiliza sentidos, significados e conexões entre os sujeitos.

Sabemos que as reuniões periódicas da MADA seguem regras e preceitos previamente definidos, que são repetidos de forma ritualística nas reuniões dos grupos MADA espalhados pelo Brasil. A repetição ritualística produz sujeitos, identidades, noções e sensações de pertencimento, e, neste sentido, leva a uma dessingularização da experiência. No entanto, improvisos, ações e reações insperadas seguidamente acontecem nos encontros. Presenciei no campo alguns

relatos e expressões de emoções não previstas, aos quais desenvolverei no capítulo 2. Além do mais, o grupo de mulheres que frequenta a MADA é fluído, sempre estão chegando novas mulheres e, como aparece na fala de Carla (p.33), a chegada de “novatas” pode mobilizar as servidoras a olhar para outros aspectos de si, ou para os mesmos aspectos de uma forma diferente, a presença de “recém-chegadas”, nesse sentido, traz o imprevisto para o encontro, tornando estes acontecimentos. Como disse Derrida “nós programamos muito, mas não tudo. Há acontecimento enquanto o que chega não estava predito” (2012, p. 246).

### 1.7 A INSTITUIÇÃO MADA NO CONTEXTO DE GRUPOS DE AJUDA MÚTUA: ESPECIFICIDADES E CONVERGÊNCIAS

A MADA, como já dito no início deste capítulo, é uma instituição terapêutica formada apenas por mulheres, que se reconhece como grupo ou irmandade. Numa perspectiva antropológica, refiro-me à MADA como uma instituição, pois identifico na mesma modos de organização e dinâmicas de funcionamento que, a partir de regras e normas preestabelecidas, ordenam, regulam e produzem modos de ser, pensar, agir e sentir em um dado espaço-tempo.

O trabalho de Ferreira (2012) sobre grupos de ajuda mútua, entre eles, o MADA, sugere que os grupos anônimos do gênero seguem estrutura semelhante, formando o que a autora chamará de “irmandade universal imaginada” (2012):

A replicação e a manutenção dos grupos surgidos primeiramente nos Estados Unidos para o resto do mundo obedecem a uma série de processos e procedimentos imaginativos e organizacionais, pautados nos 12 passos, nas 12 tradições e em fluxos de informações e pessoas. Os elementos imaginativos de tal processo primam por uma linguagem sociológica espacializada garantidora de indícios seguros de que os grupos possam ser identificados em qualquer contexto específico, bem como os sujeitos reconhecerem-se como membros. (FERREIRA, 2012, p. 44)



Os processos e procedimentos que garantem a replicação e manutenção dos grupos surgidos no Brasil e no mundo, a partir do modelo do AA nos EUA, nos indicam que há muitas convergências entre as instituições de doze passos e que as identidades formadas no interior destes grupos seguem também um padrão. Ferreira, a partir de sua experiência de pesquisa na MADA, ficou instigada pela tendência que percebeu entre participantes de frequentar, além da MADA, outros grupos de ajuda mútua. Ao decidir conhecer outras instituições, como a CODA (Codependentes anônimos) e a DASA (Dependentes de Amor e Sexo), a autora confirmou sua hipótese:

Neste contexto, frequentadores/as de diferentes grupos usavam as mesmas noções e descobri que algumas delas eram objeto de interesse explicativo e teórico, no sentido de sistematização de conhecimento e de produção de teorias nativas, de alguns grupos mais do que outros, mas os significados e sentidos circulavam em vários deles. Deste modo, percebi que os grupos formavam fluxos pelos quais circulavam sujeitos e significados, bem como eram produtores de uma socialidade bastante particular. (FERREIRA, 2012, p. 15/16)

Durante o campo nos grupos MADA de Curitiba percebi, em consonância com o argumento de Ferreira, que a maior parte das participantes da MADA frequentava também outras instituições terapêuticas. Presenciei inclusive alguns atos falhos, como no dia em que uma das interlocutoras, na etapa das apresentações, logo no início da reunião, falou “meu nome é Nara e eu sou uma comedora compulsiva...”. No meio da frase ela colocou a mão na boca demonstrando seu constrangimento com o ato falho e reiniciou falando “meu nome é Nara e eu sou uma mada em recuperação”. Nas entrevistas que realizei, quase todas as mulheres relataram suas experiências em outros grupos, mesmo não tendo sido questionadas especificamente sobre essas experiências.

O constrangimento pelo ato falho de Nara justifica-se pela orientação, dentro da instituição, de que devemos deixar de fora [da

sala] as afiliações a outros grupos. Esta norma, que está presente em todos os grupos de ajuda mútua anônimos, além de funcionar como estratégia para criar uma maior identificação entre os membros de uma instituição específica, nos informa sobre a autonomia de cada instituição dentro do universo de grupos de ajuda mútua. Esta autonomia é exercida respeitando as regras e normas gerais de grupos de 12 passos e 12 tradições. Assim, a autonomia institucional é relativa, porém, em dados contextos, ela pode ser bastante significativa na produção de sujeitos no interior dos grupos.

As especificidades levam à autonomia dos grupos de ajuda mútua. No caso da MADA, temos as seguintes especificidades: as frequentadoras são todas mulheres; elas se reconhecem como dependentes de relacionamentos. As especificidades aparecem nos relatos de algumas interlocutoras como produtoras da diferença de integrar a MADA. O fato de ser uma instituição exclusivamente de mulheres traz algumas vantagens na identificação entre as participantes, de acordo com relatos das mesmas. Pude concluir que esta identificação de gênero – que era atravessada também por raça e classe, embora estes atravessamentos não apareçam nos relatos das frequentadoras – produzia uma sensação de conforto, segurança e liberdade de fala maior em comparação com as experiências destas mesmas mulheres em outras instituições terapêuticas do gênero. A identificação de gênero também produz uma transformação maior nessas mulheres, na avaliação das mesmas, pois a fala e a escuta entre mulheres produz mais “espelhos”:

(...) dentro do DASA, como a maioria dos frequentadores é homem... eu precisava do espelho de uma mulher, e a sexualidade do homem e da mulher tem várias coisas que são específicas, né, na questão do sexo, pela cultura e tudo mais, e aí assim, por mais que eu devorava livros, tudo que é informação sobre sexualidade, mas eu precisava de espelho de mulheres. (Rosa, 45 anos)

Conforme relatado por Boni e Rosa que, além de frequentarem MADA e DASA, já frequentaram também CODA, NA (Narcóticos

Anônimos), AA, NE (Neuróticos Anônimos), há uma predominância de membros homens em todos estes grupos. Os trabalhos de campo junto a grupos de ajuda mútua realizados por diversos autores e autoras de diferentes áreas confirmam a observação das interlocutoras. Estes dados indicam que a experiência de estar na MADA tem sua especificidade, já que estas mulheres, que circulam por diferentes grupos nunca tinham tido nem a experiência de estar em maioria, na perspectiva de gênero.

Por outro lado, a circulação das interlocutoras pelos diversos grupos de ajuda mútua sugere que as experiências vivenciadas por elas na MADA não são tão particulares assim. Como bem apontado por Ferreira, há uma socialidade que se produz na rede de grupos de ajuda mútua e esta socialidade acaba por se tornar fundamental no “processo de recuperação” dos frequentadores e das frequentadoras destes grupos (2012). Rosa, quando me falava sobre como é prazeroso “estar em sala”, referindo-se às salas dos grupos dos quais participa, me disse certa vez:

Eu tenho até que cuidar pra não tá toda a noite em sala, porque eu desenvolvi essa rede de apoio, de amizades verdadeiras dentro do MADA e dentro do CODA onde hoje eu tô e do DASA também, então esse círculo de amigos que entendem a tua alma é um acolhimento tão maravilhoso que você quer tá aqui sempre... (Rosa, 45 anos)

Percebo que esta tendência de um mesmo indivíduo participar de vários grupos de ajuda mútua justifica-se, principalmente, por dois fatores diretamente relacionados: pela socialidade que se produz na rede destes grupos, já apontada por Ferreira, socialidade esta que é ampliada e fortalecida na medida em que o indivíduo vai acumulando identidades anônimas a partir de sua frequência em diferentes grupos de ajuda mútua; e também pela intolerância que este indivíduo desenvolve, em seu percurso pelos grupos anônimos, a determinados hábitos que passam a ser vistos como possíveis ou prováveis “padrões de comportamento destrutivos”. Lembro de presenciar, certa vez, no intervalo de uma das reuniões da MADA Santa Tereza, uma conversa entre Rosa e Nara, na qual elas falavam sobre suas vivências nos diferentes grupos. Em um dado momento, Nara falou “pois é, eu gosto de tomar uma taça de vinho

à noite, acho que tenho que começar a ir no AA...”. O limite do que é aceitável consumir, tanto em termos de substâncias como de relacionamentos, não apenas se reduz como também se conforma a partir dos relatos de experiência compartilhados no interior dos grupos, relatos estes que são diretamente afetados pelos preceitos institucionais.

A especificidade da dependência de relacionamentos como produtora de uma diferença em relação a outras dependências é controversa na MADA. A maioria das participantes identificam o amar demais como um vício muito semelhante ao vício em substâncias, como álcool, cigarro e maconha. Inclusive, considerar o amar demais como uma doença é uma das bases que sustenta a instituição MADA como parte da *irmandade universal imaginada*, já que é comum aos grupos de ajuda mútua anônimos patologizar os problemas que os sujeitos apresentam em suas vidas privadas, identificando nos últimos “padrões de comportamentos doentios”. Contudo, outras participantes, veem a dependência de relacionamentos como algo particular, independente de considerá-la doença ou não. Algumas destas mulheres desconfiam das abordagens patologizadoras das emoções que circulam na instituição e outras, categoricamente, não consideram o amar demais como doença.

## **2 AS ESTRATÉGIAS TERAPÊUTICAS DA MADA E SEUS EFEITOS NA “RECUPERAÇÃO”**

A instituição MADA é reconhecida por suas frequentadoras como grupo ou irmandade, um lugar de encontros, “um lugar não só de ficar bem, mas de lidar com as coisas” (Boni, i.n.i.). Frequentemente, a MADA é chamada também, pelas interlocutoras, de tratamento ou terapia em grupo. O termo nativo “terapia de espelhos”, assim como a frase seguidamente repetida nas reuniões “o tratamento é baseado em espelhos e não em conselhos”, demonstram o caráter terapêutico da instituição.

Neste capítulo, dissertarei sobre as dinâmicas e estratégias de tratamento da MADA, que estão voltadas à “recuperação da mulher que amam demais”. Ao analisar as narrativas das interlocutoras, mostrarei como a experiência da recuperação é coletiva e individual ao mesmo tempo e como ela tende a formatar discursos e modos de expressão das emoções, ao mesmo tempo em que possibilita a manifestação de resistências e vivências singulares de recuperação.

### **2.1 ETAPAS DO PROGRAMA MADA E TRAJETÓRIAS POSSÍVEIS NA INSTITUIÇÃO**

As estratégias terapêuticas da MADA apresentam-se como ferramentas para transformar “padrões de comportamento” considerados pelas interlocutoras como não-saudáveis, doentios, destrutivos ou problemáticos. Neste sentido, participar da MADA significa identificar estes padrões e trabalhar na superação dos mesmos. Sendo assim, há uma tendência de que as frequentadoras da MADA passem pelas seguintes etapas: 1ª) identificar-se como mada; 2ª) frequentar as reuniões regularmente; 3ª) apropriar-se da literatura MADA; 4ª) escolher uma madrinha, 5ª) seguir os passos com a orientação da madrinha.

Estas etapas são acumulativas, porém não são necessariamente seguidas nesta ordem e ainda há casos de frequentadoras que pulam etapas ou nunca chegam a determinada etapa, por opção ou não. Algumas mulheres, por exemplo, já chegam na instituição com um bom conhecimento da literatura MADA, outras escolhem a madrinha na

terceira ou quarta reunião da qual participam, outras ainda, propositalmente ou não, ignoram a literatura MADA ou não seguem os 12 passos. A leitura dos livros indicados não é cobrada diretamente, porém, como a apostila de textos utilizada nas reuniões – lida em jogral na primeira parte do encontro – é composta por trechos da literatura MADA, todas as mulheres acabam, em maior ou menor grau tendo acesso, a esta literatura. O contato com a literatura MADA nas reuniões instiga muitas das participantes a buscar estes textos na íntegra. Algumas mulheres relataram que a prévia leitura de livros de autoajuda as encaminharam a frequentar a MADA.

Priscila, participante da MADA há aproximadamente dois anos, segue o programa com um olhar crítico, fazendo suas escolhas “com cautela”:

Aplico os princípios do MADA na minha vida com cautela, na velocidade que consigo absorvê-los e que eles me façam sentir serenidade. Assim que eu compreendi que sigo no meu ritmo, que sigo o que me faz melhorar emocionalmente, a calma se fez presente no meu coração. Antes do MADA eu precisava de uma consciência, um autoconhecimento, depois do MADA eu uso algumas ferramentas propostas – reuniões e amadrinhamento. Mas a escrita de passos, ainda não me convenci de que vai mais me ajudar que atrapalhar (Priscila, 42 anos)

A escrita de passos costuma ser orientada pela madrinha e se refere, principalmente, ao 4º e 8º passos, que dizem, respectivamente: “fizemos um minucioso e destemido inventário moral de nós mesmas”; “fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados”. Em uma de nossas conversas, Priscila me revelou que não tem interesse em seguir os passos à risca como sugere a instituição, pois, em sua análise, fazê-lo significaria desrespeitar seus “limites internos”. Contudo, a interlocutora vê a MADA como um dos pilares da sua vida e não pretende deixar de frequentar as reuniões, já que gosta de “partilhar” suas experiências.

Alê, 30 e poucos anos, que está na MADA há um ano, também segue uma trajetória dissidente. Ela não é assídua nas reuniões, não tem madrinha, nunca leu nenhum livro da literatura MADA e tem sérias dúvidas se o “amar demais” é uma doença. Ainda que, nas reuniões, a interlocutora se reconheça como uma “mada em recuperação”, fora delas, Alê me revelou que se identificar como mada não significa concordar com todas as premissas da instituição.

Como já dito no capítulo anterior, coexistem diferentes perfis de frequentadoras na MADA, fato que se reflete nas diferentes trajetórias percorridas na instituição. A escolha de uma madrinha no início do percurso na MADA, em geral, leva a uma trajetória mais comprometida com os preceitos institucionais. A madrinha atua como uma espécie de tutora da mulher que segue o programa MADA, apoiando a caminhada de suas afilhadas na instituição, mas também produzindo sujeitos que “amam demais em recuperação”.

Maria, 47 anos, é rigorosa no trabalho de passos, pois, em sua visão, trabalhar os passos é fundamental no processo de “recuperação” na MADA. Não existe uma regra de como trabalhar os passos, mas, em geral, esse trabalho envolve a leitura e releitura dos 12 passos e a escrita e reescrita de passos, que deve ser sempre compartilhada com a madrinha. A escrita e reescrita de passos consiste em colocar no papel as próprias experiências relativas aos relacionamentos vivenciados. De tempos em tempos, sugere-se que essa escrita seja revisitada e que novos dados e reflexões sejam acrescentados, assim como se sugere que o produto desta revisita seja compartilhado com a madrinha e com as outras mulheres nas reuniões da MADA. O trabalho de passos tem um início, mas não tem um fim, já que a instituição aconselha que eles sejam sistematicamente trabalhados enquanto a mulher estiver frequentando a MADA.

Rosa, 45 anos, afilhada de Maria e madrinha de algumas mulheres na MADA, também segue de maneira disciplinada os 12 passos e credita suas transformações pessoais à prática de passos:

(...) dentro de 12 passos eu achei a resposta de como fazer [transformações na vida], tem vários instrumentos do programa que fazem com que eu consiga realmente me modificar e tá me

modificando, sabe? por exemplo, ontem de manhã, antes de ontem, eu escrevi pra minha madrinha né, porque agora eu sei que um dos meus padrões de fundo de poço era o isolamento, então eu tenho que partilhar, eu tô tendo ajuda o tempo todo das companheiras e aí eu comecei a partilhar porque eu tava assim puta da cara por causa da questão sexual que eu não tô conseguindo a realização que eu queria, daí ontem, daí eu pensei “Rosa, faz uma lista de gratidão” que é um instrumento do programa fazer uma lista de gratidão, quando eu fiz uma lista de gratidão eu mandei um áudio pra minha madrinha. (Rosa, 45 anos)

Praticar o programa MADA seguindo as etapas propostas com certa disciplina e rigor, como o fazem Maria, Rosa e suas afilhadas, embora não seja condição indispensável para fazer parte da MADA, é uma tendência estabelecida na instituição. Essa tendência conduz ao desenvolvimento de várias trajetórias similares na instituição, que se evidenciam na conformação de discursos, práticas e formas de expressão das emoções. No entanto, as trajetórias singulares não são poucas e suas existências demonstram o duplo movimento de singularização e dessingularização da experiência emergente na instituição.

## 2.2 AS TRÊS DIMENSÕES DA “TERAPIA DE ESPELHOS”: SINGULARIZAÇÃO E DESSINGULARIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Uma das regras da instituição MADA, que guia a experiência das frequentadoras, é a de que não se deve dar conselhos: “todas são bem-vindas a partilhar, mas o tratamento é baseado em espelhos e não em conselhos”. Esta frase está no roteiro seguido pela coordenadora do dia e é repetida em todas as reuniões. Quando há “recém-chegadas”, a referida frase costuma ser reiterada mais de uma vez, indicando à nova mulher a conduta esperada nas reuniões, conduta que irá marcar seu futuro pertencimento, ou não, àquele grupo:

Lúcia, que estava vindo pela 1ª vez é uma senhora



de aproximadamente 60 anos. Ao longo do encontro, ela foi interpelada várias vezes pela fala institucional, sendo impelida a falar seu nome ao iniciar um comentário ou *partilha*. Em alguns momentos, de modo mais sutil, lhe foi sugerido que não “dê retorno” às colegas e não estabeleça um diálogo, pois “a terapia funciona por espelhos e não por conselhos”(…) No final da sua *partilha*, ela [Lúcia] disse “então, é isso que eu tô vivendo hoje e espero que vocês possam me ajudar, me dizer o que eu posso fazer para sair dessa situação”. Logo após, Ana, que estava coordenando a reunião, lhe disse “aqui no MADA nós não damos conselhos, é uma terapia de espelhos, uma companheira vai lhe recepcionar agora no intervalo e lhe explicar como funciona o programa”. Priscila acrescenta “continue voltando que o segredo está na próxima reunião. O programa funciona, continue voltando”. (Diário de campo)

A “terapia por espelhos”, base da dinâmica dos encontros da MADA, funciona a partir da identificação entre as frequentadoras na instituição. Cada mulher tem cinco minutos disponíveis para falar nas reuniões e sua fala não deve ser interrompida por nenhuma razão, muito menos para proferir conselhos. Espera-se que, durante as reuniões, as mulheres se identifiquem com algumas ou com muitas das experiências relatadas e que esse reconhecer-se na fala da outra, como se a outra fosse um espelho meu, seja o desencadeador de transformações no modo de ser, pensar, agir e sentir das frequentadoras da MADA.

O tratamento por espelhos opera em três direções que se conectam. Primeiro ele incita o olhar para si mesma, olhar-se no espelho – o objeto – e ver quem “verdadeiramente se é”. Esse ver a sua própria imagem e identificar-se com ela está associado ao primeiro passo que diz “Admitimos que éramos impotentes perante os relacionamentos e que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas”. Olhar-se no espelho significa a “aceitação”, o “reconhecimento” do momento em que se está vivendo e dos problemas que levaram a pessoa até a MADA:

O diferencial da irmandade de MADA é ter um espelho em cima da mesa e ter escrito a frase em cima “essa é a única pessoa que você pode modificar” e também é enfatizado que “o tratamento se baseia em espelhos e não em conselhos”, então a partir do momento que eu escuto, que eu me escuto em você... (...) tudo tá sendo trabalhado ali e a gente dá condições pra todo mundo saber que é dessa forma que é trabalhado mesmo, do encontro, da importância do encontro, de estar em círculo, de todo mundo poder se enxergar. (Boni, i.n.i.)

Na perspectiva da MADA, olhar-se no espelho é olhar para si, reconhecer-se como uma pessoa individual, separada de outras pessoas às quais não se pode controlar ou modificar. O reconhecimento da própria imagem corresponde ao início do processo de “recuperação”, que passa necessariamente por identificar-se como uma “mulher que ama demais”. E esta é a segunda dimensão em que opera a terapia por espelhos: reconhecer-se na fala da(s) outra(s), criar empatia pela(s) outra(s), pelas histórias de vida da(s) outra(s), e a partir daí expressar emoções e relatar vivências íntimas semelhantes – em forma e conteúdo – às que foram relatadas por outras frequentadoras:

(...) eu tava bem destruída emocionalmente, e trinta mulheres ali, isso me deixou com muita vergonha, de me expor, falar de mim, mas por outro lado, eu me sentia muito acolhida e teve uma companheira, que agora não frequenta mais o grupo, ela me acolheu muito, me identifiquei muito com as partilhas dela, teve essa relação de espelho, de acolhimento que me deixou mais confortável, tanto é que eu já nas primeiras reuniões já abri o berreiro, só chorando, chorando, chorando, eu só chorava nas reuniões, mas foi bom que era uma momento que eu precisava botar pra fora. (Carla, 39 anos)

(...) às vezes a gente ri da própria desgraça, tua companheira vai rir, às vezes é uma coisa tão triste que você vai ficar triste, você vai ficar, né, ou com raiva às vezes, você compartilha a raiva do outro (...) isso é espelho, claro, e com isso você cria uma empatia com aquela pessoa que tá falando uma coisa tão grave, sempre é grave, né, porque é sempre uma abertura de alma que acontece nas reuniões, então você compartilha com ela, você demonstra essa coisa, essa empatia é parte da recuperação também. (Julia, 59 anos)

Este compartilhamento de emoções de que fala Julia, e que tantas vezes presenciei durante o campo, é o vetor da constituição do sujeito que “ama demais”, um sujeito mulher que possui algumas características, que são comuns a todas ou quase todas as mulheres que frequentam a instituição, porém que também expressa suas peculiaridades e singularidades. As peculiaridades às vezes não encontram eco e outras vezes formam “espelhos” específicos, na medida em que determinadas mulheres se identificam entre si, e essa identificação pode levar inclusive ao convite para o amadrinhamento.

A terceira dimensão da terapia de espelhos está no visualizar familiares próximos, principalmente a mãe, como espelhos. A maior parte das mulheres que está na MADA identifica suas mães como madas e ver na mãe as características das quais as interlocutoras querem se livrar é causador de sofrimento para as últimas:

O mais foda foi ter que encarar e digerir até hoje uma coisa que eu nunca quis ser, e eu me tornei a minha mãe, eu sempre, desde quando eu era criança “eu não quero ser igual a minha mãe, eu não quero ser igual a minha mãe”, daí eu vejo que ela é o meu espelho, assim, sabe, um espelho gigante e quando eu me dei por isso não foi legal assim pra mim, porque eu não queria e eu me tornei. (Ana, 30 anos)

A minha mãe é modelo tradicional, no sentido de que ela é dona de casa, sempre dependeu

financeiramente do meu pai, e daí o meu pai por causa disso, o meu pai abusou um pouco do poder, assim, desrespeita ela, não respeita ela como pessoa, ela se ressentiu disso, então no discurso dela ela sempre... no sentido de que ela precisa falar pra ela mesma que, mesmo falando pra mim, que ela tem o valor dela, porque ela não reconhece o valor dela, porque ela se anulou demais, assim, mas por outro lado, a minha mãe é uma pessoa que ela sempre falava “deus me livre eu ser igual a ela”, que eu tinha que ser diferente, então ela fala “por isso que eu me matei por você, eu me matei de trabalhar, ajudar o teu pai, não sei o que, pra você trabalhar e ser independente, você precisa ser independente pra não ser igual a mim”, mas não é porque você é independente financeiramente que o teu emocional vai ser igual, você vê a pessoa fazendo aquilo, é o teu espelho, você vai repetir, né, minha mãe é assim mada número 1, eu sou a mada número 2 (Carla, 39 anos)

Carla e Ana, assim como outras frequentadoras da MADA, sofrem ao ver que reproduzem ou reproduziram características de suas mães que consideram negativas e que estão, segundo as primeiras, diretamente relacionadas aos problemas de relacionamento vividos na vida adulta; mas, ao mesmo tempo, identificar estas semelhanças significa também criar empatia pelas dificuldades pelas quais as mães passam e passaram, significa tornar visíveis as violências sofridas pelas mães e as formas de reagir encontradas pelas últimas, significa perdoar e, se possível, entender as mães:

minha mãe, minha vó são pessoas que sofreram muito caladas, a minha vó era uma pessoa que chegou onde chegou e sofreu calada, eu não sei se eu aguentaria, mas mediante uma situação ela teve que se calar, se você pensar, é forte isso, né? (Carla, 39 anos)

acho que a aceitação disso tá sendo o melhor, quanto mais eu consigo aceitar a situação, mais eu consigo, vamos dizer assim, conviver com ela [mãe], apesar da distância; ela vai vir pra cá agora também, eu quero ver se eu tiro um dia com ela, porque todos esses anos que eu moro aqui [Curitiba] é um, dois dias que eu saio, daí eu vi que os padrões de mulheres com quem eu me relaciono são parecidos com o dela, sabe? E isso não é legal, quero desconstruir realmente, quero tentar amar minha mãe. (Ana, 30 anos)

A identificação é o ponto que une as três dimensões da “terapia de espelhos”. Na prática institucional, reconhecer-se nas “companheiras de sala” leva a um olhar para si mesma, que leva a um olhar para a mãe e para outros familiares próximos. Estes novos olhares são direcionados, conduzidos pelo discurso institucional, que extrapola a dinâmica dos encontros, estendendo-se pelo espaço-tempo da “recuperação”. As leituras da literatura MADA, os encontros para cafés e almoços entre as frequentadoras e a prática de passos, guiada ou não por uma madrinha, constituem a chamada recuperação, constituindo também sujeitos que se identificam como “mulheres que amam demais em recuperação”.

Nesse sentido, a “terapia de espelhos” cria condições para uma conformação de discursos que passa por aceitar, seguir e reforçar regras de conduta e regimes de verdade balizadores da produção de sujeitos que “amam demais”; no entanto, esta estratégia de tratamento também torna visível as violências sofridas pelas frequentadoras da MADA, por suas mães e por familiares próximos, principalmente familiares mulheres (irmãs, tias, primas, madrastras, avós). Assim, os efeitos produzidos pela terapia de espelhos, muitas vezes, vão ao encontro de práticas e discursividades feministas, ainda que esta conexão não esteja clara para a maioria das mulheres na MADA:

Então, você falou essa coisa do feminismo, de ser feminista, eu não sei, de alguma maneira, que eu não sei como, acho que o MADA expõe um lado feminista, mas eu não sei como ainda... eu tenho pensado nisso. (Carla, 39 anos).

A dinâmica terapêutica da MADA, na qual cada mulher tem um tempo para relatar suas vivências, uma dinâmica focada na fala e escuta atentas, também produz o que chamo de contra-espelhos, nos quais se evidenciam as singularidades:

(...) eu não vou ser espontânea igual a Boni porque eu sou eu, então quando ela fala, ela mostra pra todo mundo, ela gosta de mostrar, é algo que de alguma maneira me incomoda em mim, que eu gostaria, de alguma maneira, ser uma pessoa que demonstrasse mais o afeto pro meu companheiro, por exemplo, mas que eu me esforço, claro que eu não ando como um robô, mas eu gostaria de ser mais natural e espontânea como ela, mas é algo que talvez ela seja o espelho de alguma coisa que eu gostaria de ser, assim.” (Carla, 39 anos)

Dora, como de costume, falou sobre seu dia-a-dia em casa, sobre a limpeza dos banheiros, sobre a preocupação com a alimentação e, principalmente com aparência física que é “tudo que uma mulher deve se preocupar”, no seu julgamento. As falas de Dora normalmente não encontram *espelhos*, mas seu relato de hoje, gerou um contra-espelho (...) Logo após o relato de Dora, Boni tomou a palavra e fez uma fala desconstrutora dos padrões de gênero afirmados por Dora. Falou que não se conforma com a posição em que colocam a mulher na sociedade e que não aceita determinadas atitudes vindas de homens. (Diário de campo)

Julia iniciou sua fala com a seguinte frase “Eu estou num relacionamento com uma pessoa muito especial: eu mesma”. Falou sobre sua fase de autocuidado e serenidade. Afirma que chegou aos 60 anos com a tranquilidade de quem já conquistou muito: profissão, família, estabilidade

financeira e que é uma pessoa simples e que sabe lidar com suas finanças, então pode viajar, trocar de carro, se quiser, enfim. Está num momento de curtir essas conquistas sozinha, sem uma relação afetivo-sexual. A fala de Julia me soou como um *contra-espelho* à fala de Rosa, que havia acabado de relatar suas vivências no novo relacionamento e seu relato também iniciou com a frase “eu estou em um relacionamento com uma pessoa”. (Diário de campo)

As falas de contra-espelho podem ser respostas a falas normalizadoras ou generalizadoras, como no caso do discurso de Boni em resposta à Dora. Estas falas podem soar como um desabafo, crítica ou até como uma reivindicação. Elas não configuram como “dar retorno”, pois seus teores são as experiências vividas pelas mulheres que as proferem. Outro tipo de contra-espelho é aquele em que uma mulher identifica na outra algo que a primeira gostaria de ser, fazendo essa mulher perceber, de maneira um pouco incômoda, algo que poderia melhorar em si mesma, algo que poderia aprender com a outra. Por fim, há as falas de contra-espelho que buscam demonstrar autoafirmação ao relatar experiências que se chocam com as experiências relatadas por outras mulheres, como no caso do relato de Julia. Este tipo pode ter dois significados ou efeitos: pode simplesmente expressar um momento de vida diferente daquele vivido pela interlocutora que despertou a fala contra-espelho, ou pode configurar-se enquanto um recado para a outra frequentadora, apontando, talvez, uma desaprovação a uma determinada ação ou pensamento. Neste último sentido, estas falas se aproximam ao primeiro tipo de falas contra-espelho.

A terapia de espelhos, assim como outras estratégias terapêuticas da MADA, deixa frestas e nestas frestas escorrem as singularidades. Os efeitos desta ferramenta terapêutica vão tanto no sentido da formação de discursos e expressão das emoções, enquadrando as participantes da MADA em um modelo que represente os preceitos da instituição, como no sentido do reconhecimento das violências sofridas por essas mulheres e pelas mulheres de suas famílias. Além disso, a terapia de espelhos também produz efeitos não previstos pela MADA, como os contra-

espelhos que se caracterizam por expressar, na maioria dos casos, as experiências e opiniões singulares das interlocutoras.

### 2.3 AS DIMENSÕES DA DISCIPLINA NA DINÂMICA INSTITUCIONAL

(...) porque às vezes começa assim, você não arruma a cama, você não toma banho, você não lava a louça, você começa a se largar e a tua vida começa a se largar, então essa coisa da obediência, da disciplina é muito importante, que o grupo [MADA] me ajuda nisso, né, porque eu assim, na minha adolescência eu era uma pessoa bem preguiçosa, eu me forcei muito [a ser menos preguiçosa] (...) isso da obediência, de fazer todo dia um pouquinho pra mim tem feito a diferença, acho que o MADA pra mim veio em doses homeopáticas assim, então é um passo de cada vez, é um dia de cada vez, é assim, hoje eu vou pensar 24 horas no fulano, amanhã eu vou pensar 23h30, depois eu penso 23h, daqui a pouco eu esqueço dele (Carla, 39 anos)

Dora, 62 anos, viúva, como de costume, fez um relato sobre sua rotina de dona de casa e como isso a ajuda em sua recuperação: ela destaca a importância de manter a casa sempre arrumada, cheirosa, de fazer um bolo mesmo que não vá receber visita. Ela se reconhece como depressiva, então, seguir a rotina da casa e também de seu cuidado pessoal com a aparência física – academia, roupas novas, maquiagem, etc – é uma grande vitória pra ela, que segue à risca os conselhos da psicóloga. (Diário de campo)

(...) porque assim, pra você aprender um padrão novo você tem que se contrariar, porque não vai ser natural no começo, só que chega uma hora, é que nem aprender a escovar dente, chega uma hora que fica automático, né? Isso que fala de se



contrariar no grupo [MADA], porque não tem outra forma de criar padrões saudáveis, no meu ver assim, não tem outra forma não, é a forma que eu conheço, não só dentro de 12 passos, mas de tudo que vejo, nos filmes, numas coisas que indicam aí fora, é essa a forma que tenho de mudar minha personalidade, meus defeitos de caráter, e desenvolver padrões de relacionamento saudáveis. (Rosa, 45 anos)

Na prática do programa MADA, a disciplina é frequentemente apontada como fundamental para a superação de formas de ser, pensar, agir e sentir causadoras de sofrimento para as participantes da instituição. “Contrariar-se” para criar “novos padrões” significa fazer diferente do habitual por convicção de que o habitual não é bom; significa fazer o que se considera certo fazer, após a descoberta ou reconhecimento dos “gatilhos” que conduzem aos “padrões doentios”. Contrariar-se, nesse sentido, pode significar, para algumas mulheres, despreocupar-se com a ordem na casa:

(...) então, por exemplo, aconteceu um negócio muito legal, compartilhei com minha madrinha, são pequenas coisas que eu vejo que tem alguma coisa se modificando pra melhor dentro de mim: eu tenho uma jarrinha de leite que derruba o leite, cada vez que eu vou encher, derruba do lado porque o bico não é bem definido, e aí eu e o Carlos tomando café de manhã e sempre lambuza aquele leite, aí um dia ele falou assim “vou tentar uma técnica diferente”, mas foi assim muito intuitivo dele, daí ele levantou e ele foi tentar a técnica diferente e esparramou leite em tudo, eu tive uma crise de riso e um tempo depois eu fui analisar, gente isso é muita recuperação, porque o meu padrão de doença era assim aquela crise de histeria, se meus filhos ou alguém dentro de casa derramasse alguma coisa automaticamente eu tinha um surto, e ali [com o Carlos] eu achei muito engraçado, eu ria, ontem a gente até

lembrou e riu de novo, sabe? Então você vê, alguma coisa mudou, a gente se pega vendo diferente. (Rosa, 45 anos)

Embora Rosa associe sua reação ao leite derramado apenas a modificações internas causadas pelo seu processo de “recuperação”, talvez também possamos associar esta reação à dinâmica da relação do casal, onde, aparentemente, existe alguma divisão das tarefas domésticas. Só o fato de Carlos querer “tentar uma técnica diferente” para servir o leite, demonstra uma preocupação com a sujeira que possa causar, sujeira esta que caberá a alguém limpar. Assim, o constante movimento de “contrariar-se” feito por Rosa ao buscar despreocupar-se excessivamente com a ordem ou limpeza da casa talvez só possa ter se transformado em um riso após ver um leite derramado, porque existe, em sua nova relação, uma dinâmica de divisão de tarefas. Neste sentido, a escolha de um novo parceiro com quem ela possa rir sobre um leite derramado, possivelmente seja também indicadora das transformações que Rosa observa em si mesma.

Contrariar-se também pode significar ter disciplina no cuidado da casa e da aparência física, cuidados estes que, para muitas mulheres, dentro e fora da MADA, representam um cuidado da vida. Contudo, se para muitas de nós cuidar da casa é uma obrigação a qual temos que cumprir e a qual delegamos sempre que possível, ou dividimos com nossos companheiros ou companheiras, para Carla, Dora e outras frequentadoras da MADA, a disciplina no cuidado da casa e da aparência física é inseparável à disciplina vista como necessária para transformar formas de ser, pensar, agir e sentir causadoras de sofrimento. Dora, por exemplo, identifica – mais sob orientação da psicóloga, do que da MADA – que precisa ocupar-se para minimizar os efeitos da depressão em sua vida, e, para tanto, ela utiliza o seu repertório de ocupações, que está associado à rotina da casa e ao cuidado com a aparência. Eventualmente, Dora também sai com as amigas e relata estar querendo abrir-se para uma nova relação amorosa, mas afirma não querer “qualquer um”, diz que sexo casual não faz parte de sua vida, pois teve uma “educação antiga”.

É interessante notar como a disciplina no cuidado com a casa e com a aparência física atua, por um lado, como adestradora e

docilizadora dos corpos dessas mulheres (FOUCAULT, 2009), que dedicam boa parte de seu tempo livre nos afazeres domésticos e no embelezamento de seus corpos, reforçando assim estruturas de gênero patriarcais, e, por outro lado, age como resistência aos “padrões” associados ao “amar demais”, caracterizados, nestes casos, pela indisciplina, pelo descontrole, pelo descuido, pela falta de atenção.

A resistência, neste sentido, é controlada pela MADA, na medida em há formas específicas de resistir, ensinadas e aprendidas na instituição. “Viver um dia de cada vez”, por exemplo, operando pequenas mudanças cotidianas é uma das principais estratégias de tratamento da MADA e está associada à calma, à tranquilidade, à paciência e à serenidade que se espera desenvolver durante o percurso na instituição. Rompantes de fúria, por exemplo, não são esperados nem encorajados pela MADA, e as poucas mulheres que ousam expressar-se de maneira um pouco mais enérgica, embora não sejam excluídas, também não são acolhidas pela instituição. Na mesma medida em que o choro é estimulado e esperado durante os encontros, a expressão da raiva é inesperada e desestimulada.

Percebe-se aqui um autocontrole das emoções pautado nos regimes de verdade da MADA sobre papéis de gênero. Neste sentido, a instituição produz e reproduz um feminino que demonstra seu sofrimento pelo choro e não pela raiva, um feminino que até pode sentir raiva, mas quando isso acontece, a mulher deve acolher sua ira, no seu universo íntimo, não sendo desejável expressá-la, mesmo em ambientes terapêuticos como a MADA, onde, supostamente, as mulheres podem “ser elas mesmas”.

No campo dos estudos de gênero e saúde mental, autoras vêm apontando a cultura mediadora dos sintomas manifestos nos sujeitos. Valeska Zanello, psicóloga e pesquisadora referência na área, nos mostra como o choro é uma expressão emocional completamente aceitável quando manifesto em uma mulher, porém condenável quando manifesto em um homem, já que coloca em cheque a masculinidade do último. De maneira inversa, ocorre o mesmo com a expressão da raiva, sendo esta aceitável quando vem de um homem, porém recriminada quando vem de uma mulher, pois uma mulher raivosa é considerada menos feminina (2017).

De todo modo, “contrariar-se” no processo de “recuperação”, buscando fazer diferente do habitual, demonstra uma atenção às formas de ser, pensar, agir e sentir consideradas, pelas interlocutoras, destrutivas, doentias, não saudáveis ou problemáticas. Para uma mulher que teve sua vida marcada por rompantes de fúria e que sempre segurou o choro, talvez seja possível e libertador transformar sua raiva em choro. O problema está no oposto não ser possível e aceitável da mesma forma. A atenção desenvolvida na MADA é seletiva e moldada pela dinâmica institucional, que legitima, sutilmente, algumas estratégias de autocuidado e de autoconhecimento, enquanto deslegitima outras.

No que diz respeito à vivência da sexualidade, por exemplo, está claro que a instituição se baseia em regimes de verdade moralistas, nos quais a monogamia e a heterossexualidade são o padrão a ser seguido. Ainda que algumas mulheres lésbicas e bissexuais tensionem a heteronormatividade do discurso institucional e um certo moralismo cristão que por vezes é reificado na literatura MADA, pouco isso se reflete na reelaboração do discurso institucional, que segue pautando-se por ideais binários e conservadores no que diz respeito à sexualidade. As estratégias de autocuidado da MADA, estão bastante voltadas a buscar um “parceiro saudável” e a não sucumbir ao sexo casual, pois, de acordo com o discurso institucional, há uma tendência a confundir “sexo bom com amor verdadeiro”. Neste sentido, a transa casual seria assim “um gatilho” ativador do “amar demais”. Voltaremos ao tema da sexualidade no capítulo 3.

A disciplina é encarada por muitas das frequentadoras da MADA – aquelas que se identificam com o discurso institucional – como algo positivo e necessário para o desenvolvimento de “padrões de relacionamento saudáveis”. Contrariar-se, nesse sentido, significa “assumir as rédeas da própria vida”, autorresponsabilizando-se por seus sucessos e fracassos.

#### 2.4 A AUTORRESPONSABILIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE TRATAMENTO NA MADA E SEUS EFEITOS NAS TRAJETÓRIAS DAS INTERLOCUTORAS

Uma das principais estratégias terapêuticas da MADA é “assumir a responsabilidade pelos próprios problemas”, que passa por se

reconhecer como dependente de relacionamentos e por se perceber como responsável pelos caminhos seguidos na vida adulta, tanto no passado como no presente. A dinâmica institucional promove o “olhar para si”, o “focar em si mesma”:

Na etapa dos depoimentos, a coordenadora do grupo chama a atenção: “evite falar ‘tu’ ou ‘nós’, fale sempre ‘eu’, pois assim você se centra no seu depoimento”. Ela também escrevia um grande EU em uma folha A3 e colocava no chão no centro da sala dizendo a todas que “centrar-se em si mesma faz parte do tratamento, pois ajuda a recuperar a autoestima” (SILVA, 2008, p.28).

O diferencial da irmandade de MADA é ter um espelho em cima da mesa, pelo menos aqui em Curitiba, e ter escrito a frase em cima “essa é a única pessoa que você pode modificar”. (Boni, i.n.i.)

Estas estratégias são características do modelo terapêutico de 12 passos – ainda que o espelho em cima da mesa, citado por Boni, supostamente seja um diferencial da instituição MADA – e, conforme já analisado por outros autores, mantém relações estreitas com o processo de individualização vivido na modernidade. Em diálogo com Louis Dumont e Marcel Mauss, Campos nos apresenta o modelo de recuperação do A.A., onde

tudo se passa como se esse modelo fosse um resultado da individualização do processo saúde/doença. Os AAs são, então, identificados como agentes capazes de controlarem a “doença alcoólica”, recuperando, assim, a autonomia perdida nos tempos do alcoolismo ativo. Ao contrário do indivíduo dependente, que “perdeu o controle sobre o álcool”, tornando-se incapaz de controlar sua vida seguindo sua própria vontade, os AAs são entendidos como “agentes autônomos” que recuperaram a capacidade de

“escolha” e o controle da própria “doença”, responsabilizando-se pelo cuidado de si mesmos (CAMPOS, 2005, p.14).

Estas conquistas dos frequentadores do AA, contudo, não são totalmente individuais, já que são resultado da (con)vivência entre os membros da instituição, são o resultado de todo o conjunto de ações realizadas nos grupos de ajuda mútua. O individualismo reflexivo, ou individualismo relacional – identificado pelo autor como ideologia norteadora do AA – realiza-se na medida em que propõe uma autorresponsabilização do sujeito que é constantemente compartilhada e apoiada pelos outros participantes da instituição.

O modelo do individualismo reflexivo aplica-se também à instituição MADA, contudo, este convite à autorresponsabilização demanda uma análise cautelosa no contexto MADA. As questões de gênero precisam ser consideradas quando se fala sobre responsabilidade, já que as mulheres, que representam uma minoria social, são constantemente apontadas como responsáveis pelas violências sofridas. Quando uma mulher é atacada ou violentada na rua, diz-se que ela “não deveria ter usado uma saia tão curta”, quando sofre assédio sexual no trabalho, diz-se que “não deveria ter usado decote no ambiente de trabalho”, quando apanha do marido em casa, diz-se que “deve ter feito algo para merecer”.

Se por um lado o “foco em si mesma” pode encaminhar as frequentadoras a “assumir o controle sobre suas vidas”, dando-lhes subsídios para focar em seus desejos e necessidades e libertarem-se de relacionamentos abusivos, por outro, pode provocar a entrada em uma espiral de autoculpabilização geradora de mais sofrimento e invisibilizadora de situações de violência. E este é um dos principais paradoxos que observei no programa MADA: como se responsabilizar pelo seu modo de ser, pensar, agir e sentir e ao mesmo tempo identificar muitas das suas próprias ações como reações às violências sofridas em um relacionamento abusivo? Como priorizar os próprios desejos e necessidades e ao mesmo tempo se entregar para uma relação, abandonando o “comportamento controlador” com o qual se identificam as frequentadoras da MADA?

Ao analisar os efeitos da autorresponsabilização nas frequentadoras da MADA, comecei a perceber que existe uma linha muito tênue entre se responsabilizar – positivamente – por sua forma de ser, pensar, agir e sentir, “tomando as rédeas da própria vida”, assumindo sua “parcela de culpa” nos relacionamentos que “não deram certo” e a espiral de autoculpabilização e autopunição em que entram algumas mulheres, estado este que se opõe ao autocuidado e ao fortalecimento da autoestima, que também são alimentados na proposta de tratamento da MADA.

Se o discurso MADA, ao fomentar o “olhar para si”, tende a promover autonomia, desenvolvimento do amor-próprio e do autocuidado, também tende a cristalizar a imagem da mulher “louca”, “manipuladora”, “doente”:

Hoje, Malu fez uma partilha sobre seu momento atual, mas também sobre seu passado, o qual identifica como altamente “doentio”. Ela se vê “quase como uma psicopata”, “manipuladora, jogadora”. E está se relacionando com uma pessoa bastante problemática, ao qual define como “sociopata”(…) Malu falou também de sua família “doente”. Disse que seu pai era uma pessoa muito “manipuladora e doente” e que ela, Malu, sempre se viu muito parecida com ele e que teme que talvez tenha “se tornado ele”, “talvez eu tenha até ultrapassado ele”, diz ela. Ela contou também que cria duas filhas sozinha e que perdeu o emprego recentemente e terá que se mudar para a casa da mãe, algo péssimo, em sua avaliação. Relata que apesar disso [perda do emprego e mudança para a casa da mãe], que deveria ser uma das principais preocupações de sua vida, ela só sofre mesmo, só chora, pela relação com o namorado. Disse também que está há nove anos no MADA. (Diário de campo)

Dani falou sobre sua dificuldade em se relacionar com mulheres [como amiga, irmã, filha, etc.]. Se identifica como “manipuladora”, que sempre se

utilizou de “armas”, como a “sedução”, para conseguir o que queria e nunca conseguia “criar intimidade” e ser honesta com outras mulheres. (Diário de campo)

Nos relatos acima, nos quais as mulheres se identificam como “manipuladoras”, “jogadoras” e “sedutoras”, percebe-se uma tendência a chamar a responsabilidade para si, “assumindo seus problemas”, desconsiderando os contextos sociais em que estão inseridas. Malu, mesmo identificando “a doença” do pai e do namorado e a dificuldade de criar duas filhas sozinha, parece não compartilhar a responsabilidade de sua situação com estes homens. Ela parece não considerar que a realidade de ter que criar duas filhas sozinha e ter acabado de perder o emprego, a coloca numa situação de vulnerabilidade emocional e social que pode estar vinculada aos “problemas emocionais” com os quais se identifica e relata na MADA.

Diversas autoras – e alguns autores – vêm refletindo sobre as questões de gênero no contexto das práticas de saúde e cuidado. Algumas autoras feministas vão questionar a literatura de autoajuda direcionada às mulheres, evidenciando seu potencial de manutenção das estruturas de gênero historicamente construídas:

Schrager (1993) argumenta que os livros de autoajuda dirigidos ao público feminino são herdeiros dos manuais de conduta e das novelas para mulheres de classe média, anteriores à medicalização da sexualidade, nos séculos XVIII e XIX, na Inglaterra e nos E.U.A. Ainda, ela considera que o conteúdo veiculado por eles, especialmente a noção de amar demais, não leva em conta o contexto social, cultural e econômico gerador de desigualdades e dificuldades para mulheres, vitimizadas diante da noção de doença sugerida por tal conceito. Além disso, a autora avalia em que medida essas ideias não atualizam a noção de histeria feminina e desconsideram o modo como muitas mulheres vivem, se relacionam e criam seus filhos em situações difíceis e desvantajosas (FERREIRA,



2012, p.183).

A questão da dependência financeira e do cuidado com as/os filhos/filhas, abordadas por Schrager, são aspectos importantes a serem considerados aqui. Embora as frequentadoras da MADA apresentem *perfil social heterogêneo* (SILVA, 2008; HEILBORN e PEIXOTO, 2016), estudos recentes mostram que as mulheres ainda recebem menores salários que os homens em quase todas as profissões no Brasil, mesmo em casos onde elas têm maior escolaridade que eles<sup>18</sup> e também ainda são as principais responsáveis pelo cuidado das/dos filhas/filhos. Torna-se evidente que estes dois aspectos, principalmente quando combinados, como no caso de Malu, colocam as mulheres em uma situação mais vulnerável dentro de um relacionamento sexo afetivo.

No caso de Dani, que relata a dificuldade em “criar intimidade” com mulheres, também faz-se necessário analisar o contexto social machista e patriarcal que, se por um lado, estimula mais as mulheres que os homens a desenvolver laços de intimidade com outras mulheres, desde a tenra idade (GIDDENS, 1993), também as estimula a competir com outras mulheres, seja na disputa pela melhor aparência física, seja na disputa direta pelo homem (GOLDEMBERG, 1990).

Este mesmo contexto atribui às mulheres o “poder da sedução” (CORBIN, 1997), que, mesmo quando colocado como atributo positivo da mulher – o qual, supostamente, faria com que elas tivessem o domínio sobre os homens no terreno amoroso – define as últimas por suas características físicas e por seus supostos potenciais de encantar, agradar, envolver. Dani, ao perceber a sedução como uma arma, reproduz o discurso dominante de gênero, que também é reforçado na literatura MADA, porém, ao mesmo tempo, ao identificar esta “arma” como algo do qual não deseja mais utilizar-se, como algo que atrapalha sua conexão com outras mulheres, Dani também rompe com os padrões de gênero que concebem a sedução como um poder feminino desejável. Neste mesmo sentido, Rosa rechaça o “padrão de sedução”, ao mesmo tempo em que se identifica com ele:

eu achava que sedução era só ficar no baile

---

<sup>18</sup> Dados recentes (2009) do Banco Interamericano de Desenvolvimento extraídos do site: [observatoriodegenero.gov.br](http://observatoriodegenero.gov.br)

rebolando e não (...) fazer o cara se abrir, ser amigona, daí o cara se abre, nossa, eu faço um homem se abrir assim [estala os dedos], em meia hora ele conta a vida dele inteira e eu consigo pesquisar [sobre ele, na internet], é... sedução é isso aí, eu não sabia que isso era sedução, eu achava que sedução era outra coisa, então sedução é muito profundo. (Rosa, 45 anos)

Rosa, diferente de Dani e Malu, parece pender para o outro lado em seu processo de autorresponsabilização, buscando “admitir a sua parte”, ao identificar os traços de sua personalidade com os quais não está satisfeita e reconhecendo os efeitos das violências sofridas no passado:

hoje eu olho assim quais os meus 50%? ah os teus 50% Rosa, você tem padrões doentios na tua vida antes dele chegar, você tem toda a questão da tua fantasia doentia, você tem uma desconexão com tua pele por causa da violência do passado, você tá emburrada porque não é do teu jeito, isso não é dele, então, antes, pra não me observar e não admitir a minha parte, eu falava coisas horríveis pro cara, tipo “eu tô braba sim porque tô com a sensação de mulher mal comida”, umas coisas assim que acabavam com o cara sexualmente, você entende? (Rosa, 45 anos)

Os relatos de Rosa, que frequenta a MADA e a DASA, se identificando como dependente de amor e de sexo, costumam revelar as violências sofridas e as pequenas vitórias cotidianas que, em sua interpretação, demonstram a superação de determinados “padrões de comportamento”:

Então tem muita coisa que eu preciso aprender; há três anos atrás, eu achava que tava enlouquecendo, porque com o mesmo parceiro tinha horas que eu queria compulsivamente fazer sexo por horas, e tinha horas que eu queria

empurrar ele e ficava com muito ódio, e eu pensava “meu deus, eu tenho algum problema, o cara é igual, é o mesmo cara”, daí eu comecei a desconfiar que o problema era comigo, por isso que fui pro DASA, então hoje eu sei que eu não tô ficando louca, eu sei que tudo tem uma justificativa da minha história, dos meus padrões, eu sei que é por causa do abuso da infância, do abuso do meu pai, eu sei que é por causa dos primeiros treze anos de espancamento e a forma como eu fui viciada sexualmente pelo primeiro homem, então tudo isso desenvolveu padrões doentios, hoje eu já tenho o mapeamento parcial disso e tô começando a saber quais os meus objetivos (...) eu tô um ano e quatro meses estável de novo, então assim, hoje eu faço ginástica, faço yôga, tenho amigos, hoje eu respeito muito meu horário de sono, a minha agenda é cada vez mais simples, eu não posso me atarefar muito, pressionar muito minha mente. (Rosa, 45 anos)

Ana, que frequenta a MADA há aproximadamente sete anos, também parece encontrar na MADA caminhos para buscar autonomia e livrar-se da culpa pelos relacionamentos ruins que teve durante a vida:

(...) tipo, o outro é o outro, foda-se, tipo assim, é a gente, se a gente cagou no nosso 50% tá tudo certo (...) quando eu li a história do 50% na apostila de textos [da MADA], nossa, eu achei maravilhoso! Aquilo é muito, aquilo tira culpas, tira um monte de coisas que não é nosso, porque acaba misturando a loucura do outro com a nossa loucura, é muito louco, é muito louco. (Ana, 30 anos)

Ela, ao invés de se identificar como “controladora” ou “manipuladora”, relata períodos de sua vida em que esteve em um “estado muito controlador”:

O fundo da minha casa dava de fundo com o trabalho dela [a ex], eu sabia o horário que ela entrava no trabalho e eu ficava espiando ela, eu tava num estado muito controlador, eu não sabia o que era, mas eu tava, hoje eu entendo que era controle. (Ana, 30 anos)

(...) então, eu voltei pro MADA faz um ano e meio com mais frequência, porque eu acabei me relacionando, achei que tava tudo certo e, por um lado, assim, muita coisa eu deixei de fazer mesmo, muita coisa, principalmente o controle, assim, o controle meu com a outra [pessoa da] relação era gritante, assim, gritante. (Ana, 30 anos)

Questões, bastante complexas, definem as diferentes vivências da “recuperação” para as diferentes mulheres na MADA. As interlocutoras heterossexuais, na faixa dos 40 aos 60 anos, mães, têm uma tendência maior a se reconhecerem como “loucas”, “sedutoras”, “controladoras” ou “manipuladoras”; já as homossexuais, na faixa dos 30 aos 40 anos, sem filhos, costumam rechaçar esta imagem cristalizada da “mulher que ama demais”, ainda que se reconheçam como dependentes de relacionamentos. São estas últimas também que, em geral, consideram o contexto social em que vivenciam suas experiências amorosas e cujas falas vão ao encontro dos discursos feministas:

só que o que a sociedade ensina sobre o amor é que é sofrer, é isso e aquilo, tá nas músicas, sabe, tá na mídia, tipo assim, vou te dar um exemplo: a minha ex-namorada me procurou em fevereiro desse ano, me procurou pelo whats, me mandou mensagem, veio só surtar, mas ela disse bem assim “ah, você não me procurou, não correu atrás de mim”, aí eu falei “mas você me pediu”, então, inclusive ela falou “você não me amou de verdade, se você tivesse me amado ia ter corrido atrás de mim”, tipo, e essa visão é de uma grande

maioria, que, tipo, se eu amo eu tenho que ficar lá correndo, correndo, pra... e no MADA não, no MADA já te dá uma outra visão, assim, de uma coisa mais madura, vamos se dizer assim, de enxergar as coisas, de ah, tudo bem, se a pessoa não quer, você dá o espaço, você coloca limite. (Ana, 30 anos)

o que eu sinto é que ser mulher nessa sociedade, sei lá, é dar conta de uma porção de coisas que são impostas de cima pra baixo, não faz muito tempo que a gente pode votar, não faz muito tempo que a mulher não tem que pedir permissão pro marido pra fazer determinadas coisas, eu tenho uma condição privilegiada, porque eu tenho uma amplitude de escolhas maior, não vou dizer que eu escolhi ser lésbica, mas eu pude escolher, se eu quisesse, não fui oprimida, não foi uma grande libertação ou revolta, tipo, “ai, saí do armário, meu deus, agora minha vida mudou”, não, foi uma decisão de começar a me relacionar com mulher. (Boni, i.n.i.)

A análise dos depoimentos das interlocutoras evidencia que os efeitos da “recuperação” são diversos, na medida em que coexistem diferentes perfis de frequentadoras na MADA e que a própria instituição fomenta o desenvolvimento da autonomia, ainda que seja uma autonomia limitada, alinhada com os preceitos da instituição. O estímulo institucional ao autoconhecimento e à independência propicia diferentes percursos na instituição. Embora a MADA busque conformar discursos e experiências, ela só o consegue em parte. O processo de dessingularização da experiência operado pela MADA deixa frestas e delas emergem resistências e singularidades.

## 2.5 ASSERTIVIDADE, EMPODERAMENTO E AUTONOMIA: INTERSECÇÕES ENTRE OS DISCURSOS NA MADA E OS DISCURSOS FEMINISTAS

Analisando as dinâmicas de uma sociedade patriarcal que produzem subjetividades gendradas, me pergunto se a manipulação, a culpa, o controle, com os quais se identificam as interlocutoras, para além de “padrões de comportamento” herdados de uma infância “disfuncional”, não estariam também associados ao contexto social que não promove a assertividade das mulheres como o faz com os homens.

No livro *Por que as mulheres escrevem mais cartas que enviam*, o psicanalista Darian Leader indica que nós, mulheres ocidentais, tivemos que aprender a dar muitas voltas para comunicar o que queremos ou precisamos, já que, durante muito tempo, não nos foi permitido expressar nossos desejos e necessidades, fato que contribuiu para o desenvolvimento de formas de ser, pensar, agir e sentir mais passivas que ativas, nos colocando, por vezes, no lugar de manipuladoras, controladoras, dissimuladas (LEADER, 1998).

Verbalizar os desejos e necessidades da forma mais assertiva possível é uma das estratégias de recuperação da MADA, que vai ao encontro de práticas feministas contemporâneas. Embora a palavra *assertividade*, característica do repertório feminista, não apareça com frequência nos relatos das interlocutoras desta pesquisa, várias vezes escutei no campo frases do tipo “ele não tem como adivinhar os meus pensamentos, preciso informar a ele do que necessito”, “ninguém tem bola de cristal, preciso dizer a ele como me sinto”, “preciso dizer o que de fato deve ser dito”, “preciso aprender a dizer não”. Aprender a dizer *não*, aparece, inclusive, como uma busca que, segundo Julia, 59 anos, caracteriza e unifica as frequentadoras da instituição:

Outra característica que todas [*madras*] tem é de servir, servir aos outros para se sentirem amadas e isso faz com que? Colocarem o interesse do outro na frente do seu próprio interesse, gera todo um conjunto de coisas na vida, então aprender a dizer *não* passa a ser um objetivo de quase todas as *madras*, senão todas, não quero generalizar; no meu caso eu também não sabia dizer *não*, mas eu já aprendi, não sei se tudo o que eu deveria, mas já aprendi, né. (...) a carência da *mada* que leva ela a fazer essas merdas de escolha e ficar aguentando coisa que a gente não precisa; esse

aguentar não é só de relacionamento, é de família também, tem *madras* lá que o problema não é marido, é a mãe, a irmã, o pai, porque justamente essa coisa da carência faz querer servir, servir, servir, e não faz escolhas, não sabe dizer *não*, então a mulher saudável sabe dizer *não*. (Julia, 59 anos)

A habilidade de dizer *não*, informando ao outro, de forma assertiva, o que se quer e o que não se quer, aparece como elemento empoderador destas mulheres, aproximando mais uma vez o discurso MADA do discurso feminista. Contudo, neste discurso sobre “aprender a dizer não”, mais uma vez, cai sobre as mulheres a responsabilidade de evitar uma violência. A dificuldade que muitas mulheres encontram, dentro e fora da MADA, de dizer *não* se deve, em grande parte, à dificuldade dos homens em ouvir um *não*. Campanhas feministas recentes têm chamado a atenção para essa questão, veiculando frases como “depois do não é tudo assédio”, “cantada não é elogio”, “respeita as mina”, “quando uma mulher diz não para você, significa que ela disse não para você”. Campanhas como essas reconhecem que não basta, para nós mulheres, identificar a violência e reagir a ela, é preciso que o outro lado, neste caso, os homens, aprendam a respeitar a vontade das mulheres, aprendam a ouvir *não*.

Como as estratégias terapêuticas da MADA estão muito voltadas para a autorresponsabilização, e os problemas de relacionamento apresentados pelas interlocutoras são creditados a uma “infância disfuncional”, os aspectos sócio culturais que embasam as vivências destas mulheres acabam sendo invisibilizados. Desta forma, quando uma mulher, em seu percurso na MADA, vive uma situação em que não conseguiu dizer *não*, por exemplo, há uma tendência a que essa mulher assuma a responsabilidade pelo *não* não dito, percebendo-o como um fracasso seu, como uma dificuldade sua de dizer *não*.

No entanto, a resiliência, como a capacidade de superar os problemas vivenciados ao longo da vida, é bastante trabalhada na MADA, fazendo com que a maior parte das frequentadoras recuperem-se rapidamente das “recaídas” em suas trajetórias na instituição. As “recaídas” são os atos que reproduzem o “padrão de amar demais”,

aqueles que são identificados na MADA como destrutivos, doentios ou não saudáveis. A capacidade de se recuperar de uma “recaída” é um elemento empoderador das mulheres na MADA e, embora a recaída deva ser evitada, está implícito no discurso institucional que fracassar e se levantar faz parte do processo de “recuperação”.

A palavra empoderamento tem sido bastante utilizada nos discursos feministas e, embora haja divergências sobre seu significado nos mais variados contextos, parece haver consenso em torno de alguns pontos, aqui destacados por Cecília Sardemberg a partir da leitura de Sarah Mosedale:

a) para se “empoderar”, alguém tem que ser antes “desempoderado” - ex. As mulheres enquanto um grupo; b) ninguém “empodera” outrem – isto é, trata-se de um ato auto-reflexivo de “empoderar-se” , ou seja, a si própria (pode-se, porém “facilitar” o desencadear desse processo, pode-se criar as condições para tanto); c) empoderamento tem a ver com a questão da construção da autonomia, da capacidade de tomar decisões de peso em relação às nossas vidas, de levá-las a termo e, portanto, de assumir controle sobre nossas vidas; d) empoderamento é um processo, não um simples produto. Não existe um estágio de empoderamento absoluto. As pessoas são empoderadas, ou desempoderadas em relação a outros, ou então, em relação a si próprias anteriormente. (SARDEMBERG, 2006, p. 3-4)

A conceitualização descrita acima vai ao encontro, em muitos aspectos, do discurso MADA, no qual o processo de autorreflexão, autonomia e tomada de decisões faz-se presente. Nas mesmas palavras, a MADA convida a “assumir o controle sobre nossas vidas”, mostrando que o caminho da recuperação – como o caminho do empoderamento, na linguagem feminista – também é um processo e não um produto, daí a ideia de que um sujeito que “ama demais”, por mais avanços que realize em sua forma de se relacionar, está constantemente em recuperação. É claro que no caso da MADA, este “eternamente em



recuperação” está associado também à ideia do amar demais como vício ou dependência. Assim como, no universo dos grupos de ajuda mútua, o alcoólico é dependente do álcool e o narcótico é dependente do cigarro, a mada é dependente dos relacionamentos.

Recusar-se a fazer algo ou a ocupar uma posição que não é desejada pela mulher na relação são sinais de empoderamento que levam as interlocutoras não apenas a se libertarem de situações de violência, como também a não entrarem em novas relações insatisfatórias para elas:

Julia, 59 anos, falou sobre os abusos emocionais sofridos ao longo da vida e sobre como hoje não permite mais alguns deles, sobre como percebe que são abusos. Disse que não fica mais com a “xoxota assada por passar horas transando” e que nunca, jamais, transa sem preservativo, que gosta de beijo na boca e, se o cara não investe nisso, ela já dá o fora. (Diário de campo)

Márcia, 60 anos, falou que seu ímpeto, o seu desejo inicial, é sempre resolver os problemas do filho, mas que hoje consegue não fazer isso, consegue dizer *não*, consegue desligar-se, embora lhe custe muito. Falou também sobre como sentia raiva e culpa quando resolvia os problemas do filho e como hoje está melhor ao conseguir não repetir seu ‘padrão’ de solucionar a vida dele. (Diário de campo)

Cátia, 38 anos, falou sobre seus relacionamentos com caras que não sabem, ou não querem, ‘criar intimidade’. Ela relaciona a intimidade com saber como foi o dia de cada um, contar histórias sobre a infância e coisas do gênero. Falou que está evoluindo, pois hoje ‘não força mais a barra para criar intimidade’, ao contrário, cai fora quando percebe que o cara ‘não cria intimidade’. (Diário de campo)

Silvia, 40 e poucos anos, está recentemente morando sozinha e falou sobre a liberdade conquistada neste ato, depois da separação e dos filhos criados que saíram de casa. Ela destaca a liberdade de fazer tudo do seu jeito, arrumar a casa quando quer, cozinhar e lavar quando bem entende. Porém, sua mãe está na sua casa agora e fica querendo que ela faça tudo de um jeito específico, que a mãe julga ser o melhor. Ela entrou em conflito com a mãe e “deu a real pra ela”: “mãe, eu não tenho que fazer as coisas desse jeito, onde tá escrito que preciso lavar a louça depois que eu como?” (Diário de campo)

Priscila, 43 anos, falou sobre os avanços em sua vida afetiva desde que ela está na MADA. Ressaltou que hoje ela se dá conta muito mais rápido de que uma relação não serve para ela, por não lhe dar aquilo do que ela necessita. Contou que acabou há 21 dias um relacionamento – que durou aproximadamente 6 semanas – e que, embora esteja triste e carente, está segura de que não o quer mais: “pelo menos eu levei só um mês para me dar conta disso, né? Em outros tempos, levaria anos para me dar conta...”, ela diz. (Diário de campo)

A correlação entre aspectos do discurso MADA e aspectos do discurso feminista contemporâneo já foi apontada por outras autoras que estudaram a MADA a partir de uma perspectiva sociológica. Carolina Ferreira, em diálogo com Alcione Costa, Astrid Pardo e Adélia Procópio, nos mostra que

se por um lado o ideário MADA aceita e reproduz padrões normativos de gênero, por outro, ele os ressignifica mediante o encontro com outras discursividades, tais como reivindicações feministas, questionamentos a respeito da sobrecarga das mulheres no mundo doméstico, conflitos que envolvem concepções tradicionais e

igualitárias de relacionamentos, etc. (FERREIRA, 2016, p. 21).

Ao ver a “comunidade imaginada” MADA e os contextos de atuação feministas como “instâncias pedagógicas do aprendizado emocional e do controle emotivo” que possibilitam uma reorganização social do sofrimento amoroso, Ferreira aponta para a produção de uma “micropolítica das emoções”, que “refere-se à capacidade de dramatizar, reforçar ou alterar as macrorrelações sociais que delinham as relações interpessoais nas quais emerge a experiência emocional individual” (Ferreira, 2016, p.5). Desta forma, o trabalho feito na MADA reverbera não apenas nas vidas privadas das mulheres que frequentam os grupos, como também atualiza as estruturas que embasam a instituição, afetando todo um conjunto de macrorrelações sociais.

As retóricas de controle emocional, apontadas por Ferreira (2012), correspondem ao que chamo de estratégias da instituição MADA na produção de sujeitos que *amam demais*. Essas estratégias, embora fixas, já que se baseiam em uma cartilha de passos e tradições importada de outros grupos de ajuda mútua, mobilizam de diferentes formas as frequentadoras da instituição, produzindo dinâmicas próprias de recuperação. Enquanto algumas interlocutoras seguem à risca os doze passos, realizando as leituras sugeridas pela instituição, frequentando assiduamente às reuniões e sendo acompanhadas por uma madrinha, outras recusam – ou são recusadas por – ditas estratégias e ainda assim se reconhecem como “mulheres que amam demais”, ainda assim se produzem e são produzidas como “mulheres que amam demais em recuperação”.

Formam-se assim pequenos grupos e singularidades no contexto MADA e suas existências e coexistências se justificam pelo duplo movimento de singularização e dessingularização da experiência, operado pela instituição, que possibilita diferentes trajetórias de “recuperação”, viabilizando a permanência de diferentes perfis de mulheres na MADA. Se por um lado a MADA dessingulariza a experiência do sujeito ao conformar discursos e práticas, por outro, ela deixa frestas para a manifestação das singularidades ao promover a autonomia, o “foco em si mesma” e o “desligamento do outro” em situações de opressão e violência. Se por um lado a instituição afirma

padrões de gênero ao promover a heteronormatividade e a monogamia e ao naturalizar, muitas vezes, as diferenças entre homens e mulheres, por outro, nesta mesma instituição, circulam discursos que confluem com os discursos feministas ao estimular o empoderamento feminino, a sororidade e a autonomia.

## 2.6 DINÂMICAS PRÓPRIAS DE “RECUPERAÇÃO” E PROCESSOS DE RESISTÊNCIA: TRAJETÓRIAS SINGULARES

As diferentes trajetórias de mulheres na MADA justificam-se pelas diferentes dinâmicas de “recuperação” vivenciadas pelas interlocutoras. Como vimos no início deste capítulo, as etapas da “recuperação” não são necessariamente seguidas por todas as participantes, e mesmo as mulheres que seguem todas etapas não o fazem em uma ordem definida pela instituição. Ainda que sejam claras as etapas e estratégias de tratamento da MADA, a regra de “não dar retorno”, de não intervir diretamente no percurso de qualquer mulher na instituição, favorece o desenvolvimento de trajetórias singulares.

As mulheres que questionam ou recusam determinadas estratégias de recuperação, as que desconfiam da patologização de seus problemas de relacionamento, aquelas que, muitas vezes, não encontram “espelhos” ou que tem dificuldade de ser acompanhadas por uma madrinha, mesmo desejando ser, são as que, por escolha ou não, seguem trajetórias singulares. A maior parte destas mulheres estão na faixa dos 30-45 anos, são homossexuais ou bissexuais e não tem religião.

Em geral, são estas sujeitas que tensionam os enunciados que sustentam o “amar demais”, assim como tensionam as estratégias formais de “recuperação”, gerando falas contra-espelhos, que expressam suas singularidades:

Eu sou uma pessoa que estou sempre militando para que tenham muitos perfis [de mulheres na MADA], acho que quanto mais perfis, quanto mais gente louca, completamente maluca, melhor, assim, bem difícil de lidar mesmo, bem loucona (...) Antes você me perguntou sobre o perfil de mada, eu acho que não tem que ter perfil, tem que

ser os mais diversos perfis, da candomblecista à atea, politizada, militante, e eu vejo muitas mulheres que têm até as duas características, são da umbanda e militante e que são vários perfis dentro de uma pessoa e que teoricamente se você fosse fazer um estudo sociométrico e colocasse várias características espalhadas e perguntasse “qual característica você colocaria nessa pessoa que não fosse contraditório?”, talvez se você não fosse colocar essas características, acharia que seria contraditório, paradoxal, mas eu vejo que muitas pessoas tem essas características paradoxais e é isso mesmo que é legal, essa é a riqueza, e que também talvez pare para avaliar, pesem, meçam, mas não tem medo de mudar, “não, mudei, eu era assim, agora sou assado”, enfim, e também eu sinto que existe uma liberdade [no MADA] de você colocar sua opinião, você tem seu tempo de partilha que você fala o que você bem entende naquele momento, então algumas pessoas podem não gostar do que você fala, mas elas vão te ouvir e isso é legal. É um ambiente democrático, todo mundo tem o mesmo tempo, eu tenho as mesmas regras que você, não vou te dar conselho, você também não vai me dar conselho, se me der eu posso falar “você tá me dando conselho e isso não tá na tradição”.(Boni, i.n.i.)

Boni, que não quis informar a sua idade, lésbica, feminista, frequentadora da MADA há dois anos e frequentadora de vários outros grupos de ajuda mútua, foi uma das principais interlocutoras desta pesquisa. Desde o início do campo, me chamou atenção sua singularidade no contexto MADA. Boni era uma das frequentadoras mais assíduas e dedicadas à instituição: além de coordenar e secretariar reuniões frequentemente, ela exercia a função de secretária em um dos grupos MADA Curitiba. Boni, que recentemente estava sendo acompanhada por uma madrinha, demonstrava comprometimento com programa de 12 passos e 12 tradições proposto pela instituição. Ao

mesmo tempo, ela agia de modo singular nos encontros da MADA, quebrando protocolos e fazendo relatos transgressores ou destoantes, em suas formas e conteúdos; sua presença nas reuniões era sempre notada:

Hoje, na coordenação da reunião, Boni quebrou vários protocolos: leu o texto inicial em som muito alto e performático, fez comentários e adicionou opiniões pessoais durante a leitura do guia que é seguido pelas coordenadoras, inclusive corrigindo o português no texto e adaptando o gênero, ao trocar palavras masculinas por femininas, como por exemplo trocar “membros” por “membras”. Ela também quebra o protocolo nas *partilhas* das outras frequentadoras, soltando frases como “só por hoje”, “tamo junta”, “me identífico”. (Diário de campo)

A singularidade de Boni claramente incomodava algumas frequentadoras, embora este incômodo não fosse expresso verbalmente. Os olhares reprovadores e o modo sutil como Boni era excluída por algumas interlocutoras denotavam o estigma que acompanhava esta mulher na MADA. Embora Boni perceba a instituição como um “ambiente democrático”, “onde você tem a liberdade de colocar sua opinião”, em seu relato torna-se visível a existência deste estigma:

Tive bastante dificuldade de encontrar madrinha apesar de ser uma coisa que é colocada no roteiro de coordenação né, “oh, o amadrinhamento faz parte do tratamento, procure, lalalá”, eu sempre busquei muito e as pessoas sempre tiveram muito pé atrás comigo, apesar do MADA ser um lugar mais acolhedor que outras irmandades. (Boni, i.n.i)

Outras interlocutoras, menos assíduas às reuniões, como Alê e Letícia, ao manifestarem suas opiniões sobre a literatura MADA e sobre as estratégias de tratamento institucionais, também geram tensionamentos e conflitos:

Hoje presenciei um momento tenso no campo. Letícia, aproximadamente 40 anos, lésbica, frequentadora pouco assídua das reuniões, fez uma fala desconstrutora na reunião, após a leitura de um texto, extraído do livro *Mulheres que Amam Demais*, que contava a história de Trude, uma *mada* que começa a se relacionar com um homem “enfadonho”, que está fora do perfil de homens “intensos e distantes” com os quais ela se relacionava antes e que “alimentavam sua doença de amar demais”. Trude conclui que o “enfadonho” talvez seja o que ela precisa para ser feliz. Letícia, no momento destinado aos comentários, pega a palavra e diz “eu me nego a aceitar o enfadonho, confesso que não li esses livros de autoajuda, mas não concordo com essa ideia de que temos que nos contentar com o enfadonho”. Sua fala, que é enfática e enérgica, mas se desculpa a todo o instante, não encontra “espelhos”. A reunião segue como se nada tivesse acontecido, mas o incômodo, e talvez a dúvida, se instala nas expressões faciais de várias das presentes. O fato é que aquela fala – e, conseqüentemente, aquela mulher – não foi “acolhida”, não gerou/inspirou “espelhos” naquele encontro, não conformou discursos. Letícia vai embora antes da reunião terminar. (Diário de campo)

Hoje na reunião de serviço houve momentos de conflito e tensão. O foco do conflito foi a divergência de opinião entre Ana e Alê. Ana apresentou e defendeu a proposta de que toda a literatura – exceto os livros “Mulheres que amam demais” e “Mulheres que correm com os lobos” - deveria ser excluída para que se dê mais atenção ao estudo dos passos e tradições que, na sua opinião, são o que realmente contribuem com a recuperação. Alê se opôs à fala de Ana,

defendendo a manutenção da literatura e pontuou que cada uma encontra sua forma de recuperação. Ela problematizou também a heteronormatividade do grupo, sugerindo uma “abertura de possibilidades” e não um fechamento. Falou sobre a necessidade de fazer “a discussão de gênero” nas reuniões. Ana ficou furiosa e se retirou da reunião. Outras três mulheres fizeram o mesmo. Ao final da reunião estavam na sala apenas eu, Alê e a coordenadora da reunião. (Diário de campo)

Letícia e Alê, lésbicas, na faixa dos 35-40 anos, rechaçam a literatura MADA e costumam se posicionar de forma crítica nos encontros da instituição. Na reunião de serviço, citada no relato acima, Alê referiu-se à literatura MADA como “limitante”, frisando que a referida literatura precisa adequar-se às experiências das integrantes da MADA e não o contrário.

Em uma de nossas conversas fora da MADA, Alê me confessou que discorda de muitas das premissas da instituição e que não vê o amar demais como doença. Ela disse que não segue os 12 passos e que frequenta o grupo há mais de um ano, porém ainda não tem madrinha, pois não se identificou o suficiente com nenhuma outra participante ao ponto de convidá-la para ser sua madrinha. Apesar de, nos encontros da MADA, Alê iniciar seus depoimentos com a frase “o meu nome é Alê e eu sou uma mada em recuperação”, a interlocutora se identifica como não binária. Ela me disse que as pessoas olham para ela e a identificam como uma mulher lésbica masculinizada, mas que isso não a define. Nas suas relações amorosas, Alê afirma ocupar “o papel da mulher”, pois gosta de cozinhar e é muito sensível, de choro fácil. Nas reuniões, a vi chorando algumas vezes durante as falas de outras mulheres e, uma vez, ao final de uma reunião, ela me disse “eu me emociono muito ao escutar os depoimentos”.

Priscila, 42 anos, heterossexual, espírita, frequentadora da MADA há pouco mais de dois anos, também analisa o programa MADA de forma crítica. Diferente de Alê, Letícia e Boni, Priscila não costuma fazer relatos transgressores nas reuniões e suas falas frequentemente



encontram “espelhos”, contudo, ela se faz vários questionamentos sobre a “fórmula de passos”:

A gente não tem que fazer escolhas usando o nosso senso crítico? Então, e se essa história de passos não for pra todo mundo? E se o grupo não for pra todo mundo? (...) Estar no MADA é de grande valia para mim, mas lido com esse sistema de recuperação emocional de forma crítica; o MADA não é o roteiro da minha vida. O MADA é um dos valores importantes, juntamente com a prática religiosa do espiritismo kardecista, junto com os valores holísticos que sigo ao longo dos meus quarenta anos, juntamente com um círculo de amizades saudáveis. Sou uma integrante do MADA, mas sou uma pessoa com uma visão ampla da minha vida. Minhas escolhas passam pelo crivo dos meus valores religiosos, da minha reflexão essencial: será que se eu me modificar 100% como diz os preceitos do MADA eu serei mais feliz? Por que eu preciso me tornar uma pessoa 100% diferente? Será que se eu mudar completamente isso pode afetar minha sanidade mental profundamente? Como diz Clarice Lispector: cuidado com essa vontade de mudar todos os defeitos. Não sabemos em qual desses defeitos nossa personalidade está estruturada (Priscila, 43 anos)

Priscila, que se identifica como dependente de relacionamentos e que encontra na literatura e nas “partilhas” da MADA, o seu “fortalecimento emocional”, afirma ter certeza de que permanecerá integrando a MADA para manter sua “sanidade”. No entanto, Priscila está convicta de que faz suas escolhas e segue a “recuperação” em seu ritmo. Ela afirma respeitar “seus limites internos”, aplicando os princípios da MADA em sua vida com cautela, sem “obsessão fanática”. As críticas, análises e dúvidas de Priscila não vem a público, pois ela parece não se sentir confortável para expressá-las ou talvez não veja sentido em fazê-lo. Ainda assim, a interlocutora segue uma dinâmica

própria de “recuperação”, produzindo mais uma trajetória singular na instituição.

### **3 DISCURSOS SOBRE GÊNERO, SAÚDE E EMOÇÕES: DOS BINARISMOS ÀS CONFLUÊNCIAS**

A maior parte dos discursos sobre gênero, saúde e emoções que circulam na MADA são embasados por premissas binárias, patologizadoras da emoções e que reforçam padrões tradicionais de gênero, ainda que aparentemente busquem romper estes mesmos padrões. Neste terceiro e último capítulo discorrerei sobre os binarismos que atravessam as experiências amorosas das frequentadoras da MADA, localizando-os na literatura de autoajuda que tanto impacto tem sobre os modos de ser, pensar, agir e sentir da maioria das interlocutoras. Falarei sobre a busca por um ideal de amor considerado “saudável” e sobre os efeitos desta incessante busca.

Apontarei alguns atravessamentos possíveis entre gênero e emoções, trazendo o caráter coletivo e social das emoções e pensando a expressão dos sentimentos como atos políticos que constituem sujeitos marcados pelo gênero, raça, idade, orientação sexual e outros marcadores da diferença, sujeitos que ao expressarem e compartilharem dadas emoções podem transformar normas e valores vigentes em uma sociedade.

Ao final, dissertarei sobre a metáfora da gangorra do amor, evidenciando seu caráter de jogo, no qual as posições se alternam constantemente e perigosamente; um jogo alimentado pela instabilidade por vezes violenta.

#### **3.1 A BUSCA DO “AMOR SAUDÁVEL”: IDEAIS E BINARISMOS NO CAMPO**

As participantes da MADA, como já sabemos, se reconhecem como mulheres que amam demais. Para algumas, amar demais é uma doença, para outras, é uma dependência, um vício, desvio de caráter, hábito ou problema; para todas, amar demais é prejudicial à saúde, pois leva à busca e ao desenvolvimento de relacionamentos considerados não saudáveis. Relacionamentos “não saudáveis” são aqueles geradores de sofrimento para quem os vive. Para deixar de “sofrer por amor”, o programa de recuperação da MADA propõe a busca pelo

relacionamento “saudável”, que possui características opostas ao “não saudável”.

A definição de um relacionamento não saudável aparece claramente nas falas, gestos e expressão das emoções das interlocutoras e se refere às experiências atuais e pregressas de sofrimento nas relações. A carência afetiva, a insegurança, o medo do abandono, a baixa autoestima e o altruísmo desmedido são identificados como as principais características de uma mulher que está em um relacionamento não saudável e este, por sua vez, é alimentado e definido pelo ciúmes, pela desconfiança e por abusos e violências dos mais variados tipos. É importante frisar que a violência física apareceu em poucos relatos no campo. Das quinze principais interlocutoras desta pesquisa, apenas três relataram episódios de violência doméstica e apenas uma relatou episódios recorrentes deste tipo de violência. Em alguns casos, como vimos no capítulo 2, as frequentadoras da MADA também se veem como autoras da violência, seja como abusadoras de si mesmas, seja como abusadoras do outro ou da outra.

Enquanto o relacionamento “não saudável” é facilmente identificado, o seu oposto não é, pelo menos não na prática. Embora na literatura MADA o amor saudável esteja bem definido, nos relatos das interlocutoras ele aparece de forma difusa ou teórica. Quando indagadas sobre o que seria um relacionamento “saudável”, algumas interlocutoras não souberam responder ou iniciaram suas respostas definindo este pelo seu contrário:

É totalmente o inverso daquilo que eu vivi na maioria dos meus relacionamentos (Maria, 47 anos)

Eu não sei te dizer, mas eu tenho certeza que não é essa loucura que eu vivi, disso eu posso te dar toda a certeza” (Ana, 30 anos)

Então, até eu tô descobrindo o que é isso porque eu cresci em relacionamentos não saudáveis e só tive exemplos de relacionamentos não saudáveis, então eu acho que o que caracteriza pra mim um relacionamento saudável é diferente dos

relacionamentos que eu tenho né? (Aline, 19 anos)

A dificuldade de definir – e de atingir – o “relacionamento saudável” nos remete ao caráter idealizado que ele assume no campo. Ao buscarem experienciar o oposto do que vivenciaram, ou do que estão vivenciando, as participantes da MADA constroem um ideal de amor, inspiradas pela teoria de Norwood que diferencia o *amor eros* do *amor ágape*:

Eros: O amor verdadeiro é um **desejo avassalador e desesperado** pelo bem-amado, que é distinguido como **diferente, misterioso e esquivo**. A profundidade do amor é medida pela **intensidade da obsessão** pela pessoa amada. Resta pouco tempo ou atenção para outros interesses ou atividades, pois muita energia está concentrada na lembrança de encontros passados ou na imaginação de encontros futuros. Frequentemente, devem-se superar grandes obstáculos, e, dessa forma, há o aspecto **sofrimento** no amor verdadeiro. Outra indicação da profundidade do amor é a **predisposição a suportar a dor e a opressão** por amor ao relacionamento. Estão associados ao amor verdadeiro os sentimentos de **excitação, êxtase, drama, ansiedade, tensão, mistério e anseio**.

Ágape: O amor verdadeiro é o **companheirismo** com o qual duas pessoas que se gostam estão profundamente comprometidas. Essas pessoas possuem muitos valores, interesses e objetivos básicos em comum, e **toleram saudavelmente suas diferenças** individuais. A profundidade do amor é medida pela **confiança e respeito mútuos**. O relacionamento permite a cada um ser mais inteiramente expressivo, criativo e produtivo no mundo. Há uma grande alegria nas experiências compartilhadas, tanto do passado quanto do futuro, e também naquelas que são antecipadas. **Cada um vê o outro como seu amigo mais**

**querido e mais estimado.** Outra medida da profundidade do amor é a **predisposição em olhar para si mesmo** de forma honesta para promover o crescimento do relacionamento e o **aumento da intimidade.** Estão associados ao amor verdadeiro os sentimentos de **serenidade, segurança, devoção, compreensão, companheirismo, apoio mútuo e conforto.** (NORWOOD, 1995, p.58/59 – grifos meus).

O *amor eros*, na concepção de Norwood, está claramente vinculado ao ideal de amor romântico, amplamente cultuado desde o século XVIII e ainda presente, em maior ou menor grau, nas relações contemporâneas. No amor romântico, a pessoa amada é dotada de características peculiares que a tornam especial e a realização deste amor, supostamente, torna a vida completa (GIDDENS, 1993). Neste período, conhecido como romantismo, há um reordenamento da vida emocional dos sujeitos. A figura da mulher emerge como objeto de contemplação e desejo, sendo esta enaltecida e cortejada com um enorme vocabulário sentimental, repleto de metáforas (FREIRE COSTA, 1998). O *amor eros* é o tipo de amor com o qual as mulheres que chegam na MADA irão se identificar. O tipo de amor que classificarão como amor errado, doentio, perverso, destrutivo e o qual deverão evitar.

O *amor ágape*, em contraposição, seria o amor saudável, aquele que se busca desenvolver na recuperação proposta pela MADA. Este tipo de amor “tranquilo e estável”, que não costuma aparecer nos relatos de experiência das interlocutoras, tem algumas semelhanças com o que Giddens chamará de amor confluyente. Na perspectiva do autor, com o desenvolvimento do capitalismo e a consolidação da ideologia individualista, emerge o *amor confluyente*, que pressupõe uma reciprocidade na doação e no recebimento emocional (GIDDENS, 1993):

O amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” da ideia de amor romântico. A “sociedade divorciada” de hoje

aparece aqui mais como um efeito da emergência do amor confluyente do que com sua causa. Quanto mais o amor confluyente consolida-se em uma possibilidade real, mais se afasta da busca da “pessoa especial” e o que mais conta é o “relacionamento especial” (GIDDENS, 1993, p. 72).

Contudo, na teoria de Giddens, essa espécie de amor – própria das sociedades contemporâneas – não é perfeita, nem um ideal a ser alcançado, mas sim uma consequência do desenvolvimento das sociedades capitalistas contemporâneas. Além do mais, a excitação, o êxtase e a intensidade, que, de acordo com Norwood são características de um amor não saudável, podem estar presentes no amor confluyente. O prazer sexual do casal, por exemplo, é fundamental para a manutenção de relacionamentos de amor confluyente, fato que contribui na dissolução dos estereótipos de “mulheres respeitáveis” e “mulheres desfrutáveis”. O amor confluyente, inclusive, não tem compromisso com a monogamia, já que a exclusividade sexual é negociada em benefício do relacionamento, ou seja, só existirá se os parceiros a considerarem desejável ou essencial (GIDDENS, 1993).

A classificação *amor eros* e *ágape*, quando colocada no sentido de mostrar as formas de amor possíveis, é binária, idealizada e carregada de pressupostos moralistas. A tendência à binarização, recorrente na instituição MADA, não apenas reproduz o que ensina a literatura de apoio, mas também reafirma os papéis desempenhados pelas frequentadoras da MADA nas relações que elas mesmas consideram como destrutivas. Ao afirmar e reafirmar as oposições binárias homem x mulher, sexo x amor, saudável x não saudável, razão x emoção, mente x corpo, muitas das interlocutoras buscam ir para o outro extremo, sem questionar a estrutura dos extremos. Ainda que a experiência das participantes na instituição por vezes questione essa lógica, eventualmente subvertendo-a ao considerar outras possibilidades de se relacionar com o outro e com a outra, a maior parte das mulheres que frequentam a MADA reproduzem o modelo binário, que é o lugar-comum para elas.

A maior parte das frequentadoras da MADA acredita não atingir o *amor ágape* em suas relações, pois se encontra “presa em seus padrões destrutivos de amor eros”, que, supostamente, as levaram a desenvolver a “doença de amar demais” ou a “dependência de relacionamento”. Além da estrutura binária que propõe estes dois tipos de amor não ser questionada, não se questiona também, em geral, o estímulo recebido constantemente pelas mulheres a buscar relacionamentos baseados no ideal de amor romântico, nos quais se espera que as mulheres sejam submissas, ciumentas, inseguras, ansiosas, dramáticas, instáveis, sensíveis. Também não se questiona a possibilidade de que elementos associados ao *amor eros* – como o êxtase e excitação – possam ser desejáveis e fundamentais para algumas mulheres, podendo levar a um relacionamento considerado saudável na perspectiva de quem o vive.

Há uma concepção moralista e conservadora na teoria de Norwood que desconsidera as inúmeras possibilidades de relacionamentos, que crê na incompatibilidade entre paixão sexual e companheirismo, ou excitação e entrega combinada à autonomia e apoio mútuo. Concluir que só existem dois tipos de amor, opostos, e que o “saudável” pressupõe negar ou não priorizar certos desejos ou necessidades sexuais, por exemplo, parece inclusive contradizer a própria proposta de recuperação na MADA, que, supostamente, encaminha seus membros a conhecer, respeitar e buscar a realização de seus próprios desejos e necessidades.

O binarismo nos relacionamentos amorosos é tema de análise de diversas autoras feministas. Na referência à história de Penélope e Ulisses, Suely Rolnik nos provoca ao trazer o arquétipo do feminino, marcado pelo eterno tecer e esperar e o arquétipo do masculino, marcado pelo eterno movimento. Penélope, esposa de Ulisses, vive no ambiente doméstico e pauta sua vida pelas idas e vindas do marido. Ela está sempre tecendo, mas sempre os mesmos fios, sempre o mesmo amor por Ulisses. Ulisses, eterno viajante, nada tece e segue um movimento compulsivo, anda por todos os lugares, mas não está em nenhum deles. Para a autora, os dois encontram-se presos na necessidade do absoluto e do eterno, e um acusa o outro de o destruir com suas necessidades – presença e ausência – nunca saciadas. As necessidades não saciadas alimentam a interdependência entre eles e o pacto simbiótico se instaura (2013).



Embora Ulisses apareça como o vilão da história e Penélope como a chata, na análise de Rolnik, estes arquétipos de feminino e masculino formam “uma só neurose”:

Penélopes e Ulisses somos todos – em diferentes matizes, a cada momento. Além disso não é sempre o mesmo Ulisses que Penélope espera voltar; não é sempre a mesma Penélope que Ulisses abandona ao partir – eles variam, e cada vez mais. No entanto, a cena é sempre a mesma: há sempre uma mulher que desempenha a Penélope para ele, sempre um homem que desempenha o Ulisses para ela (ou vice-versa). Remanescentes ativos de uma família desaparecida, que reproduzimos artificialmente sob as mais variadas formas. (ROLNIK, 2013, p. 345-346)

Em uma crítica ao apego às ideias de eternidade e completude, características do romantismo, a autora lança a pergunta “o amor anda impossível?” E ela mesma responde “nem tanto”. Rolnik sugere que já estamos saturados de tanta repetição, de ter a sensibilidade limitada a apenas duas possibilidades: o medo da desterritorialização e seu fascínio; e nesta saturação, passamos a “sintonizar outras faixas de frequência” até a pouco ignoradas, frequências que talvez nos levem a inventar uma outra espécie de amor:

Um além dos Ulisses e das Penélopes: um amor não tão *demasiadamente humano*. Montagens desintoxicadas do vício de redução do desejo de mundo a um objeto-pessoa ou uma pessoa-objeto. Mas também um além das máquinas celibatárias, esse avesso do homem: um amor não tão *demasiadamente humano*. Montagens desintoxicadas do vício de proliferação de mundos, objetos do desejo – proliferação tão desenfreada que não há mais nem mundo, nem desejo (...) *Um além do espelho*, onde o outro não seja mais aquilo que delineaia nosso contorno

(Ulisses/Penélope), nem uma paisagem fugaz com a qual, máquinas celibatárias, não criamos coisa alguma. Um além do espelho onde nossa viagem não seja nem mais aquela (agarrada) de um Ulisses, nem aquela outra (desgarrada) das máquinas celibatárias. Viagem solitária: uma *solidão povoada pelos encontros com o irredutivelmente outro*. (ROLNIK, 2013, p. 348)

Transpor o modelo binário, libertando-se do “maldito desejo de espelho”, é a proposta de Rolnik para que possamos vivenciar outra espécie de amor; proposta esta que encontra eco nas teorias feministas contemporâneas. Em contraposição, o programa MADA não questiona o modelo binário que perdura nas relações contemporâneas, principalmente nas heterossexuais, embora não apenas nestas. Pelo contrário, o discurso MADA reforça os binarismos quando promove o desejo nas frequentadoras da instituição de vivenciar um amor oposto ao que foi vivenciado até agora, de se relacionar de forma contrária, de ocupar a outra posição na gangorra do amor.

Apesar de identificar os binarismos permeando o campo a todo instante, seja no diagnóstico dos “padrões não-saudáveis”, seja na busca pela superação dos mesmos, os benefícios do programa MADA na vida da maior parte de suas frequentadoras são visíveis. A busca pelo “amor saudável” encaminha muitas mulheres a se libertarem de relacionamentos abusivos e a questionarem seus modos de ser, pensar, agir e sentir em uma relação amorosa, também no sentido de evitar o envolvimento em novos relacionamentos que sejam geradores de sofrimento; mesmo que estas mulheres não questionem e, assim, não busquem transformar, a estrutura binária que permeia suas relações amorosas, o desejo de viver um “relacionamento saudável” costuma trazer uma melhora na autoestima das interlocutoras e desenvolve um processo de independentização das sujeitas e das relações que conduziram estas mulheres à MADA. Mesmo que, num segundo momento, elas se envolvam novamente em relações geradoras de sofrimento, estão mais atentas para não repetir os erros do passado; ouvi muitas vezes no campo “hoje em dia eu me dou conta muito mais rápido se a relação *não é saudável*”.

No entanto, a busca do “relacionamento saudável” leva algumas mulheres a evitarem novos relacionamentos; o dito popular *antes só, que mal acompanhada* é levado a sério na MADA, particularmente por aquelas mulheres-mães, heterossexuais, na faixa dos 60 anos. Penso que uma série de fatores influenciam na dificuldade encontrada por este perfil de mulher – dentro e fora da MADA – de se relacionar novamente. O fator idade, por exemplo, é forte marcador da diferença entre mulheres nas sociedades patriarcais; mulheres na faixa dos 60 anos são, muitas vezes, consideradas velhas para buscarem um novo relacionamento. Se essas mulheres são menos atrativas para os possíveis parceiros, elas acabam tendo uma amplitude menor na escolha do parceiro. O fator idade combinado à criação conservadora que muitas delas tiveram, pode fazer com que seja mais difícil para essas mulheres se relacionarem novamente.

Contudo, seguir a risca o lema *antes só que mal acompanhada* também pode sinalizar uma dificuldade em viver relacionamentos que não se encaixem perfeitamente nas expectativas das interlocutoras. Não é de se admirar que uma parcela das participantes da MADA opte por ficar sozinha, visto a dificuldade de atingir o ideal de amor saudável. Esta escolha também se justifica, claro, pelos traumas do passado e pelo medo de sofrer novamente as violências vividas, assim como de se ver reproduzindo as formas de ser, pensar, agir e sentir identificadas pelas interlocutoras como doentias, problemáticas, abusivas ou violentas.

Por outro lado, a busca pelo “relacionamento saudável” sempre parte de um olhar para si, de colocar “o foco em si mesma”, de conectar-se com seus próprios desejos e necessidades e assim distanciar-se do julgamento alheio:

eu acho que a gente sempre colocou muito julgamento sobre – eu vou falar “a gente” em geral, mas é mais relacionado a mim – eu acho que sempre foi colocado muito julgamento sobre como a gente deve ser, o que a gente deve fazer e buscar sempre essa aceitação pelas outras pessoas, não é uma coisa que eu considero mais saudável, sabe, eu acho que agora **o que faz um relacionamento saudável comigo mesma é isso**

**de buscar o meu melhor por mim e não o que as pessoas esperam de mim**, sabe, assim, viver para agradar a mim e não para agradar os outros, sabe? Em relação a, sei lá, a beleza, por exemplo, atitudes, eu acho que isso é uma coisa de **ser saudável comigo mesma é ser fiel a mim mesma, descobrir as coisas que eu acredito, as coisas que eu gosto**, sabe? Essa coisa de **ser verdadeira consigo mesmo**, isso é o que caracteriza pra mim um relacionamento saudável comigo mesma, sabe? (Aline, 19 anos, grifos meus)

**Relacionamento saudável é ter a minha vida, é não abrir mão de quem eu sou em função de qualquer pessoa**, qualquer pessoa, quem quer que ela seja, eu consigo fazer isso, em obsessão ou de forma saudável com qualquer pessoa, não precisa nem ser sexo-afetivo, porque eu posso sufocar os meus filhos, eu posso sufocar os meus amigos, meus colegas de trabalho, porque eu não sei me relacionar de forma saudável com ninguém, entendeu? Eu tenho um problema de relacionamentos, então hoje eu tenho aprendido a viver de forma saudável com todo mundo, desde os meus netos, que são duas crianças que eu quero super proteger até minha colega de trabalho, entendeu? Então, **todos os meus relacionamentos tem que ser saudáveis**, os relacionamentos com meus irmãos, que por sinal estão sendo reconstruídos nesse momento, através da prática de passos; ressentimentos, ver qual é a minha ponta de responsabilidade qual é a deles, então **é eu não abrir mão da minha identidade**, sabe? **Relacionamento saudável pra mim é isso, é eu continuar sendo íntegra, continuar sendo eu mesma, não abrir mão dos meus valores, das minhas coisas em função de outro ser humano.** (Maria, 45 anos – grifos meus)

No emocional eu acho que com relação a minha saúde, eu acho que evolui no aspecto de que eu **tô me independentizando, adquirindo uma autonomia** e conseguindo diferenciar solidão de solidão, não me sentir sozinha estando só. E em alguns períodos que estou muito mal eu não consigo ficar bem comigo mesma, **então eu estando bem comigo mesma, estando sozinha e estando bem, tranquila, pra mim já é uma saúde emocional.** (Boni, i.n.i. - grifos meus)

Um relacionamento saudável, na visão das interlocutoras, pressupõe independência, autonomia e fidelidade aos seus próprios valores e desejos. A busca pelo relacionamento saudável é desenvolvida a partir de várias estratégias institucionais – muitas delas já citadas no capítulo II deste trabalho. As estratégias, em um primeiro momento, parecem eficazes, pois no início do percurso na MADA, já se pode notar a diferença no ânimo das participantes, que se evidencia em seus relatos e também em suas aparências físicas. A maioria das mulheres que chega na MADA está não apenas fragilizada emocionalmente, como também fisicamente; algumas não comem, não dormem ou não tomam banho há dias ou até semanas. A melhora inicial é comumente atribuída ao acolhimento, à abertura para a fala e para o choro, à identificação com os relatos das outras frequentadoras. As falas de superação por parte das servidoras são muito comuns quando há “recém-chegadas” nas reuniões. Perceber que outras mulheres passaram ou estão passando por situações semelhantes faz com que as novas participantes da MADA sintam-se identificadas com o grupo e queiram frequentá-lo.

Para conseguir relacionar-se de maneira “saudável” com outras pessoas, as frequentadoras da MADA buscam, primeiramente, relacionar-se bem consigo mesmas e, para isso, elas precisam “conhecer a si mesmas”. Identificar-se como *mada* é o primeiro passo neste processo, que representa “sair da negação”, “assumir quem se é”. O primeiro passo do programa de recuperação da MADA diz “Admitimos que éramos impotentes perante os relacionamentos e que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas”. Aceitar o problema ou a dependência de relacionamento é fundamental para iniciar a caminhada

de autoconhecimento na MADA que, supostamente, levará estas mulheres a desenvolver “relacionamentos saudáveis”.

O autoconhecimento aqui significa o “(re)conhecimento do que se é e do que se quer ser”, significa identificar as próprias características, desejos e necessidades, significa “aceitar as coisas que não posso modificar, modificar aquelas que eu posso e saber diferenciar umas das outras”.<sup>19</sup> Conhecer-se, nesse sentido, levaria a um fortalecimento da autoestima e uma “separação do que é meu e do que é do outro”. Na MADA se aprende que não precisamos dar conta das formas de ser, pensar, agir e sentir dos outros e que a “recuperação” de uma *mada* consiste em se libertar dos “padrões de controle” para desenvolver “relacionamentos saudáveis”, ou seja, libertar-se do impulso de controlar o outro ou a outra, de controlar os modos como este ou esta se comporta, pensa ou sente.

Percebo a ideia de “relacionar-se consigo mesma” como uma busca de se conectar com aspectos de si que supostamente seriam mais genuínos, mais representativos do que “verdadeiramente se é” ou do que se pode ser a partir do desenvolvimento de “novos padrões”. Neste processo, identificado pela instituição como autoconhecimento, ocorre um distanciamento entre a “mada” e a “mada em recuperação”. Embora as interlocutoras se reconheçam como madas na instituição no mesmo momento em que se reconhecem como madas em recuperação, há um esforço conjunto em demonstrar a diferença entre a mulher que sofria por “amar demais” antes de ingressar na MADA, mesmo sem identificar seu sofrimento como “amor demais”, e a que “reconhece seu problema de relacionamento” e se inicia no programa de recuperação. Ser uma mada em recuperação significa estar na busca, primeiramente, pelo bom relacionamento consigo mesma, pelo desejo de encontrar, dentro de si, um outro eu, mais saudável e feliz.

Na busca pelo autoconhecimento e pelo “relacionamento saudável consigo mesma” as participantes da MADA passam por momentos difíceis, momentos de dúvidas e confusões, mas também de questionamentos profundos sobre si mesmas e sobre suas relações. Estes momentos são reconhecidos pelas frequentadoras da MADA como crises. Nestas crises, frequentemente as mulheres duvidam de seus

<sup>19</sup> Trecho da Oração da Serenidade que é proferida em uníssono no início das reuniões da MADA.

juízos e das suas capacidades de recuperação. Rosa, 45 anos, me disse certa vez, parafraseando seu terapeuta: “há muita sanidade na loucura”. Ela disse isso em um contexto em que uma outra frequentadora estava se reconhecendo como louca dentro de uma crise na qual estava questionando seu modo de se relacionar. Ao dizer que há muita sanidade na loucura, Rosa se referia ao fato de que em momentos de crise, onde o sujeito aparenta estar fora de si, está enfrentando aspectos de sua personalidade que são latentes e talvez inevitáveis de ser expressos naquela situação, logo, a identificação dos problemas ou dificuldades envolvidos nesta crise seriam parte da sanidade deste sujeito.

Sônia Maluf, no texto *Inventário dos males. Crise e sofrimento em itinerários terapêuticos e espirituais nas culturas da nova era* (2003), ao analisar narrativas de pessoas que circulam pelo universo das “terapias alternativas” na cidade de Porto Alegre, mostra como, nas narrativas, a crise é representada “como o momento em que o indivíduo ‘perde suas referências’, ‘não sabe como responder’ aos conflitos e às pressões da vida cotidiana” (MALUF, 2003, p.65). De acordo com a autora, a crise é percebida pelos interlocutores como possibilidade de transformação e autoconhecimento, assumindo um significado de ruptura com a situação de sofrimento que vinha sendo vivenciada (MALUF, 2003). A crise na MADA possui essa mesma dimensão de ruptura, conduzindo os sujeitos a um antes e depois da crise, a uma reflexão do que a gerou e a um desejo de mudança. Nesta perspectiva, a compreensão de uma crise é a calma que se segue à tormenta, a sanidade que existe na loucura.

### 3.2 EU PRECISO, TU PRECISAS, NÓS PRECISAMOS: A PRECISÃO E O “CONTROLE” COMO CARACTERÍSTICAS DA “MULHER QUE AMA DEMAIS” NO CONTEXTO DA SOCIEDADE PATRIARCAL

A precisão como característica da “mulher que ama demais” aparece constantemente nas ações e nos relatos das frequentadoras e está associada tanto à busca pela perfeição, quanto à carência afetiva nas relações. O desejo ou a necessidade de agradar e de não medir esforços para satisfazer o outro e a outra aparecem como geradores de sofrimento

para muitas mulheres e também como ativadores do “controle” em um relacionamento:

Eu queria satisfazer aquele homem a qualquer custo, não importava se eu gostava ou não, se sentia dor ou desconforto, eu precisava saciar ele porque, no fundo, tinha muito medo que ele me traísse. (Rosa, 45 anos, Curitiba, abril de 2017)

A busca dessas mulheres pela satisfação do outro e sua relação direta com o medo da traição ou do abandono, podem ser pensadas a partir de uma análise da dinâmica patriarcal, na qual as mulheres ocupam o lugar de provedoras afetivas nos relacionamentos. Embora o papel de provedor econômico tenha sido ampliado para homens e mulheres, nas sociedades capitalistas pós-industriais, o mesmo não ocorreu com o de provedor afetivo; ainda compete às mulheres, pertencentes às camadas médias no contexto brasileiro, alimentar a relação afetivamente, que passa também por mostrar-se atraente visualmente e ter uma performance sexual condizente aos desejos do parceiro.

A precisão no sentido de perfeição também está associada ao “comportamento controlador” com o qual muitas interlocutoras se identificam, e costuma se manifestar no controle das mulheres sobre os espaços da casa, remetendo aos padrões de gênero que colocam a mulher no lugar de “dona do lar”. A construção da mulher como “dona do lar” já foi apontada por várias autoras. Joana Maria Pedro e Marinês Ribeiro dos Santos, no texto *Práticas de consumo e identidades de gênero: representações da dona de casa moderna na revista Casa & Jardim*, nos mostram que a figura da mulher como “dona de casa” surge no período pós II-Guerra e representa uma retração de conquistas e avanços no que diz respeito à busca pela igualdade de gênero. As autoras atentam para a influência da mídia na constituição destas feminilidades:

Os filmes de Hollywood, a literatura e as revistas voltadas ao público feminino, nesta época, contribuíram de forma significativa para a



constituição desta feminilidade voltada para o lar, estabelecendo relações de gênero profundamente hierarquizadas. No Brasil o investimento nestas feminilidades pode ser acompanhado através da publicação de periódicos voltados para as mulheres. Inúmeras pesquisas têm mostrado como, a partir dos anos 1950, as editoras investiram na publicação de revistas de fotonovelas, beleza, conselhos para donas de casa, notícias sobre astros e estrelas do cinema, etc. (PEDRO E SANTOS, 2009, p.171)

Não por acaso, as interlocutoras que frequentemente centram seus relatos de experiência nos cuidados com a casa e com os filhos e filhas, mulheres que claramente tem suas subjetividades constituídas a partir de seus lugares de “mãe” e “dona de casa”, são mulheres de classe média na faixa dos 60 anos, que por terem nascido no período pós II-Guerra, foram influenciadas pelos modelos de feminilidade da época:

A necessidade de limpar, arrumar a casa e ter o “controle” do espaço doméstico, não permitindo que outros realizem estas tarefas, “mantém as *madas* ocupadas” e tira o foco do “cuidado de si”, na interpretação de Márcia. Ela expôs sua dificuldade em aceitar que o genro e a filha realizem as tarefas domésticas, pois acha que “não farão direito”. (Diário de campo)

Dora, como de costume, fez um relato sobre sua rotina de dona de casa e como isso a ajuda em sua recuperação: ela destaca a importância de manter a casa sempre arrumada, cheirosa, de “fazer um bolo mesmo que não vá receber visita”. Ela se reconhece como depressiva, então, seguir a rotina da casa e também de seu cuidado pessoal com a aparência física – academia, roupas novas, maquiagem, etc – é uma “grande vitória” em sua visão. (Diário de campo)

Antes de analisar os relatos acima, torna-se importante explicar o que entendo por “cuidado de si”, situando este termo tão caro a Michel Foucault. Tanto em *A hermenêutica do sujeito*, como em *História da sexualidade III – o cuidado de si*, o autor aponta o “cuidado de si” como princípio do pensamento e da vida dos gregos e romanos na Antiguidade. Ocupar-se de si, neste contexto, é olhar para si mesmo, retornar a si. “Cuidar de si”, para além de uma preparação para a vida, é tomado como uma forma de vida, que envolve dar conta de sua própria conduta para consigo e com os outros; por ser uma forma de vida, este princípio passa a ser constituidor da subjetividade dos sujeitos greco-romanos (2006).

No entanto, esta subjetividade constituída a partir do princípio do “cuidado de si”, refere-se aos sujeitos homens das sociedades greco-romanas. A mulher, confinada ao espaço doméstico e subordinada ao homem, seja como filha, mãe ou esposa, nunca poderia desenvolver as “virtudes” associadas ao “cuidado de si”. Não é de se espantar que, ainda hoje, o “cuidado de si” – no sentido de olhar para si mesma, ocupar-se de si mesma, focar em si mesma – seja uma busca para muitas mulheres e não um componente de suas subjetividades. O “cuidado de si” é um princípio que guia o discurso MADA, influenciando Márcia e muitas outras mulheres a aplicarem este princípio em seus modos de vida.

Tanto Dora como Márcia são mulheres na faixa dos 60 anos, aposentadas, divorciadas, mães, que não têm por hábito o sexo casual e há muito não vivem um relacionamento sexo afetivo. Apesar destas duas interlocutoras compartilharem um perfil semelhante, as “doenças” ou “problemas” com os quais se identificam e a forma como pensam e buscam transformar os mesmos são diferentes.

Márcia relaciona o cuidado da casa e dos filhos com a “necessidade de manter-se ocupada”, tirando o foco do “cuidado de si”. Ela relata ter dificuldade em permitir que a filha e o genro realizem as tarefas domésticas, mesmo eles tomando a iniciativa de realizá-las, e associa essa dificuldade ao seu “padrão de controle”. Márcia se reconhece como dependente, principalmente, do relacionamento com o filho:

Márcia iniciou os comentários do texto [lido na

reunião] falando mais uma vez sobre sua relação com o filho, que está preso – pela sétima vez –, por pequenos delitos. Disse como é difícil pra ela não se responsabilizar pelo filho, entender que se ela assume a responsabilidade pelos atos do filho, se quer resolver todos os seus problemas, ela tira dele a oportunidade de enfrentar os seus problemas e, assim, de crescer com eles. Deixou claro que seu ímpeto, seu desejo inicial, é sempre resolver os problemas dele, mas que hoje consegue não fazer isso, consegue dizer NÃO, consegue “desligar-se”, embora lhe custe muito. Falou também sobre como sentia raiva e culpa quando resolvia os problemas do filho e como hoje está melhor ao conseguir não repetir seu “padrão de solucionar a vida dele”. Falou também que não está em um relacionamento afetivo-sexual no momento, que não tem um há bastante tempo e que precisa se livrar da “vozinha da minha mãe me dizendo que nenhum homem presta”. (Diário de campo)

É interessante notar que ao buscar romper com o “responsabilizar-se pela vida do filho”, o foco está em “dar oportunidade” para que ele “enfrente os seus problemas”, para que o filho “cresça com eles”. Ou seja, neste relato, o foco de Márcia segue sendo o cuidado com o filho. Essa fala aponta para como as mulheres, nas sociedades patriarcais ocidentais, se constituem como sujeitos na relação com o outro e com a outra mais do que os homens, sendo elas “sistematicamente ‘empurradas’ e circunscritas ao ‘território’ amoroso, na relação dual, com a criança via maternidade, ou com o homem via conjugalidade” (OLEGÁRIO apud RODRIGUES, 2013, p.4).

Outro aspecto a ser considerado no relato acima é a referência feita à “vozinha da mãe dizendo que nenhum homem presta”, indicando que Márcia se sente afetada pela percepção da mãe em relação aos homens. A “vozinha da mãe”, combinada aos dois relacionamentos sexoafetivos que Márcia teve ao longo da vida, combinados às expectativas sociais de que as mulheres, principalmente as que são

mães, liderem o espaço doméstico e provenham afetivamente as relações afetivas, justificam a constituição de uma subjetividade voltada ao cuidado preciso ou “controlador” da casa e dos filhos. Na análise de Márcia, os dois relacionamentos sexoafetivos que teve foram insatisfatórios; a última relação, inclusive, terminou, pois seu parceiro começou a se relacionar com uma amiga da filha de Márcia e acabou casando-se com a menina.

Dora, 62 anos, pedagoga aposentada, não parece perceber o cuidado da casa como aprisionador ou como algo que tire o “foco de si”:

Dora, senhora de 60 e poucos anos, de classe média, como de praxe, falou sobre seu dia a dia em casa, sobre suas preocupações com dinheiro - “para que não falte, tem que economizar”-, com a limpeza da casa, a boa alimentação e a aparência física – principalmente o peso que é “tudo que uma mulher deve se preocupar”, no seu julgamento. (Diário de campo)

Dora pegou a palavra e falou sobre seus progressos, que estão todos ligados ao cuidado com sua aparência física e com a casa: “a psicóloga me disse né ‘quero ver aquela casa brilhando’”. Ela falou, com muito orgulho e brilho no olhar, que varre a casa todos os dias, coloca “um cheirinho de lavanda nos banheiros”, que ficam limpos e perfumados: “aquele cheirinho de lavanda, humm, é muito bom, né, antes eu não sabia o que era isso”. (Diário de campo)

Dora faz terapia com uma psicóloga e, pelos seus relatos, segue à risca os conselhos da última. Os conselhos giram em torno de manter uma rotina, ocupar-se, alimentar-se bem, tomar banho todos os dias, arrumar-se, buscar distrair-se com afazeres domésticos e, eventualmente, sair com amigas. Dora tem o diagnóstico de depressão severa desde jovem e toma vários medicamentos psiquiátricos. Em sua perspectiva, e na perspectiva da psicóloga, ao que tudo indica, o cuidado do espaço doméstico é uma extensão do cuidado consigo mesma, já que

a mantém ocupada e cria uma rotina, criando entraves, supostamente, para a progressão de sua “doença”. Algumas outras frequentadoras da MADA, também percebem a dedicação ao lar de Dora como um avanço em sua “recuperação”:

(..) daí ela fala assim, é engraçado que ela se apega aos detalhes, “porque a minha casa, no fogão, eu abaixo a tampa e coloco uma toalhinha”, e toda a vez que eu olho pro meu fogão eu penso “o meu não tem tampa pra pôr toalhinha” (risos); toda vez que eu olho pro meu fogão eu lembro da Dora (...) parece que não é nada quando a gente houve, de ir lá e baixar a tampa do fogão, colocar uma toalhinha, mas pra ela faz muita diferença, mexe com a autoestima dela, é uma vitória, uma coisa que ela tá conseguindo manter, que ela conquistou. (Carla, 38 anos)

Embora Dora frequente assiduamente as reuniões seguindo o ritual de apresentação “Meu nome é Dora e eu sou uma mada em recuperação”, suas queixas associam-se muito mais à depressão que a problemas relacionados ao *amar demais*. Nunca a vi se identificando como “controladora”, “manipuladora”, “louca”, assim como também não presenciei relatos seus sobre dificuldades em se relacionar. Durante boa parte do campo, sua singularidade no contexto MADA me saltava aos olhos, inclusive eu me perguntava constantemente o que aquela mulher estava fazendo ali, já que seus problemas, aparentemente, eram tão diferentes dos das outras mulheres. Até que um dia,

(...) no momento das *partilhas*, me emocionou o relato de Dora – a suposta desviante do grupo – pela primeira vez senti empatia por ela e isso fez com que a visse com outros olhos. Ela falou sobre o que fala sempre: da importância de manter a casa limpa, arrumada, de se manter limpa e arrumada, porém, além disso, ela falou sobre a criação antiga que teve, na qual os papéis de homens e mulheres são bem definidos; falou também de maternidade, da dificuldade de criar

três filhos, do desespero de ter três filhos, de precisar criá-los e da relação disso com sua depressão, que possivelmente foi agravada por não conseguir dar conta dessa situação (maternidade), por talvez nunca tê-la desejado. (Diário de campo)

A partir deste momento, passei a ver Dora, por um lado, como mais uma mulher que reproduz as estruturas sociais do patriarcado, mais uma mulher que se adapta, ou tenta se adaptar, aos papéis de mãe, esposa, “dona do lar”; e, por outro, como uma transgressora, ao questionar seu desejo de ser mãe, já tendo sido, e relatar tão corajosamente seu desespero por ter tido filhos, associando sua situação emocional fragilizada à maternidade.

Várias autoras vêm refletindo sobre o mito do amor materno e sobre a maternidade como definidora da identidade feminina (GRISCI, 1995; NUNES, 2011; ÁVILA, 2015). A figura da mulher-mãe surge no seio da sociedade burguesa, no final do século XVIII, quando a mulher passa a ser objeto de grande interesse médico. A medicina ocidental da época, preocupada com os índices de mortalidade infantil e com a formação física e moral das crianças, percebe a importância de olhar para a relação mãe e filho. Neste contexto, a mãe passa a ser considerada “figura privilegiada” e principal responsável pelo cuidado com a prole (NUNES, 2011). Porém a concepção que se tinha sobre a mulher até o século XVII, herdada do cristianismo primitivo, era bastante negativa. O sexo feminino, tido até então como mais carnal, desregrado e dotado de sentimentos maléficos, entra em choque com a figura da mulher-mãe que se quer construir a partir do século XVIII:

No momento em que se propõe que a mulher deve ser a guardiã da família e da infância, coloca-se, porém, um grande problema: como delegar uma responsabilidade tão grande a um ser tão desqualificado? É nesse contexto que vemos surgir toda uma preocupação com a educação feminina. Ao mesmo tempo começa a ser construída uma imagem positiva da mulher, que passa então a ser vista como sensata,

modesta e ponderada, cujas ambições não ultrapassariam os limites do lar (Rousseau, 1992 [1762]). Transformar a mulher em mãe foi um processo que determinou uma reformulação profunda da imagem do sexo feminino característica das sociedades europeias até aquele momento. Isto demandou um apelo à ciência médica, que foi chamada a colaborar para descrever o que era uma mulher. (NUNES, 2011, p. 104).

Em diálogo com o historiador Thomas Laqueur e com a filósofa Elisabeth Badinter, Silvia Nunes nos mostra que as transformações sobre a imagem e o papel da mulher na sociedade serão bastante pautadas em uma teoria da diferenciação sexual e cultural, na qual homens e mulheres são pensados como radicalmente diferentes. A ideia do instinto materno que constituirá o mito do amor materno, se constrói neste mesmo período (2011). Desde então, a ideologia patriarcal utiliza-se de uma série de estratégias para reproduzir e manter a figura da mulher-mãe como um ideal de feminino, ignorando o sofrimento de muitas mulheres que, sendo ou não mães, desejando ou não a maternidade, se veem interpeladas por esta ideologia, impelidas a ocupar um lugar que, muitas vezes, não desejam.

Uma pesquisa realizada pela psicóloga Carmem Ligia Grisci, nos anos 90, na região metropolitana de Porto Alegre, com mulheres-mães de diferentes idades e classes sociais, demonstrou que a maternidade se constitui para muitas dessas mulheres como uma obrigação ao qual tiveram que cumprir, algo “natural”, “normal”, que nunca foi questionado por elas. Para algumas das interlocutoras a maternidade é vista como uma compensação pela precária vida conjugal, na qual o sexo, em alguns casos, servia só a fins reprodutivos. Estas mulheres relataram ter aprendido, desde cedo, a não tocar as próprias genitálias, assim como a reprimir todo e qualquer impulso sexual (1995). Embora tenhamos que considerar que se esta mesma pesquisa fosse realizada hoje, os resultados provavelmente seriam diferentes, julgo relevante trazê-la para o debate, na medida em que as vivências de sexualidade e conjugalidade das mulheres-mães pesquisadas por Grisci assemelham-se

as das participantes da MADA na faixa dos 60 anos, como Dora e Márcia. De todo o modo, a figura da mulher-mãe, com todos os estereótipos de feminino que lhe são inerentes, segue viva no imaginário coletivo, interpelando constantemente mulheres de diferentes classes, idades e origens étnico-raciais.

### 3.3 GÊNERO E EMOÇÕES: ATRAVESSAMENTOS POSSÍVEIS

As emoções vem sendo estudadas, há algum tempo, pelas ciências naturais, pela filosofia pela psicologia e pela antropologia. As abordagens destas diferentes áreas do conhecimento são diversas e dentro de cada uma coexistem linhas de estudos convergentes e divergentes. Contudo, pode-se afirmar que parte considerável destas abordagens possui um ponto em comum: a separação entre razão e emoção. Na tradição filosófica ocidental, a emoção não apenas é oposta à razão, como também potencialmente prejudicial ao conhecimento (JAGGAR, 1997). A tendência da epistemologia ocidental foi privilegiar a razão como porta de acesso ao conhecimento. As emoções, muitas vezes, eram tidas como ímpetos irracionais, que deveriam ser controlados pela razão.

As teorias positivistas, seguindo um rumo semelhante ao da tradição filosófica ocidental, buscaram separar a emoção tanto da razão como da percepção sensorial. Ao identificar as emoções como respostas diretas às reações físicas, ou movimentos corporais involuntários, as construções positivistas equipararam sensação e emoção, o que restringiu a última ao campo da fisiologia (JAGGAR, 1997). Em diálogo com Elizabeth Spelman, a filósofa Alison Jaggar, nos mostra que esta abordagem, chamada de Visão pouco Inteligente, é insustentável, pois o contexto em que são experienciadas determinadas sensações influenciará diretamente a vivência dessa emoção (1997).

Recentemente, em resposta à “Visão pouco Inteligente”, surgem, na psicologia e na filosofia, vertentes que defenderão o caráter cognitivista da emoção, definindo a última não pela qualidade ou característica da sensação fisiológica que pode estar associada a ela, mas por seu aspecto intencional, ou seja, pelo julgamento associado (JAGGAR, 1997). Desta forma, o que definirá minha insônia ou agitação noturna será “a ansiedade pelo primeiro dia de trabalho” ou “o



medo de não conseguir acordar com o despertador”. Estas vertentes do estudo das emoções, ainda que demonstrem um avanço em relação às abordagens positivistas, têm sido criticadas como excessivamente racionalistas, não aplicáveis a emoções presumivelmente espontâneas, automáticas ou globais, como os sentimentos generalizados de raiva, angústia, êxtase ou terror. As vertentes cognitivistas desprezam a complexidade, variedade e sutileza das respostas emocionais que os sujeitos experimentam ao longo da vida (JAGGAR, 1997) e acabam por perpetuar a oposição entre emoção e pensamento.

Em diálogo com a antropóloga Catherine Lutz, Jaggar argumenta que “as categorias dicotômicas de ‘cognição e afeto’ são elas mesmas construções culturais euro americanas, símbolos dominantes que participam da organização fundamental de nosso modo de olhar para nós mesmos e para os outros” (JAGGAR, 1997, p.160). Neste mesmo sentido, o próprio conceito de emoção, assim como o de inteligência, é uma invenção histórica (1997).

Na antropologia, desde o início do século XX, já se debatia o caráter social das emoções. Marcel Mauss foi um dos primeiros antropólogos a perceber as expressões de sentimentos como fenômenos sociais, marcados por manifestações não espontâneas e possuidores de caráter público (MAUSS, [1921]1979). Até então, as emoções eram vistas como fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, e, por isso, não eram estudadas pelas ciências sociais. No célebre texto “A expressão obrigatória dos sentimentos”, de 1921, Mauss observa o ritual oral de cultos funerários australianos, apresentando o caráter coletivo e regulamentar de cerimônias públicas funerárias. Ao descrever e analisar as etapas do culto dos mortos, o autor conclui que os ritos põem em ação sentimentos e ideias coletivas que nos permitem perceber a coletividade em ação e em interação (MAUSS, 1979). O autor revela que a expressão dos sentimentos depende da presença do outro e, também por isso, é coletiva:

Todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais-que-tudo meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos

são como frases e palavras. É preciso emití-los, mas é preciso só porque todo o grupo os entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica. (MAUSS, 1979, p.153).

Se as emoções são também coletivas e se a expressão de sentimentos é regulada e conformada por uma coletividade em ação e interação, como nos ensina Mauss, podemos concluir que as emoções não são estados absolutos, mas sim relações. David Le Breton, em seu livro “As paixões ordinárias: antropologia das emoções”, sugere que os sujeitos experienciam as emoções a partir da cultura afetiva em que estão inseridos, ou seja, a partir do repertório de sentimentos compartilhado pelos sujeitos daquela sociedade. Le Breton nos apresenta uma antropologia “do agente em cena”, na qual os sujeitos, a partir do conhecimento da cultura afetiva de seu grupo, que passa pelo conhecimento e reconhecimento de seu corpo, são capazes não apenas de expressar emoções “genuínas”, como também de fingi-las (1999).

Neste mesmo sentido, Jaggar nos mostra que somos frequentemente encorajados a controlar e até suprimir nossas emoções no contexto da cultura ocidental, erigida a partir de princípios racionalistas e patriarcais (1997). Porém, os sujeitos não são uniformemente estimulados a controlar suas emoções; as condições de classe, raça e gênero são constituidoras da subjetividade de um sujeito de tal forma que irão moldar sua sensibilidade para sentir, expressar ou controlar as emoções: “o controle dos homens brancos sobre sua expressão emocional pode chegar ao extremo de reprimirem suas emoções, não se desenvolvendo emocionalmente ou até perdendo a capacidade de experimentar muitas delas” (JAGGAR, 1997, p. 172).

Este controle dos homens brancos sobre suas emoções é um fenômeno que remonta à Antiguidade clássica. Foucault, ao analisar o conjunto de práticas dos gregos estoicos romanos que denomina “cuidados de si”, nos mostra como os homens do governo e os proprietários de escravos foram construídos para o domínio da

estratégia, da luta e dos discursos, o que os levava a temperar suas emoções:

Como um bom lutador, devemos aprender exclusivamente aquilo que nos permitirá resistir aos acontecimentos que podem produzir-se; devemos aprender a não nos deixar levar pelas emoções que poderiam suscitar em nós. (...) Ora, de que precisamos para poder manter nosso domínio diante dos acontecimentos que podem produzir-se? Precisamos de “discursos”: *lógoi*, entendidos como discursos verdadeiros e discursos racionais. Lucrécio fala de *veridica dicta* que nos permitem conjurar nossos temores e não nos deixar abater por aquilo que acreditamos ser infortúnios. O equipamento que precisamos para enfrentar o porvir é um equipamento de discursos verdadeiros. São eles que nos permitem afrontar o real. (FOUCAULT, 2006, p.605)

As emoções, consideradas frequentemente como entraves para a realização de objetivos e para o acesso ao “verdadeiro conhecimento”, têm sido associadas a membros de grupos subordinados, como os negros, os indígenas, os homossexuais e as mulheres. Embora não exista nenhuma evidência de que esta parcela da população tenha suas ações e pensamentos mais influenciados pela emoção, está claro que estes sujeitos são mais estimulados a expressar seus sentimentos (JAGGAR, 1997). Contudo, os diferentes grupos subordinados são estimulados a expressar determinadas emoções e desestimulados a expressar outras: enquanto a expressão da raiva é associada a homens negros de classes populares, o choro é associado a mulheres brancas de classe média.

Em oposição, a razão é associada a membros de grupos dominantes políticos, sociais e culturais, tendo como seu expoente máximo o homem branco heterossexual. Para Jaggar,

os estereótipos de homens impassíveis e mulheres emotivas continuam a florescer porque são confirmados por uma experiência cotidiana

acrítica. Nestas circunstâncias, onde há uma atribuição diferenciada da razão e da emoção, é fácil ver a função ideológica do mito do investigador imparcial. Funciona, obviamente para favorecer a autoridade epistêmica dos grupos correntemente dominantes, amplamente compostos de homens brancos, e para desmerecer as observações e reivindicações dos grupos comumente subordinados, incluindo, naturalmente aquelas dos negros e das mulheres. Quanto mais vigorosa e veementemente os últimos grupos expressarem suas observações e reivindicações, mais emotivos parecerão e mais facilmente serão desacreditados. A alegada autoridade epistêmica dos grupos dominantes justifica então sua autoridade política (JAGGAR, 1997, p.172).

Ao desconstruir o mito do investigador imparcial, demonstrando seu caráter classista, racista e sexista, Jagggar afirma que, embora nossa constituição emocional seja atravessada pelos valores desta sociedade capitalista, machista e hierárquica, as pessoas nem sempre experimentam as emoções convencionalmente aceitáveis. Para a autora, “a hegemonia que nossa sociedade exerce sobre a constituição emocional das pessoas não é total” (JAGGAR, 1997, p. 174). A filósofa irá chamar as emoções convencionalmente inaceitáveis de emoções proscritas. Estas emoções, com bastante frequência, são sentidas e expressas por indivíduos subordinados, já que sua situação social muitas vezes os torna incapazes de experimentar emoções convencionalmente prescritas (1997). Por exemplo, é mais provável que uma mulher, ao ser chamada de “gostosa” por um desconhecido na rua, ao invés de se sentir lisonjeada, se sinta invadida ou até assustada; e se essa mulher reagir de forma agressiva, xingando o desconhecido, possivelmente ele ficará surpreso e talvez até acuado.

Como as emoções são socialmente construídas, elas também podem ser reconstruídas à medida que se transformam os valores da sociedade nas quais estas emoções são sentidas e expressas. E mesmo que esta transformação seja tímida ou localizada, pode ganhar força em determinados contextos:

quando certas emoções são compartilhadas ou validadas pelos outros existe a base para formar uma subcultura definida por percepções, normas e valores que se opõem às percepções, normas e aos valores predominantes. Ao fornecer as bases para essa subcultura, as emoções proscritas podem se tornar subversivas tanto política como epistemologicamente (JAGGAR, 1997, p. 174).

Ao mostrar o caráter de resistência das emoções proscritas, Jaggar defende estas como emoções feministas, na medida em que incorporam percepções e valores feministas. A autora aponta para a relação dialética entre emoções proscritas e a teoria crítica social, sugerindo que as feministas precisam incorporar estas emoções ao construir a teoria feminista, assim como percebe que a crescente sofisticação da teoria feminista pode contribuir para a constituição de novas formas de sentir e expressar as emoções (1997).

Penso que a pluralidade dos feminismos contemporâneos tem contribuído consideravelmente para a emergência de análises feministas menos racionalistas, nas quais as emoções são percebidas como componentes legítimos de acesso ao conhecimento. As psicanalistas Emilce Bleichmar e Silvia Alexim Nunes, irão mostrar como a expressão das emoções, em diferentes contextos, comunica o rechaço aos valores gendrados de uma sociedade patriarcal, manifestando desejos não satisfeitos e quereres não realizados, reivindicando a ocupação de espaços outrora negados às mulheres.

Emilce Bleichmar, psicanalista francesa, analisa o fenômeno da histeria como resposta à opressão patriarcal que sofrem as mulheres. Ao longo da obra “O feminismo espontâneo da histeria”, a autora busca responder à pergunta: em que se fundamenta a predisposição da mulher à histeria? Ao defender a histeria como sintoma da estrutura conflitual vivida pelas mulheres em nossa cultura ocidental, a psicanalista nos mostra como a autonomia, requisito essencial aos decálogos de saúde mental, é oposta à feminilidade nas sociedades patriarcais ocidentais. Ao ter seus desejos negados ou ignorados, desejos que transgridem o

estereótipo da mulher como mãe e esposa, estas mulheres seriam diagnosticadas como histéricas.

Em diálogo com Freud e Lacan, reconhecendo as contribuições destes autores, mas também apontando suas limitações, Bleichmar recusa denominar a histeria no singular, caracterizando as diferentes formas de histerias, porém também aponta o que estas formas têm em comum, trazendo sua definição para a histeria:

As variantes da histeria – a personalicista – constituem uma série psicopatológica cujo eixo é constituído pelo grau de aceitação ou rechaço dos estereótipos sobre os papéis do gênero vigentes em nossa cultura. Mas em cada um destes quadros poderemos reconhecer uma estrutura genérica de toda a mulher: o profundo conflito narcisista que a relação desejo-prazer lhe provoca. (BLEICHMAR, 1988, p.140)

Em uma leitura antropológica com enfoque em emoções, poderíamos sugerir que são as diferentes emoções e o modo como são expressas que definirão as variadas histerias. Enquanto algumas mulheres diagnosticadas como histéricas apresentarão sintomas de friquidez, outras irão apresentar sintomas de hipersexualização; enquanto umas manifestarão agressividade e isolamento, outras manifestarão passividade e dependência. De toda a forma, as diferentes emoções manifestam resistência ao paradigma que associa feminilidade à maternidade e à conjugalidade (NUNES, 2011).

Ao analisar os perfis das *madras* e os diagnósticos das histéricas retratadas por Bleichmar, percebi algumas semelhanças. A chamada anoréxica sexual na MADA, caracterizada por “evitar compulsivamente o sexo” assemelha-se à histérica mulher frígida; a compulsiva sexual, que, muitas vezes, sofreu abuso sexual na infância, é parecida com a borderline-histérica, que, na teoria de Bleichmar também apresenta histórico de abuso. No entanto, a manifestação da “anorexia sexual” ou da “compulsão sexual” não é vista na MADA como resistência a uma situação de opressão vivida pelas mulheres. Embora no discurso MADA o desenvolvimento da “doença de amar demais” tenha causas plausíveis,

estas causas são associadas a uma “infância disfuncional”, na qual a criança “não teve suas necessidades atendidas”.

Enquanto Bleichmar busca identificar as condições de emergência do comportamento “anormal” das mulheres diagnosticadas como histéricas, a MADA conforma discursos e práticas baseando-se em regimes de verdade patologizadores, que desconsideram os contextos sócio culturais em que são desenvolvidas as relações. Na teoria da psicóloga a manifestação da histeria nas mulheres está associada ao conflito narcisista marcado pela perda do Ideal Feminino Primário – representado pela figura da mãe – que elas desenvolvem dentro de uma cultura patriarcal opressora, na qual homens e mulheres crescem desvalorizando o gênero feminino. A constituição da subjetividade das mulheres será então marcada por uma desvalorização de si mesmas, pela identificação de seu gênero como deficiente e inferior (BLEICHMAR, 1988).

Embora a relação entre a cultura patriarcal e a produção de sujeitos mulheres que amam demais pouco ou nada apareça no discurso MADA, em alguns momentos, durante o campo, essa relação apareceu na expressão das emoções e nos discursos das interlocutoras. Seguidamente as falas nesse sentido eram acompanhadas de um tom de indignação, inconformidade e resistência, não raro expressavam raiva, mas também coragem e resiliência. Estas emoções, que Jaggar chamaria de emoções proscritas ou feministas, quando manifestas nas reuniões da MADA, causavam certo desconforto, mas jamais eram rebatidas, por conta da regra de que “não se deve dar retorno”. Dessa forma, se por um lado o contexto institucional conduz a um controle emocional, fomentando a expressão de dadas emoções em dados momentos, por outro abre brechas para expressões singulares, na medida em que as frequentadoras da MADA sabem que não receberão conselhos e nenhum tipo de retorno durante suas partilhas.

A socióloga Carolina Ferreira, em diálogo com Lutz, Abu-Lughod, Rezende e Coelho, toma a cultura terapêutica produzida na MADA como instância pedagógica do aprendizado emocional e do controle emotivo e também como (re)organização social do sofrimento amoroso (2016). A autora, que realizou extenso trabalho de campo em grupos de ajuda mútua como MADA e DASA, aponta como as retóricas do controle emocional são produzidas em meio à coexistência de

diferentes dinâmicas de gênero. A análise dos discursos e da expressão das emoções na MADA mostrou à socióloga como a reprodução de padrões normativos de gênero, como as supostas tendências femininas ao descontrole e à fragilidade emotiva, coexistem com outras discursividades de gênero, algumas inclusive atreladas a reivindicações feministas, como questionamentos a respeito da divisão de tarefas domésticas e do cuidado com os filhos (FERREIRA, 2016).

Como já apontado no capítulo II, nos grupos MADA de Curitiba também coexistem diferentes discursividades de gênero, assim como diferentes formas de expressar as emoções. A todo momento, no campo, os diferentes discursos se tangenciam e se sobrepõem. Vi muitas vezes uma mesma interlocutora reafirmar padrões de gênero ao reproduzir o discurso de que “mulheres são viciadas em amar, enquanto homens são viciados em evitar o amor”, e refutar estes mesmos padrões ao se recusar a se relacionar com homens que, em seu julgamento e em sua experiência, seriam causadores de sofrimento a esta mulher. Neste caso, cabe a máxima “antes só do que mal acompanhada”.

A coexistência das diferentes discursividades de gênero, assim como os paradoxos e oscilações manifestos nas formas de ser, pensar, agir e sentir das sujeitas na MADA, para além de nos informarem sobre os regimes de verdade da instituição e sobre o modo como esta produz sujeitos que amam demais, refletem também as dinâmicas de gênero das sociedades contemporâneas, nas quais estas diferentes discursividades estão inseridas. Ainda que as discussões e práticas feministas venham se intensificando há décadas, alguns avanços na igualdade de gênero ainda são bastante recentes e outros ainda nem ocorreram, fato que justifica a nossa eventual confusão, medo ou receio ao ocupar determinadas posições e exigir determinados direitos; fato que justifica a oscilação no modo de organizar nossa experiência no mundo e de expressar nossas emoções. As contradições, nesse sentido, se fazem presentes dentro e fora da MADA, na medida em que ser mulher, assim como ser homem, pode ter muitos significados, ao mesmo tempo em que significa, em alguns contextos mais do que em outros, ocupar um papel fixo dentro da dinâmica patriarcal.

### 3.4 A GANGORRA DO AMOR



Na perspectiva institucional, uma “mulher que ama demais”, frequentemente se envolve com um homem “viciado em evitar”, vivendo um relacionamento “interviciado”. O relacionamento “interviciado”, no discurso MADA, caracteriza-se pela “corrida do gato e rato”, na qual uma pessoa persegue a outra, que por sua vez esquiva-se. A dinâmica deste tipo de relação, de acordo com a MADA, constrói-se a partir da doação excessiva de um lado e da ausência de doação do outro. Enquanto “a viciada em amar” dedicaria a maior parte do seu tempo e atenção ao parceiro, o “viciado em evitar” faria o oposto, evitando e rejeitando sua parceira. Esta dinâmica costuma ser associada a um jogo, no qual se ganha ou se perde:

Pelo que eu vejo dos relacionamentos não saudáveis, tem uma pessoa que se doa muito e uma outra pessoa que se doa pouco, ou que não se doa, e daí é uma competição pra ver quem consegue ser mais frio, ou quem consegue ser mais carinhoso, enfim, é sempre uma competição, e eu acho que o relacionamento não é uma competição – agora, né? - sempre tem muito aquela coisa de ganhar ou perder, sabe, de quem tá por cima, quem tá por baixo. É realmente tipo um jogo, quem tá ganhando, quem tá perdendo, e eu acho que isso não é nem um pouco saudável (...). Eu sempre levei muito essa coisa do jogo, né, eu ainda tenho muito isso, de querer impressionar, ou de querer não demonstrar que tô muito interessada pra não me magoar. (Aline, 19 anos)

O discurso institucional, heteronormativo e afirmador de padrões tradicionais de gênero, fala de uma tendência a que as posições de “gato” e “rato” sejam desempenhadas, respectivamente, pelo homem e pela mulher na relação. Contudo, este mesmo discurso admite a possibilidade das posições serem invertidas, assim como da mesma pessoa desempenhar os dois papéis. A mulher pode começar sendo a “perseguidora” enquanto o homem o “rejeitador”; na medida em que ela desacelera o ritmo da busca, as posições se invertem, passando ele a correr atrás dela e ela a rejeitá-lo.

Na experiência das interlocutoras quase sempre é assim: as posições se alternam constantemente na relação. Embora a grande maioria das frequentadoras da MADA se reconheça nas características da “viciada em amar” e identifiquem seus parceiros ou parceiras, filhos ou filhas, como “viciados em evitar”, nos relatos os papéis se alternam e se sobrepõem:

Hoje iniciamos com a leitura do IP 12<sup>20</sup> que falava sobre o viciado em amar e o viciado em evitar – a corrida do gato e do rato, nas palavras de Rosa. Este texto foi extraído do livro *O vício de amar*. Rosa iniciou os comentários/partilhas falando que numa relação interviciada é muito comum a mesma pessoa ora agir como viciado em amar ora como viciado em evitar. Falou de seu último casamento e das estratégias utilizadas pelo marido para evitar a intimidade: arrumar compulsivamente coisas na casa - “ele chegava a estragar para poder arrumar” -, dormir muitas horas seguidas. Ela se sentia tão sufocada na relação que inventava viagens para outro estado e muitas vezes se via vagando sozinha pelas ruas da cidade (Diário de campo).

No intervalo, Boni me deu alguns *folders* – Ips – e começou a me explicar algumas coisas que não estavam escritas ali, conclusões aparentemente baseadas em sua experiência. Me disse que o viciado em evitar também é uma *mada* e que muitas vezes a mesma pessoa pode ser as duas coisas (viciada em amar e viciada em evitar). Ela citou algum diretor de teatro e falou da *gangorra do amor*, na qual sempre um está por cima e o outro por baixo, sendo muito difícil achar esse equilíbrio, mesmo em relacionamentos saudáveis. (Diário de campo)

---

<sup>20</sup> Informativo o público n° 12: material instrucional em formato de *folder* que se caracteriza pela condensação de trechos da literatura MADA.

A identificação pelas interlocutoras de que há uma troca constante de papéis na relação conflui com o discurso, que ouvi várias vezes no campo, de que as mulheres podem ser tanto violentas, como violentadas, assim como os homens. A maior parte das mulheres na MADA, em suas trajetórias na instituição, recusa a posição de vítima na relação, recusa o desagenciamento que o papel de vítima lhes confere perante situações de violência. Os discursos sobre a responsabilização pelos próprios atos e escolhas e sobre os “50% de cada um na relação”, desenvolvidos no 2º capítulo, vão ao encontro desta recusa da posição de vítima.

Vários autores e autoras têm debatido o conceito de vítima e o desagenciamento que a polarização “vítima-agressor” traz às mulheres em casos de violência conjugal (GREGORI, 1993; GROSSI, 1998; SEGATA, 2014; RIFIOTIS, 2003, 2015). Jean Segata percebe a violência como um “fenômeno relacional, comunicacional e não essencial” (2014, p.6). Em diálogo com Theóphilos Rifiotis, Segata chama atenção para a tendência dos processos de judicialização em abordar a violência conjugal de forma a criminalizá-la e estigmatizá-la; de acordo com o autor, esta forma de buscar combater a violência tende a focar nas dimensões de culpabilidade, desconsiderando a situação vivencial das violências relatadas. Ao buscar superar a polarização “vítima-agressor”, Segata sugere que ambos são sujeitos da violência, ou seja, ambos tem agência nas situações de violência (2014).

Neste mesmo sentido, Miriam Grossi nos apresenta duas grandes correntes dos estudos de gênero para pensar a violência conjugal. O primeiro paradigma, centrado nas teorias do patriarcado, tende a essencializar a violência ao naturalizar os papéis assumidos por homens e mulheres, segundo a autora. Ancorado na noção de “fragilidade natural das mulheres” combinada à suposta universalidade da subordinação das mulheres aos homens, este paradigma segue a lógica binária, ao fazer recair sempre sobre o homem o papel de agressor e sempre sobre a mulher o papel de vítima (1998). Dentro dos estudos de gênero, Grossi se identifica com o segundo paradigma, aquele que analisa a violência como parte da relação afetivo/conjugal:

O segundo paradigma tem como pressuposto que não se pode isolar o pólo da mulher para entender a violência em uma relação afetivo-conjugal, que

é necessário percebê-la tanto a partir do vínculo afetivo/conjugal construído a partir da comunicação de cada casal, quanto a partir do contexto cultural no qual este casal se insere. Para esta corrente, na qual me incluo, a violência doméstica é o resultado de complexas relações afetivas e emocionais, não restritas ao âmbito da heterossexualidade. Podendo também ocorrer em relações afetivas envolvendo duas mulheres ou dois homens. A ampliação da reflexão sobre a violência conjugal ao âmbito das relações homoeróticas permite, no meu entender, duvidar das teorias feministas centradas na concepção de que são os homens, enquanto representantes do patriarcado, os “culpados” da violência doméstica, uma vez que permite constatar que também há violência de mulheres contra mulheres e de homens contra homens em relações afetivo-conjugais e não apenas de homens contra mulheres, situação na qual as mulheres são sistematicamente percebidas como vítimas da violência masculina. Da mesma forma esse descentramento da violência do polo masculino nos permite observar que as mulheres são coparticipantes das cenas de violência doméstica. (...) Uma das novas formas de entender a violência doméstica sugere que a violência seja uma linguagem que estrutura o contrato conjugal de muitos casais. (GROSSI, 1998, p. 303-304).

Este é um debate bastante polêmico, que deve ser analisado com cautela. Por um lado concordo com Segata quando ele fala em sujeitos da violência conjugal, assim como concordo com Grossi quando ela sugere que o contrato conjugal de muitos casais está estruturado na linguagem violência; por outro lado, percebo que estes sujeitos da violência não estão em posição de igualdade durante os atos de violência e este é um fator fundamental para compreender a dinâmica da violência conjugal. Mesmo se concordamos com o fato de que as mulheres são coparticipantes das cenas de violência doméstica (GROSSI, 1998), há

que se considerar que no momento da agressão física, em casos de espancamento, por exemplo, emoções como medo, pavor e desespero tem o potencial de desestruturar e desagenciar o sujeito espancado. No chamado ciclo da violência, os atos de agressão costumam ser seguidos – nas horas ou nos dias seguintes – por juras de amor e pedidos de perdão, que, supostamente inverteriam as posições de poder e agência entre o casal. E mais uma vez, as emoções entram em jogo complexificando a dinâmica da relação conjugal, evidenciando as contradições e fragilidades de cada sujeito da violência. Assim, entendo que o poder de agência dos sujeitos da violência é instável e cambiante e, que, muitas vezes, a gangorra do amor mostra-se frequentemente pendendo para o mesmo lado, que detém o domínio da situação.

Confrontando estas perspectivas sobre a violência conjugal com as análises das próprias participantes da MADA da dimensão que a violência toma em suas relações sexo afetivas, podemos visualizar algumas confluências. Ao recusarem a posição de vítima, estas mulheres buscam entender a dinâmica de suas relações para descobrir por que elas se envolvem em relacionamentos abusivos. Todavia, ao buscar estas respostas para não mais envolver-se em relações que causem sofrimento para as interlocutoras, elas encontram uma receita de recuperação, na qual apenas aparentemente superam-se os binarismos e essencialismos que categorizam e estereotipam homens e mulheres. Embora o binarismo “vítima-agressor” seja recusado na instituição, as categorias “viciado em amar” e “viciado em evitar” seguem sendo associadas a mulheres e a homens, respectivamente. No discurso institucional, as mulheres seguem sendo manipuladoras, sedutoras e controladoras e os homens seguem sendo frios, distantes, fugidios e relutantes.

No entanto, a experiência das interlocutoras, como já apontado, nem sempre reflete o discurso institucional. A metáfora da gangorra do amor, na qual as posições se alternam constantemente, na qual a relação é um jogo onde rapidamente aquele que estava por cima se vê por baixo, onde o poder de controle se alterna na medida em que se invertem as posições, parece representar bem as dinâmicas vivenciadas por muitas das participantes da MADA. E é na inversão de papéis que, muitas vezes, se evidenciam as violências, como se percebe na análise de Ana sobre seus dois últimos relacionamentos:

O meu relacionamento tinha ido pro brejo... eu sabia que não era saudável, não tinha compatibilidade de nada ali e já tava numa situação que ela tinha me enforcado e eu ainda continuei na relação, porque eu acreditei na mentira que eu contei pra mim mesma que ela falou que não fez aquilo e aconteceu aquilo e eu descobri que eu também... eu sou agressiva, só que naquele dia que aconteceu tudo eu tinha vindo de uma reunião [do MADA], eu tava tranquila, daí no outro dia ela apareceu lá em casa pra ver o que aconteceu e tal, porque senão [se não tivesse ido na MADA no dia anterior] eu acho que eu tinha matado ela, assim, eu falo pra você tranquilamente, eu teria matado ela, porque eu já... a pessoa que me fez chegar no MADA eu agredi ela e na hora que essa minha ex tentou me enforçar eu só pensei na primeira relação, eu pensei nela e falei “nossa, eu senti tudo que ela sentiu”, sabe, o que ela passou na minha mão, eu senti, até aquele dia eu achava que ela [a ex anterior, que levou Ana ao MADA] era a filha da puta da relação, depois daquele dia eu vi que eu era a filha da puta (Ana, 30 anos).

Das oito interlocutoras que entrevistei, três relataram ter chegado muito perto de matar seus companheiros ou companheiras, sendo que uma das três realmente tentou matar seu parceiro com uma faca, fato que desencadeou sua internação: “A sorte é que ele fechou a porta na minha cara bem na hora, senão eu tinha matado ele”, me disse ela. Não tenho dados para afirmar se a dinâmica da relação conjugal nestes três casos era pautada pela violência mútua, mas, ao que tudo indica, nestas relações específicas as interlocutoras não sofreram agressão física. No entanto, mesmo na hipótese de que as agressões físicas que essas mulheres cometeram pudessem ser enquadradas como legítima defesa, o ponto aqui é que nas narrativas, as tentativas de homicídio, ou agressões graves não aparecem como defesa ou revide, e sim como atos de violência.

Em outros momentos no campo apareceram relatos – ainda que poucos – de violência doméstica, nos quais as mulheres se colocaram como vítimas de seus companheiros ou companheiras em situações de agressão física e sexual; inclusive, a mesma interlocutora que relatou ter tentado matar seu ex-marido com uma faca, afirmou ter sido vítima de espancamento e estupro durante anos em uma relação anterior. Esta mulher disse mais de uma vez nas reuniões que este marido que ela tentou matar foi a melhor relação que ela teve na vida, muito diferente da relação com ex-marido que a agredia. Assim, percebe-se que estas e outras frequentadoras da MADA já estiveram nas duas pontas da gangorra e que refletem sobre suas posições na relação, mostrando que sabem diferenciar as situações em que foram vítimas, das situações em que foram violentas, das situações em que a violência era mútua.

A metáfora da gangorra do amor também nos remete para a possibilidade de equilíbrio nas relações, um equilíbrio que é constantemente buscado pelas mulheres na MADA, mas, como disse Boni, “é muito difícil de atingir, mesmo em relações saudáveis”. Me pergunto se essa dificuldade de atingir o equilíbrio não está mais ligada à idealização deste equilíbrio do que aos obstáculos encontrados pelas frequentadoras da MADA para transformar partes de si que consideram problemáticas e que as levam, supostamente, a se envolver em relacionamentos destrutivos. Da mesma forma como o “amor saudável” é idealizado na MADA, o equilíbrio que caracterizaria este amor também toma dimensões inalcançáveis. Há ainda que se considerar a desigualdade de gênero como fator complicador para o encontro do equilíbrio nas relações, particularmente nas relações heterossexuais, mas não apenas nestas.

Por fim, a ideia do amor como gangorra nos conduz a pensar o amor como jogo, no contexto MADA e para além dele. Um jogo que pode ser competitivo, mas também pode ser divertido, ao mesmo tempo ou não. Um jogo que pode te fazer sofrer, mas que também dá aquele friozinho na barriga, aquele desejo de seguir jogando, de buscar novos parceiros e parceiras pra jogar, de buscar outros de jeitos de jogar, de inventar novas regras, de recusar regras impostas. A gangorra do amor é esse jogo cheio de paradoxos e singularidades, um jogo que pode ser previsível e doloroso, pode nos fazer desistir de jogar, mas também pode nos reinventar.





## CONCLUSÃO

A instituição MADA, com seus regimes de verdade carregados de binarismos e paradoxos, oferece às suas participantes um caminho para superar os problemas de relacionamento vivenciados por elas. Ao propor estratégias terapêuticas voltadas ao autocuidado, ao fortalecimento da autoestima e ao desenvolvimento da autonomia, a MADA conquista muitas das mulheres que chegam às reuniões e que, rapidamente, se tornam servidoras. O ambiente acolhedor, solidário e generoso apresenta-se, para a maior parte das mulheres, como solo profícuo para o alívio da dor que as levou até a instituição.

No entanto, a dinâmica de tratamento da MADA, que segue o modelo de 12 passos dos grupos de ajuda mútua, como AA e NA, gera controvérsias, produzindo diferentes efeitos nas trajetórias das frequentadoras da instituição. Os preceitos heteronormativos, a crença no poder superior como base da “recuperação” e as normas rígidas de conduta levam algumas mulheres a seguirem trajetórias dissidentes. Os diferentes perfis de frequentadoras, principalmente nos quesitos idade e orientação sexual, também contribuem para a variedade de vivências de “recuperação”.

O discurso MADA, ao crer no “amar demais” como doença segue uma perspectiva patologizadora das emoções. Esta crença reforça padrões tradicionais de gênero, já que a suposta doença ou dependência causada pelo amor em excesso é vista como uma tendência feminina, que teria raízes culturais e biológicas, de acordo com a terapeuta familiar Robin Norwood, autora do livro que inspirou a formação dos grupos MADA pelo Brasil e pelo mundo. A apostila de textos da MADA, que traz histórias das pacientes de Norwood, nos apresenta personagens bastante estereotipadas: mulheres-mães-donas-de-casa controladoras e salvadoras e homens solitários e distantes, obcecados por trabalho ou esportes. No entanto, muitas interlocutoras se identificam com as experiências relatadas por Norwood, assim como com o discurso patologizador das emoções que toma o “amar demais” como gerador da dependência de relacionamento. Esta identificação faz com que as mulheres relatem experiências de relacionamento semelhantes às das personagens do livro de Norwood, em suas formas e

conteúdos, assim como se vejam uma na fala da outra nas reuniões da MADA.

Assim como as regras de conduta da MADA e suas estratégias de tratamento conformam práticas e discursos, produzindo sujeitos que amam demais, elas também promovem o autoconhecimento, a autonomia e a independência, encaminhando as participantes da MADA a fazerem escolhas que reflitam seus desejos e necessidades; e é na busca por essa liberdade que há espaço para a expressão das singularidades e também para a manifestação das resistências, é nestas frestas que os discursos na MADA encontram os discursos feministas. A MADA opera assim um duplo movimento que singulariza e dessingulariza da experiência dos sujeitos, possibilitando diferentes percursos na instituição, percursos que vão além da incorporação de padrões institucionais, que produzem diferença e que por seus caracteres imprevisíveis e casuais são acontecimentos (DERRIDA, 2012).

Os relatos de experiência das interlocutoras muitas vezes não encontravam eco no discurso institucional, mesma daquelas interlocutoras que seguem o programa MADA de forma rigorosa e disciplinada. As vivências destas mulheres extrapolam as expectativas da instituição criando, às vezes, conflitos e tensionamentos que ora são simplesmente ignorados pela maior parte das participantes, ora provocam uma abertura para a reelaboração do discurso institucional. A combinação da frequência na MADA com as terapias individuais, com as (des)crenças religiosas, com as leituras de diversas literaturas, entre elas literaturas feministas e a literatura MADA – que não é totalmente homogênea – produz dinâmicas próprias de tratamento na MADA, levando a trajetórias singulares na instituição.

Se o discurso institucional reforça padrões tradicionais de gênero, ele também fomenta suas desconstruções. Ainda que as regras e premissas da instituição creditem os problemas de relacionamento apresentados pelas mulheres às suas “infâncias disfuncionais”, desconsiderando a desigualdade de gênero nos âmbitos social, cultural e político, a MADA estimula o olhar crítico para as relações e para suas dinâmicas opressoras e violentas. Ainda que os regimes de verdade e as estratégias institucionais, em muitos momentos, reforcem os binarismos nas relações, conduzindo as mulheres a buscarem um ideal de “amor saudável”, a MADA aponta um caminho possível para o encontro do

equilíbrio nas relações amorosas, para a superação do sofrimento que levou aquelas mulheres até a MADA. Um caminho que serve mais para algumas mulheres do que para outras. De todo o modo, a MADA balança a gangorra do amor, pois convida as mulheres que passam pela instituição a olhar para suas experiências amorosas, a refletirem sobre as condições de emergência de seus sofrimentos assim como para os efeitos da vivência de relacionamentos.



## REFERÊNCIA

- BAUMAN, Zygmunt. Prefácio; Apaixonar-se e desapaixonar-se. In: \_\_\_\_\_. *Amor líquido* – sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BLEICHMAR, Emilce. *O feminismo espontâneo da histeria: estudo dos transtornos narcisistas da feminilidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- CAMPOS, Edemilson Antunes de. *Alcoolismo, doença e pessoa: uma etnografia da associação de ex-bebedores Alcoólicos Anônimos*. 2005. 219 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.
- COSTA, Jurandir Freire. Introdução; Utopia sexual, utopia amorosa. In: \_\_\_\_\_. *Sem fraude nem favor* – estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- \_\_\_\_\_. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento/ Une certaine possibilité impossible de dire l'événement (Tradução de Piero Eyben). *Revista Cerrados*, v. 21, n. 33, 2012.
- DUMONT, Louis. Introdução. In: *Homo hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações*. São Paulo: Ed. da USP, 1997 [1966].
- FERREIRA, Carolina Branco de Castro. *Desejos regulados: grupos de ajuda mútua, éticas afetivo-sexuais e produção de saberes*. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia) – UNICAMP, Campinas, 2012.
- \_\_\_\_\_. O gênero do amor. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.1, n. 24, 2016.

FERRI, Cleusa Pinheiro; GALDURÓZ, José Carlos Fernandes. *Critérios diagnósticos: CID-10 e DSM. Eixos, políticas e fundamentos.* Disponível em: <<http://aberta.senad.gov.br/modulos/capa/criterios-diagnosticos-cid-10-e-dsm>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *A hermenêutica do sujeito.* São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *A história da sexualidade II: o uso dos prazeres.* Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *A história da sexualidade III: o cuidado de si.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *Corpos doces.* In: \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão.* Petrópolis, RJ: Vozes. 2009.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas.* São Paulo: Editora UNESP, 1994.

GROSSI, Miriam. *Rimando amor com dor: reflexões sobre a violência no vínculo conjugal.* In: GROSSI, Miriam; PEDRO, Joana Maria (Org). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinarietà.* Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.

GRISCI, Carmem Ligia Iochins. *Mulher-mãe. Psicologia, ciência e profissão,* Brasília, v. 15, n. 1-3, 1995.

HEILBORN, Maria Luiz; PEIXOTO, Mônica Monteiro. *Mulheres que amam demais: conjugalidades e narrativas de experiência de sofrimento.* *Estudos Feministas,* Florianópolis, n. 24, jan./abr. 2016.

INGOLD, Tim. *Repensando o animado, reanimando o pensamento.* *Espaço Ameríndio,* Porto Alegre, v. 7, n. 2, jul./dez. 2013.

JUNIOR, Durval, Muniz de Albuquerque. A história em jogo: a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 79-100, jan./dez. 2004.

JAGGAR, Alisson. M. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: BORDO, Susan R.; JAGGAR, Alisson. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

LE BRETON, David. *La antropología de las emociones*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MALUF, Sônia, W. Inventário dos males, crise e sofrimento em itinerários terapêuticos e espirituais nas culturas da nova era. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 4, n. 4, jul. 2003.

MAUSS, Marcel. *A expressão obrigatória dos sentimentos*. In: \_\_\_\_\_. São Paulo: Editora Ática, [1922]1979.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

NORWOOD, Robin. *Mulheres que amam demais anônimas*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1985.

NUNES, Silvia A. Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 2, 2011.

OLEGÁRIO, Maria da Luz; AQUINO, Mirian de Albuquerque. Discursos sobre a afetividade feminina: falando e aprendendo a amar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10, 2013, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis, 2013.

ORTNER, Sherry B. Subjetividade e crítica cultural. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375-405, jul./dez. 2007.

PARDO, Astrid Johana. *Quando amar é sofrer: um estudo etnográfico no grupo de ajuda mútua MADA*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, RJ, 2012.

PROCÓPIO, Adélia de Souza. *Quando amar é sofrer: um estudo dos discursos sobre gênero e afetividade das mulheres que amam demais*. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

ROLNIK, Sueli. Uma nova suavidade? In: GUATARRI, Felix; ROLNIK, Sueli (Org.). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SANTOS, Marinês, R.; PEDRO, Joana Maria. Práticas de consumo e identidades de gênero: representações da dona de casa moderna na Revista Casa & Jardim. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 11, n. 19, p. 169-182, jul./dez. 2009.

SARDENBERG, Cecília M. B. Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: TRILHAS DO EMPODERAMENTO DE MULHERES – PROJETO TEMPO, UFBA, Salvador, Bahia, 2006. **Comunicação oral**, UFBA, Salvador, Bahia, 2006.

SILVA, Juliana Ben Brizola da Silva. *Quando amar é um problema: os significados de amar demais a partir do grupo Mada*. 2008. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SEGATA, Jean. A “vítima” é a parte mais frágil da relação? A antropologia e a violência conjugal. *Revista Direito*, Rio do Sul, SC, ano 1, n. 1, abr. 2010.

VEYNE, Paul. *Comment on Écrit l’Histoire*. Paris: Seuil, 1971.



WAGNER, Roy. A presunção da cultura. In: \_\_\_\_\_. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental e gênero*. In: 11º SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, Florianópolis, 2017.  
**Palestra.**



## ANEXO A: OS 12 PASSOS DE MADA

O programa de recuperação de Mada é baseado nos 12 Passos, adaptados de A.A. Os Passos ajudam na nossa recuperação.

01. Admitimos que éramos impotentes perante os relacionamentos e que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.

02. Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmas poderia devolver-nos à sanidade.

03. Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.

04. Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmas.

05. Admitimos perante Deus, perante nós mesmas e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.

06. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.

07. Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.

08. Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.

09. Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem.

10. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos erradas, nós o admitíamos prontamente.

11. Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar o nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade.

12. Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem às mulheres que ainda sofrem e praticar estes princípios em todos os nossos relacionamentos.

## **ANEXO B: AS 12 TRADIÇÕES DE MADA**

Assim como os Doze Passos ajudam na nossa recuperação, as Doze Tradições ajudam a manter a unidade do grupo.

01. Nosso bem estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de MADA.

02. Somente uma autoridade preside, em última análise, ao nosso propósito comum: um Deus amantíssimo que se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossas líderes são apenas servidoras de confiança, não têm poderes para governar.

03. Para ser membro de MADA, o único requisito é o desejo de evitar relacionamentos destrutivos.

04. Cada Grupo de MADA deve ser autônomo, salvo em assuntos que afetem outros Grupos ou MADA como um todo.

05. Cada Grupo possui um único propósito primordial: transmitir a mensagem à MADA que ainda sofre.

06. Nenhum Grupo de MADA jamais deverá sancionar, financiar ou emprestar o nome de MADA a qualquer sociedade ou empreendimento alheios à Irmandade a fim de evitar que problemas de dinheiro, propriedade ou prestígio nos desviem do nosso propósito primordial.

07. Todos os Grupos de MADA deverão ser absolutamente autossuficientes, rejeitando quaisquer contribuições ou doações de fora.

08. MADA deverá manter-se sempre não profissional, embora nossos centros de serviço possam contratar funcionários especializados.

09. MADA jamais deverá organizar-se como tal; podemos, porém criar comitês ou juntas de serviço, diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviço.

10. MADA não opina sobre questões alheias à irmandade, portanto o nome de MADA jamais deverá aparecer em controvérsias públicas.

11. Nossa política de relações públicas baseia-se na atração, não na promoção. Cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, rádio, cinema, televisão ou em outros meios públicos de comunicação.

12. O anonimato é o alicerce espiritual de nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades.